

PROBLEMAS POLITICOS CONTEMPORANEOS

Nº 2

PLINIO SALGADO

O Sofrimento Universal

2.^a

Edição

35

LIVRARIA - JOSE' OLYMPIO - EDITORA
RIO DE JANEIRO

Voz do Oeste

Romance de

PLINIO SALGADO

"O romance de Plinio Salgado é um grito de angustia da terra brasileira. Esse grito de angustia ha de ser ouvido com o tropel historico das milicias dos novos bandeirantes verdes a caminho da grande patria do futuro."

Gustavo Barroso

"A Voz do Oeste", de Plinio Salgado, fascinante romance historico sobre o periodo das bandeiras, apresenta particular interesse em um momento como este em que o renascimento vigoroso dos sentimentos patrioticos leva um numero cada vez maior de brasileiros, sobretudo da nova geracao, a estudar tudo que se relaciona com as origens e o desenvolvimento formativo da nacionalidade."

Azevedo Amaral

"A historia da bandeira é neste livro um simples pretexto para a exaltação do significado profundamente brasileiro desse movimento expansionista que não nas accidentaes caças ao ouro e ao indio têm sua finalidade, mas sim na propria realização da unidade nacional, objectivo maximo da nossa evolução até agora realizada."

Helio Vianna

PLINIO SALGADO

Plinio José de Campos
19/8/1941.

**O Sofrimento
Universal**

2.^o Edição

1934

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO — EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110

RIO DE JANEIRO



Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>
Deus - Pátria - Família

Aos leitores da 2.a edição

A segunda edição de "O Sofrimento Universal" vem a lume apenas dois mezes após a sahida da primeira. Isso demonstra como as idéas novas interessam hoje, vivamente, o nosso povo.

Nada accrescentei a estas paginas, limitando-me a corrigir alguns erros que escaparam á revisão da tiragem anterior.

O segundo volume da série a que me refiro no prefacio da primeira edição deste livro apparece juntamente com esta edição, sob o titulo "A quarta humanidade".

Vou, assim cumprindo minha promessa.

S. Paulo, 30 de outubro de 1934.

PLINIO SALGADO

Palavras á 1.ª edição

Este livro é o primeiro volume de uma série de commentarios e de estudos que offereço ás gerações novas do Brasil. Neste volume sahem, em forma definitiva, alguns trabalhos publicados no jornal "A Razão". O segundo trará as conferencias realizadas nas Faculdades de Direito de S. Paulo e de Recife, na Academia Paulista de Letras, na sociedade "Muse Italiche". Os restantes conterão, além de trabalhos inéditos, outros publicados, não só na "A Razão", como no "Correio Paulistano", "Diario de São Paulo", "Hierarchia", "A Nação", "A Platéa", "Folha da Noite", além de mensagens e proclamações aos moços desde 1926 a 1933.

A publicação desta série de livros attende aos reclamos que me têm chegado de todos os pontos do paiz. Considero esta colleção de escriptos a minha propria biogra-

phia, a unica digna do meu desesperado esforço de affirmação nacional.

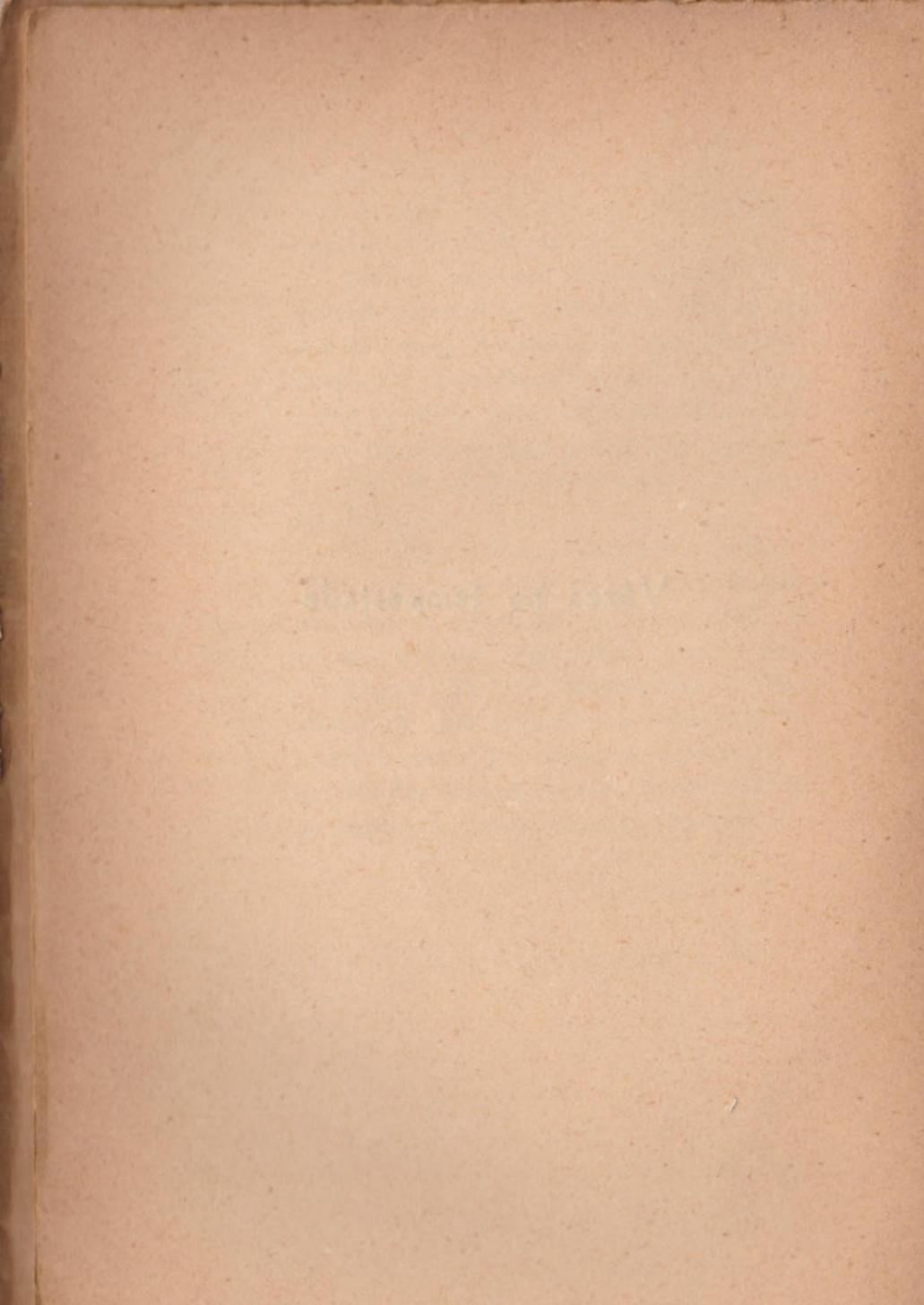
Julgo um dever imperioso dedicar este primeiro volume ao meu amigo Alfredo Egydio de Souza Aranha, que, com os maiores sacrificios, numa hora tragica para a Nacionalidade, abriu, com um jornal alheio á politica partidaria, uma janella por onde falei ao Povo Brasileiro, despertando a juventude da Patria.

Alguns destes volumes constituirão obras com unidade de methodo e de assumpto. Outros, reflectirão, apenas, a minha lucta sem treguas. Em todos, porém, haverá a harmonia de um pensamento, a permanencia de uma attitude e a coherencia doutrinaria, com a qual respondo á pergunta que as gerações futuras poderão fazer indagando o sentido da minha perenne batalha.

PLINIO SALGADO

S. Paulo, 24 de Junho de 1934.

Vózes na tempestade



A que mysterioso rythmo obedece esse estranho rumor, a principio vago e indistincto, já agora nitido e altisonante, que perpassa pela superficie da terra, dando a volta ao seu meridiano?

Que sentido profundo traz essa agitação geral dos povos, a tragedia surda dos espiritos, a angustia dos opprimidos e o sobresalto dos oppressores?

As cidades cresceram para os céos. Os mares coalharam-se de naves de aço. O homem percorre a amplidão com azas de aguia. A terra multiplicou as suas mèses, as industrias multiplicaram seus beneficios. Todos os confortos imaginaveis se tornaram realidades banaes. Todos os sonhos de belleza e de magnificencia foram ultrapassados. E nunca o homem dominou mais os elementos, nunca imperou melhor sobre a natureza.

Rufam no espaço os motores; gritam as locomotivas; berram os automoveis; uivam os apitos

das fabricas; estrondam as usinas; magem os navios; sibilam polés; estridulam guindastes; cantam os radios . . . E' a symphonia planetaria . . .

O ESPLENDOR DO HOMEM

Todas as ambicionadas farturas a que a Antiguidade poderia ter aspirado centuplicaram-se de uma maneira assombrosa.

Os celeiros do velho Pharaó, refertos para socorrer as populações da Africa e da Asia, durante os sete annos de penuria, são ridiculos em face dos stocks internacionaes de trigo, de vinho, de café, de todas as mercadorias, capazes de abastecer duas vezes a terra.

O ouro de todos os imperios antigos não se compara ao ouro que a Civilização carregou para as arcas dos Bancos, dos recessos da America Meridional, das entranhas da Alaska e dos Estados Unidos, do sub-solo da Asia e da Africa.

A força dos animaes e dos escravos, que arrastava columnas monolithicas e impellia no mar os quinhentos remos das galeras romanas, é hoje uma minuscula energia de formigas, comparada á po-

tencia das locomotivas e dos transatlânticos, dos dymamos propulsores das usinas.

A rapidez de raio das quadrigas do corso, não passa de um lerdo movimento de caranguejos, em proporção á velocidade da canção do Broodway, que se escuta no mesmo instante, no orbe inteiro, ou da luz com que Marconi illumina do seu hiate, em Genova, a cidade antipoda de Sydney, na Australia.

As machinas produzem por milhares de homens. A Civilização esplende nas suas grandes Metropoles. Nunca a humanidade foi tão rica, nunca o genero humano conheceu maior fartura.

A propria terra, rejuvenecida pelos adubos chimicos, revolvida pelos tractores ageis, plantada com nova e milagrosa technica, decuplica o volume de suas safras, mãe carinhosa dos homens, transformada em escrava de sua industria.

O BONECO DE CARNE

E, entretanto, nunca houve desespero maior, nunca o sêr humano mergulhou numa confusão tão grande e desnorteadora.

Nas grandes babilonias cresce a legião dos desocupados; os vagabundos disputam um pedaço de pão; ha creaturas sem tecto, que dormem ao relento, ou na promiscuidade dos albergues; e o proprio trabalho já não é um prazer, mas um triste manobrar de manivelas e de alavancas, onde toda a iniciativa do espirito desapareceu.

Outr'ora, o trabalho tinha qualquer cousa de fino, de subtil, feito de amôr e de entusiasmo, de esperança e de alegria intima, creadora; e, agora, o homem se sente, cada vez mais, submettido a um rythmo mecanico, que o vae transformando, dia a dia, numa peça do grande machinismo da Produçãõ.

Não amando mais o trabalho (e só se ama aquillo onde se realiza a fusão do espirito com as necessidades da materia); vendo a "arte" ser substituida pela "technica"; a feiçãõ individual anulada pela feiçãõ standartizada; a tendencia das vocações contrariada pelas possibilidades das collocações, — o homem moderno vae se tornando um automato, um bonéco de carne e osso, que será possivelmente substituido por um outro bonéco de aço e ferro, quando o barateamento do custo da producçãõ e a racionalizaçãõ do trabalho levada

aos extremos que a technica suggere, determinar que assim seja.

O ANIMAL DO "OITAVO DIA"

A machina moderna, creação do homem, para produzir confortos ao homem, torna-se uma concorrente deste.

Vêde um tear, uma linotype, uma rotativa, um motor, um calculador mecanico. Que estranhos sêres! Parece que pensam, que raciocinam, que respondem numa linguagem que não é de palavras, mas de acção.

A machina é um ente que tem, sobre o homem, a vantagem de não fazer grêves, de não ter coração para amar nem bocca para falar. E, em se tratando de mercadorias similares (e tão similares que a Economia Classica os submete ás mesmas leis da *offerta* e da *procura*), é sempre preferivel a que importunar menos e produzir mais, melhor e mais barato.

Nestas condições, o monstro de aço conquistou, mais do que a igualdade, — a superioridade social sobre o homem.

A machina não tem paes nem géra filhos; não vibra de affectos; não alimenta aspirações; não

cultiva preconceitos. E' portanto muito mais conveniente ao capitalismo universal.

E é por isso que esse capitalismo quer arrancar do homem os ultimos residuos espirituaes, para que a massa proletaria se transforme tambem num systema de machinismo . . .

O monstro de aço! Quando elle trabalha, suas rodas dentadas, suas engrenagens, suas serras parecem rir da creatura de Deus. E os apitos das fabricas parecem um grito dominador dizendo ao homem, quando rompe a aurora: "levanta-te, peça de machina!"

Esse grito domina o panorama das cidades tentaculares, onde o homem soffre, esmagado pela propria civilização que elle creou.

HUMANIDADE MECANICA

O instincto da machina vae avassalando tudo.

As casas mesmo começam a mecanização do homem, na forma rudimentar do "cortiço", para depois se fixarem em expressões mais technicas das villas proletarias e dos arranha-céos de apartamentos.

E' olhar uma casa e vêr todas. Submettidas á mesma planta, á mesma phisionomia, ellas im-

põem a cada sêr humano um rythmo identico de movimentos, annullando a personalidade, para que triumphe a collectividade. Pois é sobre a collectividade que a machina domina mais soberanamente. E ella exige que se modelem collectividades perfectas, de movimentos automaticos, collectividades de formas geometricas precisas e cadencias uniformes.

Essas collectividades devem ser estereotypadas á fome. Devem crystalizar-se nos fórnos de todas as necessidades, de todas as angustias, que irão obrigando cada typo isolado a se accomodar ao grande rythmo dos typos communs, cuja finalidade é o proprio rythmo, cujo sentido é a mecanização total da existencia.

A reduccão ao inanimado. A racionalização desracionalizante. O homem-typo, como a machina-typo. O trabalho-mercadoria, como o kilowatt-hora. O indice de calorías dos combustiveis. O trabalho como finalidade do trabalho. A morte total do espirito.

A BESTA DO APOCALYPSE

Todo esse inferno contemporaneo é presidido pela somma do trabalho accumulado pelos latrocinios, na traducção metalica das barras de ouro e

na versão social do papel moeda, concentrados nas mãos de poucos. E' o Capital.

Tudo gira em torno desse idolo muito mais terrível do que o Moloch de Carthago, que exigia menor numero de victimas para as suas entranhas de fogo.

**

Porque soffre tanto a humanidade?

E' o Capital, que marcha para a sua feição mais simples; que ensaia a tua tyrannia na forma dos grandes trusts, dos monopolios, dos grupos financeiros, das organizações bancarias, e que se dirige para o capitalismo de Estado, numa velocidade cada vez maior e enervadora.

E' a besta apocalyptica.

Que se assenhoreou do poder dos reis e dos imperios; que proclamou sua tyrannia sobre todas as nações, sobre todos os grupos sociaes e sobre todos os homens.

E' o espirito da mentira e da crueldade. O dragão que devora os povos.

Elle se ergueu, na face da terra, para enfrentar e negar a Deus, como negou pela vez primeira, quando rolou para as trevas eternas; que se levan-

tou para esmagar o Homem, arrastando-o a todas as abjecções, para finalmente arrancar-lhe o coração e deixar-lhe, apenas, os movimentos mecanicos de machina.

CONDEMNADOS E OPPRIMIDOS

Cresce, por todo o Universo, o extranho rumor.

E' o clamôr do Homem que soffre, nas colonias remotas da Asia e da Africa; na steppe da Siberia, nos Uraes e no Caucaso, tangido por algos; nas entranhas do Ruhr, de Cardiff, negro de hulha; nas profundezas das minas de diamantes do Transwal, das cavernas de ouro do Morro Velho, da California; nos sertões do Brasil, nas salitreiras do Chile, nas galés das Guyanas, nos bairros proletarios das grandes metropoles resplandescentes como Babylonias multiplicadas, por toda a superficie do planeta, e nos porões dos transatlanticos e das naves de guerra, armadas para os morticínios . . .

E' o gemido do Homem, que já não tem trabalho porque a machina o expulsou das fabricas; que não tem pão, porque, na fartura immensa, já não ha necessidade do esforço do pária, e as leis

vigorantes determinam que se tome a mercadoria-trabalho quando se precise, e se deixe morrer o trabalhador, quando não se necessitar d'elle.

O UTERO METALICO DA MACHINA

O Homem, vencido pela machina, pensa, então, em crear o regimen politico que agrade a machina. Pensa em viver em razão da machina.

De ha muito que a Democracia renegou os governos ethicos, concebendo o Poder como uma expressão do "Homem Civico", portanto, do Homem mutilado, do Homem sem alma. De ha muito que se desprezou a theocracia.

Mas o Homem hoje volta-se para uma forma imprevista de theocracia. Quer ser governado pelos Summos Sacerdotes do Atheismo. Aceita a grande razão da technica e do capital. Aceita desaparecer como uma gotta d'agua no oceano do collectivismo, onde toda a personalidade se destróe.

E' a mais moderna expressão mystica.

O mysticismo que nega uma face da metaphysica, para proclamar o valor da outra face.

E que subordina o Homem a uma divindade infernal, que não se funda no amôr, mas na ausen-

cia do amôr. E nega ao Homem o direito de se interessar pelas outras creaturas, pois só deve cogitar de si.

De si, não como personalidade irradiante, e sim como fracção de um grande Todo.

O Homem renega o amôr, para accetar o egoismo.

O amôr lhe impunha deveres; o egoismo o subordina á escravidão dos instinctos.

A vida do instincto é o primeiro passo para a transformação do sêr humano em machina.

Essa transformação é dolorosa, porque o espirito reage.

O Homem inventou a machina; a machina, agora, quer fabricar homens. E si um dia sahirem homens das usinas, tambem os uteros das mulheres gerarão homens-machinas, sem coração, sem affecto, meros apparatus de producção . . .

FALA ALGUEM NA TORMENTA

Infinita é a angustia do espirito. Por todo o planeta, perpassa um mysterioso rumor . . . Que extranhas vózes falam no rumor da procella?

E no rumor da procella ha vózes, ha algumas vózes que falam . . .

Só as escutam os que conservam a consciencia da grandeza humana. Só as entendem os que trazem consigo a fortaleza do *Espirito Perenne* e a permanencia das secretas energias indestrutíveis . . .

O outro lado de Deus

A Russia vae erguer a mais alta estatua do mundo.

E' a estatua de Lenine.

Medirá oitenta metros de altura.

Dominará a cidade e o porto; olhará sobre a terra e sobre o mar.

De agora em diante, a Humanidade terá, á esquerda da estatua da Liberdade, que illumina com seu pharol o porto de Nova York, o grande idolo do exercito vermelho. Como terá, á direita, na jovem terra do Brasil, a imagem cyclopica de Christo.

*
**

No rumor internacional do Broadway, junto dos arranha-céos de Manhantan, as massas inquietas, na preocupação dos seus negocios, passarão indifferentes. Os passageiros dos "tramways", dos aviões, dos navios, olharão displicentes para a estatua da vaga mulher que representa uma vaga idealidade.

As multidões de Leningrado e do Rio de Janeiro, essas não poderão contemplar friamente as gigantescas figuras que sua fé construiu com granito e amôr.

São duas religiões. São duas crenças. São duas mysticas. Duas concepções da existencia: Christo e Lenine.

O "Sim" e o "Não".

Em ultima analyse, a mesma cousa. O mesmo elemento imponderavel e mysterioso de uma irrevogavel permanencia no recesso do sêr humano.

Essa cousa que nega quando affirma, e affirma quando nega.

Essa vibração subtil, feita de incomprehensíveis correspondencias intimas entre dois absolutos que, á falta de melhor expressão, nós denominamos "as religiões", como poderíamos denominar "o dialogo sem linguagem", o "retorno ao equilibrio do "sêr", a "aspiração integral", ou a "fuga dos contingentes".

*
**

A estatua de Lenine e a adoração das massas em torno do grande idolo, longe de ter uma significação negativista, exprime, através da sublimação

politica, a crystalização do phenomeno religioso sob a compressão do dogmatismo scientifico.

O phenomeno russo já não póde ser tomado, em hypothese alguma, como uma expressão de negação do espirito, de aspirações transcendentas.

A lucta que se abriu no paiz dos soviets contra todas as religiões foi um movimento ao qual podemos denominar sem receio de erro: o *grande movimento religioso da Russia*.

*
**

Em mathematica, equivalem-se o signal *mais* e o signal *menos*.

Ambos consideram quantidades *em possibilidade*, o que representa, em ultima analyse, quantidades *em affirmação*.

Na concepção infinita do Universo, cabem todas as extensões e todos os tempos, susceptiveis de serem ideados, quer em addição, quer em subtracção.

E, por isso, a affirmação e a negação se encontram e se fundem numa só physionomia interior. Ambas se traduzem pelos mesmos processos.

Néga, na verdade, apenas o que não pensa, o que não considera, o que se desinteressa pela concepção do mundo e pela finalidade da existencia.

Negam os que só cogitam do empirico, do positivo.

Esses é que constituem, na forma apparente de suas actividades pragmaticas, os legitimos representantes do materialismo.

O facto do agnosticismo tomar o homem e a sociedade apenas do ponto de vista das utilidades utilitarias, identifica-o com a unica forma possivel de negação, que é a forma anesthesica do esquecimento.

O Estado Marxista, partindo do materialismo historico, em opposição ao espiritualismo, systematiza de tal forma e tão corajosamente a negação, que esta se torna *affirmativa*.

Considerar é affirmar.

Negar é considerar.

O communismo nega o espirito.

Por conseguinte, considera; portanto, afirma.

Eis a serpente mordendo a propria cauda: symbolo em que a sabedoria millenaria das civilizações exprimiu os movimentos eternos, a eterna dialectica, o problema do *sêr* e o do *não sêr*, que, em ultima analyse, significam a mesma cousa.

*
**

Cumpre, porém, estudar o phenomeno russo na sua realidade objectiva, pois nas linhas acima temos estudado o phenomeno subjectivo da evolução philosophica do materialismo, do scientismo materialista.

Na Russia, o marxismo poude accelerar espantosamente a marcha para o mysticismo materialista, em consequencia da feição nacional extrema da politica sovietica.

Essa feição nacionalista indispensavel á tactica da economia russa, foi estruturada de velhos sentimentos e de profunda indole racial, daquelles impetos da alma slavo-semitica creadores do fanatismo da dymnamite, a suprema aspiração dos ni-

hilitas, com o grave ritual das conspirações tenebrosas e do luminoso sacrificio dos heróes.

Esse mysticismo, que encheu a Russia Santa de gestos allucinados e côros de preces e de psalmos; que fez as multidões delirarem quando falava Dostoiewski, ou rangerem os dentes ao estrupido dos cavallos dos cossacos.

Todos os sacrificios e todas as abnegações. A Siberia, o Caucaso, os duendes das prisões subterranas, os prantos abafados, a marcha pesada dos escravos do Volga, o fatalismo de todos os vagabundos e a esperança de todos os messianicos . . .



A febre mystica da Russia, com suas superstições, seu espirito de martyrio, sua ansia de infinito, tudo isso não podia caber dentro de uma vulgar republica democratica, onde os governos e os estadistas se desinteressam pelas causas primarias e finaes.

Não; a Russia não comprehenderia nunca um regimen representativo, presidencial ou parlamentar, com liberdades politicas, com remedios symptomaticos de suffragio, com todo o aparato inutil

das democracias que não penetram as raizes do Homem. A Russia comprehendeu o Czar e o cossaco, como comprehendeu o vento mortal da Siberia e o urso do Caucaso. Porque eram a fustigação inexoravel, para uma população macerada e sedenta de luz.

E, por isso mesmo, comprehendeu Lenine, na hora tragica, quando os canhões rugiram e a fome estendeu suas garras sobre as populações afflictas.

Lenine era alguma cousa integral, alguma cousa que falava á Russia a linguagem que ella sempre entendeu: a do Absoluto.

E, por isso, Wladimir Ulianoff, negador de todas as crenças, tornou-se um symbolo de crença.

*
**

Na confusão tremenda, todas as correntes confluíram, remoinharam, projectaram-se de chofre. Era a affirmação que se traduziu na forma suprema da negação.

Os apóstolos do scientificismo materialista, da concepção experimental, a posteriori, da existencia, foram os primeiros a mandar dizer nas escolas: "Lenine está sempre certo".

A estatua colossal que se vae erguer a Lenine vale pelo que significa de captação das energias mysticas da grande massa proletaria de todas as Russias.

O collectivismo ajoelha-se diante do Individo.

Mas não é o Individo em si, antes o espelho de todos os individualismos sublimados. Como não é a imagem da negação: mas a prova concreta de todas as affirmações.

*
**

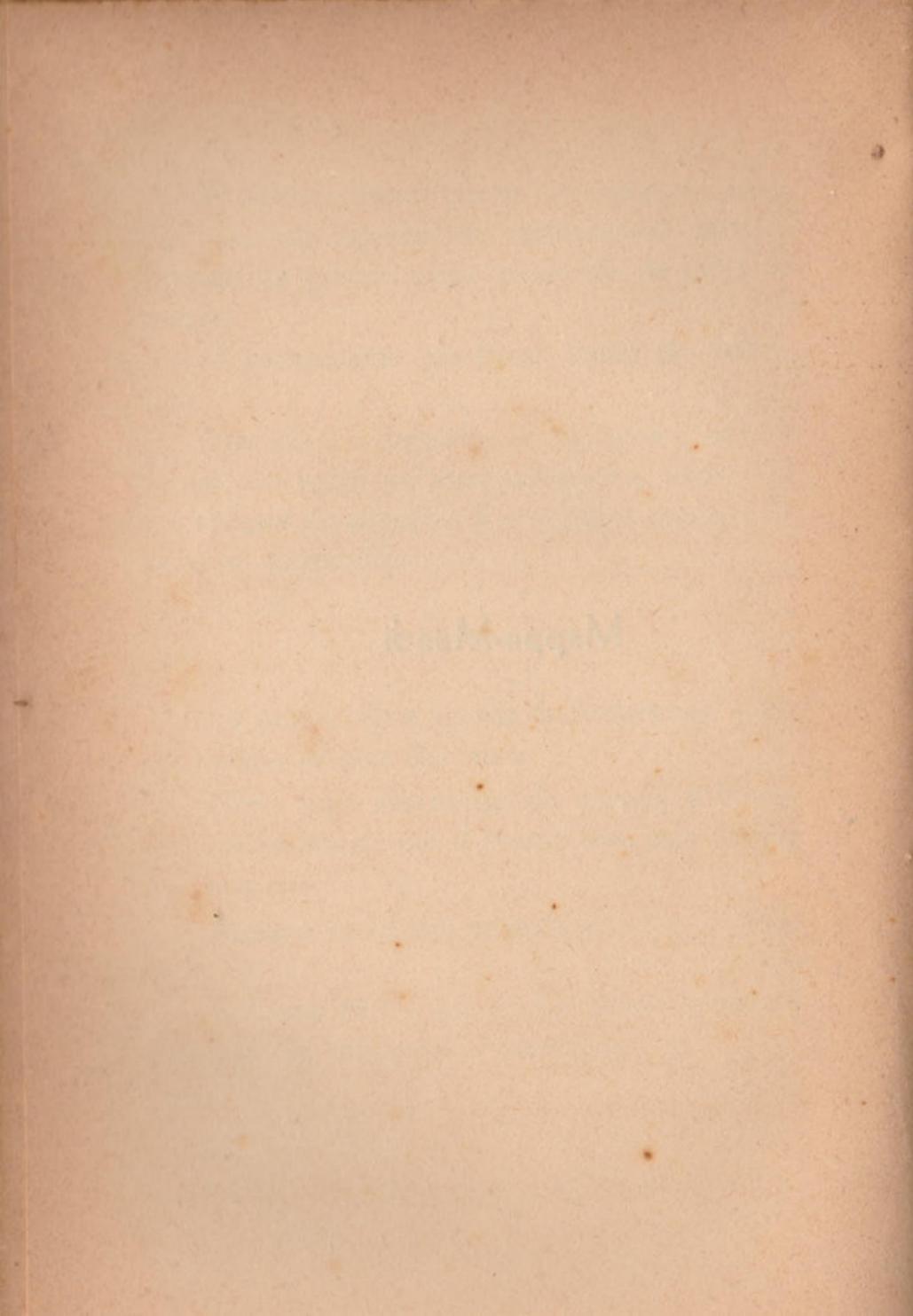
Os deuses falam na voz da tempestade, affirmam o senso mystico dos povos.

Nesta hora angustiada do mundo, a Russia está nos ensinando que é preciso crêr, seja no que for, mas crêr.

Alguma cousa está falando pela voz da Russia.

E é mais facil a luz vir das trevas do que da indecisão dos crepusculos vespertinos . . .

Mappa-Mundi



O mundo atravessa actualmente o instante decisivo em que se está jogando a sorte da Civilização.

Por mais optimista que queira ser o politico utopico, ou o homem indifferente á sorte da Humanidade, o que ninguem pode negar é que a civilização tranzita na hora presente, por sua crise maxima.

E essa crise não é uma consequencia da pobreza do planeta, ou de difficuldades creadas por tremores de terras, seccas, inundações, cataclismas e epidemias. A crise (e isto assombraria a um estadista da Antiguidade resuscitado no seculo XX!) tem por origem a propria fartura.

Não ha hoje um só paiz que não esteja sendo roido pelo cancro moderno, que se convencionou chamar "os sem trabalho". Não ha hoje uma nação do mundo em que se não deflagrem os conflictos sociaes.

Os governos, sem excepção, estão devendo

colossalmente e a maior parte não encontra meios de solver seus compromissos.

Dentre as nações, cumpre destacar aquellas, como o Brasil e suas irmãs da America do Sul, que se acham, sob esse ponto de vista, em situação de angustia jamais attingida.

De todos os cantos da Terra se ergue o clamôr da Humanidade.

Nunca houve tanta fome, tanto desconforto; e, entretanto, — suprema ironia! — nunca os povos produziram tanto, nunca houve maiores stocks de manufacturas e fructos agricolas.



Cada machina trabalha por dezenas de homens. As machinas se multiplicaram. E, em vez de trazerem a abolição completa das preocupações materiaes, ellas aggravaram essas preocupações, puzeram fóra de combate o trabalho humano e mataram todo o sentido espirital da existencia.

Nunca lavrou tão desenfreadamente o materialismo, como agora. O homem moderno requintou em orgulho, em crueldade, em desprezo pelo seu semelhante.

A Revolução Franceza instituiu a igualdade

politica, mas creou a desigualdade economica. A Burguezia constituiu-se uma classe privilegiada, que valorizou o individuo na sociedade, pelo que elle possui, não pelas suas virtudes.

Homens e mulheres de uma sociedade que se diz christã, e mesmo muitos daquelles que apresentam exterioridades religiosas, possuem uma tão profunda consciencia da selecção dos sêres humanos pela sua capacidade de ostentar e de impor na vaidade e no luxo, que o observador do nosso tempo conclúe que a civilização moderna arrancou o coração do Homem e o atirou aos dentes das machinas.

O espirito das trevas parece que erigiu o seu throno na alma das classes abastadas; o fogo da sua perfidia parece lampejar nos olhos cupidos dos grandes chefes financeiros, que commandam a marcha tragica da Civilização; a sua avareza enche as arcas dos estabelecimentos bancarios e afflige as classes productoras; a sua solercia inflamma de rancores e revoltas as massas proletarias e o exercito dos que soffrem necessidades e curtem dôres secretas, opprimidos, humilhados, por uma organização social que se esqueceu dos mais elementares sentimentos da solidariedade e da justiça humana.

E quando o atormentado não encontra remédio para a grande angustia, é ainda da negação absoluta que surge o contraveneno para o toxico terrível do materialismo burguez. E o communismo se apresenta como a consequencia logica da evolução economico-social de uma sociedade ex-cravel, sem piedade, sem coração e sem Deus.

*
**

Como fugir a Humanidade dessa evolução fatal? Que poderão fazer os governos para restaurar o senso commum na loucura universal? Como forçar a machina a trabalhar como escrava e não como cruel algóz do proletario? Como tornar o homem mais digno do que a machina? Que fazer, para implantar a igualdade entre os povos, não baseada no materialismo de Marx, porém na finalidade superior da creatura humana?

Si ha producção em excesso, não é um crime guardal-a em stocks, atiral-a ao mar, reduzil-a a cinzas, para manter altos preços?

Si ha excesso de trabalho das machinas, porque não se estabelecem horarios para os trabalhadores universalmente?

Porque não nos regermos por estatísticas, determinando tarefas de produção aos povos e effectivando o intercambio entre as nações de uma maneira mais humana?

Porque não substituir a concorrência agricola, industrial e commercial, pela cooperação agricola, industrial e commercial? Porque os paizes não se auxiliam mutuamente?

Nada disso será possível, pois os governos não é que governam; quem manda no mundo são os argentarios sem patria e sem alma.

Os governos nada significam nos paizes liberaes-democraticos, porque á revelia delles, decidem a sorte dos povos os carteis, os monopolios, as bolsas, os bancos.

*
**

Veja-se o que aconteceu no caso do tratado austro-allemao . A Allemanha e a Austria firmaram um accordo aduaneiro. Esse accordo foi examinado pela corte de Haya. Foi julgado justo. Todas as nações o approvaram.

Pois bem. Os banqueiros inglezes liquidaram a questão contra a vontade expressa dos governos da Europa e da America. E liquidaram, apenas, com isto: negaram credito á Austria.

E as duas nações, que tinham sido perdoadas pelas outras nações, foram condemnadas pelos banqueiros.

Tiveram de voltar atraz, desfazer o accordo.

*
**

Não precisamos entrar no merito da questão.

Apreciamol-a como um symptoma alarman-tissimo de que os governos liberaes-democraticos, não tendo significação economica nem expressão autoritaria, não representando as forças integraes das nacionalidades, tambem não dispõem de força para dar directrizes ao mundo.

A Humanidade chega, pois, a esta encruzi-lhada:

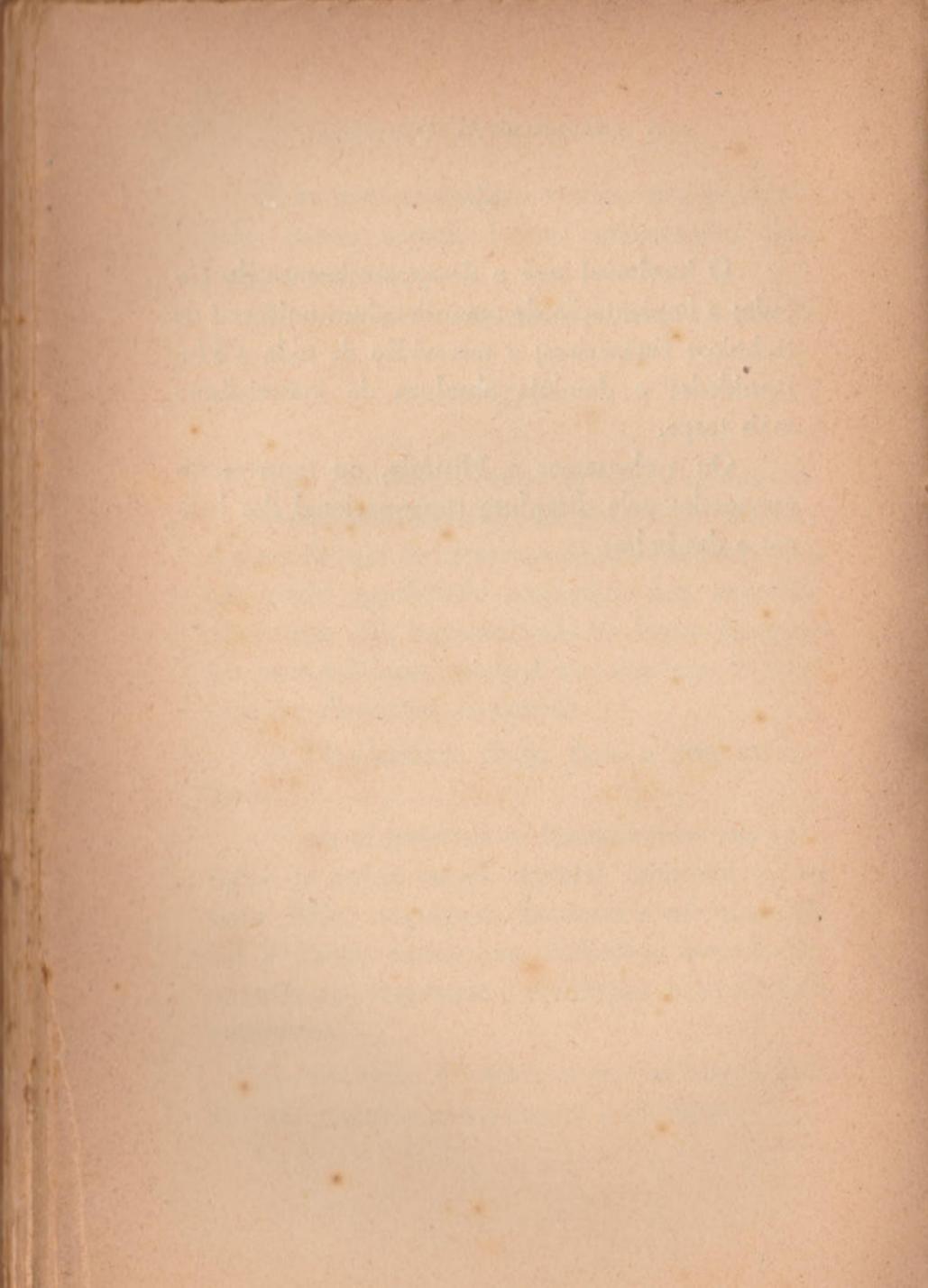
— ou os governos se fundamentam nos principios de ordem moral, cultural, espiritual, e, em nome delles, empolgam, dominam e subjugam todas as forças economicas, realizando accordos internacionaes, regulando a producção, a circulação e o consumo;

— ou então é melhor cruzar os braços, porque será ridiculo luctar contra o inevitavel . . .



O inevitavel será o desaparecimento do Estado; a implantação de uma dictadura universal de technicos financeiros; a escravidão de toda a Humanidade; o dominio absoluto do materialismo mais torpe.

Ou violentamos a Historia, ou morreremos esmagados pela dictadura super-nacional dos bancos e das bolsas.



○ seculo do "Jazz-Band"

Nós estamos assistindo á morte do seculo XIX.

Os seculos não são limitados pelo calendario. Elles se interpenetram. Emquanto um nasce, outro está morrendo. O seculo XIX está morrendo em pleno seculo XX. Basta auscultar o mundo de hoje, para se sentir que alguma cousa agoniza. Ha uma surda tristeza na civilização contemporanea. . .

São os inadaptados á velocidade e á symphonia deste glorioso seculo XX. Esta tristeza está no seculo XX, mas não lhe pertence. E' a angustia do seculo XIX que se debate contra a morte. Já alguns espiritos descobrem o sentido novo da Alegria e da Força. São os vanguardeiros. O resto da humanidade é o seculo XIX, que agoniza . . .

O homem nunca foi mais triste do que na E'ra da Machina. Essa melancolia se manifesta nos minimos pormenores. O Homem sente-se desambientado. Ninguem está satisfeito com a vida que vive. A vida hoje se tornou um fardo exasperante.

E toda a preocupação da creatura humana é fugir da realidade da existencia.

Uns fogem nos vapores do alcool; outros nos entorpecentes, a cocaína, a morphina; outros na paixão do jogo; outros no delirio dos sports de sensação; outros nos excessos dos prazeres sexuaes.

A propria musica deste começo de seculo tenta obscurecer os sentidos pelo clamôr de seus rythmos barbaros. O "jazz-band" accorda todas as interjeições selvagens para entorpecer a melodia amargurada que déflúe por detraz dos saxophones e dos réco-récos, como um fio de lagrimas que cumpre dissimular.

Quem contempla o espectáculo ruidoso dos grandes "dancings" modernos observa que tudo ali é feito para tontear, para obscurecer a mente: as luzes coloridas que mesclam as tonalidades cambiantes de todos os crepusculos, as luzes offuscantes aggressivas, que surgem como relampagos e se apagam como meteóros, a bizarría dos vestidos, as emanações dos perfumes que se misturam ao suor e ao alcool, o rythmo letargiante dos tangos lascivos . . .

Estamos vivendo a éra dos hypnoticos de toda a especie. O hymno da Humanidade não é mais a

"Marselheza". E' a "Milonguita". E' o "Adios mis farras". Essas musicas têm gosto de cocaina e parecem a marcha funebre do prazer.

*
**

Esse é o aspecto geral do nosso tempo. Os povos perderam o rythmo da sua marcha, o segredo das suas alegrias.

As grandes Metropoles crearam céos de cartazes luminosos e já não ha tempo para se vêr as estrellas.

Os suicidios se multiplicam. Os medicos propõem a euthanazia. Os eugenistas avançados estudam os homens como simples grãos de feijão, conforme as experiencias de Mendell. Os sociologos e economistas pensam agora, mais fortemente, no malthusianismo. Advoga-se o direito do aborto. E este facto só é o bastante para provar que a nossa triste humanidade de hoje não reputa a vida um dom precioso.

*
**

Nunca a vida foi mais execrada.

Nunca o Homem se rebelou tanto contra a natureza.

E é a essa civilização que se chama "a civilização libertada dos preconceitos", a civilização que creou os movimentos ageis e livres do Homem, a suprema euphoria . . .

*
**

A voz de Nietzsche clamava que o christianismo era triste; que imprimia um sentido deprimente á vida do Homem, quando este devêra ser alegre e forte.

O Christianismo, porem, produziu Miguel Angelo; o Anti-Christianismo nos apresenta as telas dadaistas das galerias soturnas da rua de Saint-Honoré . . .

Todo o materialismo do seculo XIX repetiu esta sentença: "Os preconceitos entristecem a Humanidade! O amôr não é livre; o trabalho não é livre; o genio não é livre; o homo-sapiens é um misero animal amarrado por mil cadeias!"

O genero humano estava encarceirado. Cumpria libertal-o, para que elle fosse feliz.

Todo o seculo XIX foi um movimento nesse sentido: arrancar o homem da tristeza do Christianismo. E Freud (ultima expressão do seculo XIX) traz novos subsidios, para demonstrar que a civilização christã é uma civilização de recalques.



A guerra contra a disciplina attingiu hoje em dia o seu apice. O individualismo anarchico dominou completamente a terra. O capitalismo renegou o Espirito e erigiu todo o seu fundamento na finalidade material do homem. Seus processos são scientificos. Sua technica consulta os interesses meramente economicos. Sua moral se baseia no lucro. O lucro crêa direitos tão amplos de propriedade, que esta perde o sentido profundo de attributo do Homem. Impessoaliza-se o possuidor. Elle se chama apenas — o Capital.

Crescem as cidades tentaculares. Os arranha-céos galgam as nuvens. As fabricas multiplicam suas chaminés. A machina começa a expulsar os Homens das usinas. O Homem começa a morrer de fome nas ruas. A fome gera a revolta e o odio.

O trabalho humano passa a ser uma mercadoria. Perde a sua dignidade. O operario transforma-se num automato. O capitalista noutro automato.

Essa civilização vem incrementar toda a sorte de egoismos.

Tudo se resolve com dinheiro.

Sentimento, affecto, honra, elevação moral, nada valem. "Quanto tendes, quanto vales; nada tendes, nada vales", diz o rifão.

O exhibicionismo da riqueza attinge ao auge.

A ostentação dos ricos torna-se o insulto permanente dos pobres.

E os pobres, educados na mesma escola, também aninham no seu coração a colera surda, a inveja, o egoismo.

E' Satan quem governa o mundo.

*
**

Nessa phase de desorganização da sociedade, o Homem se transforma numa machina cruel.

Não tem mais coração.

A vida intima desaparece. Ao lar succede o "club". E nem ha profundos affectos no lar, como não ha amizades verdadeiras nos clubs.

Todos giram em torno de interesses. Os homens não se amam: toleram-se, para não tornar completamente insupportavel a vida.

Como, entretanto, o individualismo tomou um vulto formidavel, os attrictos são permanentes. Isso enfada o cavalheiro da sociedade, que é obri-

gado a manter a sua linha. De sorte que se crêa mais uma especie de recalques, de contrariedades continuas.

*
**

O Homem Moderno destróe a propria poesia interior do lar.

A casa é substituida pela "machina de morar". E' o appartamento de arranha-céo, onde todas as "machinas de habitação" são iguaes umas ás outras.

A architectura moderna é triste como um tumulto.

E' um cemiterio de vivos.

Peor que os cemiterios. Pois nestes existe a alegria das casuarinas, a harmonia dos arbustos e das flôres.

A vegetação do appartamento é de cactus. Nas tinas e nos vasos, nascem esses phantasmas vegetaes. São caules deformados como leprosos. Falta-lhes a harmonia digital das folhas, a caricia amavel.

Os cactus dos vasos vermelhos nas estantes geometricas ou nos cubos dos aparadores são engehhados e rispídos como os sentimentos do coração

de uma época sem delicadezas. Elles põem uma nota de aridez nas fachadas de caixões de cimento armado, que parecem carneiras de necropoles.

*
**

O Homem nada mais vale.

Para o industrial elle é, apenas, a "machina de consumir";

para o politico, a peça na "machina do Estado";

para o architecto, o "objecto, acondicionavel";

para o psychologo e o pedagogo, um "barro plastico";

para o biologo, uma "especie animal";

para o phisiologista e o medico, um "campo de experiencias";

para o philosopho, o "phenomeno da consciencia".

O Homem é a mercadoria mais desvalorizada nos dias de hoje. Ninguem deixa morrer de fome um cavallo, um boi, um cão de raça, um papagaio, porque valem dinheiro.

Mas, nos porões miseraveis, morrem criancinhas por falta de alimento!

*
**

Nunca a posição do Homem foi mais deprimente, mais humilhante, mais ridicula. Explorador, ou explorado, é um miseravel. E a isso se chama a alegria da civilização materialista.

Uma alegria que provôca os suicidios e os entorpecimentos.

Ha, alem de tudo, mais um motivo profundo da tristeza contemporanea: o medo. Tendo-se libertado do preconceito do espirito, o homem creou o terror do seu proprio semelhante.

Os governos temem os povos e os povos temem os governos.

Os patrões temem os operarios e os operarios temem os patrões.

Os capitalistas temem-se uns aos outros. Guerreiam-se os industriaes, não porque lhes seja agradável a lucta, mas pelo pavor da concorrência. Os commerciantes se guerreiam, cada qual atemorizado pela perspectiva da propria ruina. Não ha mais confiança. E' o medo que domina a humanidade.

Esse medo provem da certeza em que todos estão de que não ha mais um ponto de referencia

commum, uma suprema lei moral, uma suprema finalidade que deve condicionar todos os problemas e todas as ambições.

Cahimos, assim, nos dias de hoje, nos tempos do troglodita.

*
**

Nunca o Homem foi mais triste. Elle se sente isolado, perdido no tumulto do seu tempo, na impiedade do seculo, na crueldade dos costumes.

O Homem é o ultimo dos sêres da Creação, porque sobre nenhum outro se exerce tão fortemente o imperio de um sentimento deturpado dos phenomenos universaes. Todos os valores se inverteram. Adulterou-se a visão. A tristeza do mundo pagão da civilização occidental é a maior tristeza da Historia . . .

Marcha funebre

O mundo moderno perdeu o senso puro da alegria. Porque confundiu a alegria com o prazer. E tendo esgotado todos os prazeres, caminhou para a morte e o aniquillamento.

A liberdade politica transformou-se em liberdade moral e esta creou a liberdade dos instinctos. O sub-consciente cresceu sobre o consciente e clamou pelos seus direitos. Era o mundo ignorado, o segundo plano confuso e impreciso que se transportava ampliando-se como uma escuridão que avulta sobre a intelligencia.

Proclamada a libertação de todos os limbos desconhecidos, entrou pela alma do homem moderno o tropel allucinante das formas de pensamento, em estado de elaboração, phantasmaes e tragicos. O mundo sub-consciente (cáos gerador ensaiando as expressões em lineamentos disparatados como fétos informes e monstruosos) veiu dominar o sentido da vida contemporanea com a violencia de forças brutaes desencadeadas.

Forças sem "controle", forças ellas mesmas

desordenadas, heterogeneas, sem direcção. Forças teluricas do mundo interior, amorphas, nebulosas, de rythmos fragmentarios, dissociantes.

*
**

O phenomeno que se déra com as antigas civilisações arrazadas pelos barbaros repetiu-se de maneira inversa, dentro do proprio homem. Pois todo esse cáos que a consciencia disciplinava era contido pela pressão de uma força exterior dominadora. O seculo da machina virou a alma pelo avesso, porque, tendo-se esta libertado do que se denominou o "terror cosmico", que mantinha o equilibrio contendo a deflagração das energias interiores, viu-se, subitamente, dominada pelos extranhos duendes larvares dos instinctos desenfreados.

A alma foi invadida pelos hunos dos seus propios recessos . . .

A isso fôra o homem levado pela sêde de liberdade. Essa liberdade chegou ás suas ultimas consequencias. E de tal forma, que o pobre titere humano perdeu o proprio sentido della.

O homem já não sabe exactamente o que significa ser livre.

Pugnando pela progressão infinita do direito de se affirmar e de agir, acaba negando a propria personalidade e adoptando o senso do collectivismo, a subordinação do individuo á feição de um grande todo social.

Esse mesmo homem, que ergueu audaciosamente a cabeça para negar a metaphysica, e substituiu a theologia pela critica, o espiritualismo pelo materialismo, o sentimento da disciplina pela utilidade da disciplina, foi proseguindo de tal forma que acabou aceitando uma nova metaphysica, creando o deus-collectividade, o mysticismo da negação, o captiveiro social em nome de uma cousa tão vaga e tão metaphysica como a justiça levada ás suas mais extremas conclusões.

*
**

De sorte que o homem moderno retornou ao estado de espirito anterior ao monotheismo e á revelação christã, para viver apavorado diante dos elementos. Pois si hoje, civilizado, já não treme diante dos trovões e dos raios, começa a tremer e vae até ao delirio, sentindo o rumor "freudiano" do seu sub-consciente em tropel, que elle procura decifrar através da psycanalyse, como outróra os po-

vos primitivos procuravam conhecer o mundo exterior através de seus sortilegios e superstições.

E, do mesmo modo que o troglodyta recuava apavorado diante de uma tempestade, o "gentleman" recua soje atordoado diante do seu proprio complexus, que é tão grande ou tão pequeno, ou pelo menos tão incondicionavel á intelligencia, como as complexas nebulosas no infinito do tempo e do espaço.

*
**

Quem assistir a uma marxista, dos mais conhecedores da sua doutrina, discorrer sobre a theoria dos movimentos e das relações da materia, sobre os processos dialecticos, sobre a concepção evolutionista da natureza, ficará pasmo diante das abstracções a que a sua intelligencia é conduzida e aos planos metaphysicos em que o raciocinio vae agir usando da mesma froça creadora com que o homem da caverna idealisava os seus primeiros deuses. E quem attentar melhor sobre os sentimentos, que animam o proselyto de Marx, verificará que esse sentimento, analysado á luz crúa da critica, tem muito de mysticismo e até de feiticismo.

E' o homem, de novo, sob o dominio do ter-

ror, que precedeu o monotheismo e o christianismo e de onde se originou todo o pavor do infinito.

Esse o fundo espiritual desta civilisação que finge desdenhar do problema da *causa* e do *fim*. Essa a expressão do burguezismo libertario, do capitalismo scientifico, do anarchismo e do socialismo.



O equilibrio do homem e do seu "sentimento do universo" provinha exactamente do equilibrio entre as duas forças, uma que está dentro, outra que está fóra de si.

Anullada uma, desaparecida a pressão exterior, rompe-se o equilibrio e effectiva-se o desbordamento dos planos interiores. E' o mundo dos instinctos, são as formas larvares do pensamento, que passam a dominar sobre o homem moderno.

Esses espectros de idéas conduzem o homem contemporaneo á interpretação erronea da verdadeira alegria e do sentimento do prazer e da dôr.

Tudo se indefine. O prazer passa a ser uma forma de sensação sem limites bem traçados com a dôr. E' uma dôr bastarda, como affirmaria um notavel escriptor brasileiro. E, como todos os planos moraes, estheticos e politicos se baseiam na

concepção do bem e do mal, do agradável e do desagradável, do útil e do inútil, do feio e do bello, e uma vez que o mundo cahotico dos instinctos estabeleceu o tumulto critico, a humanidade vae hoje caminhando sem disciplina, entregue a essas forças barbaras que a arrastam a todas as degradações e a todos os crimes.

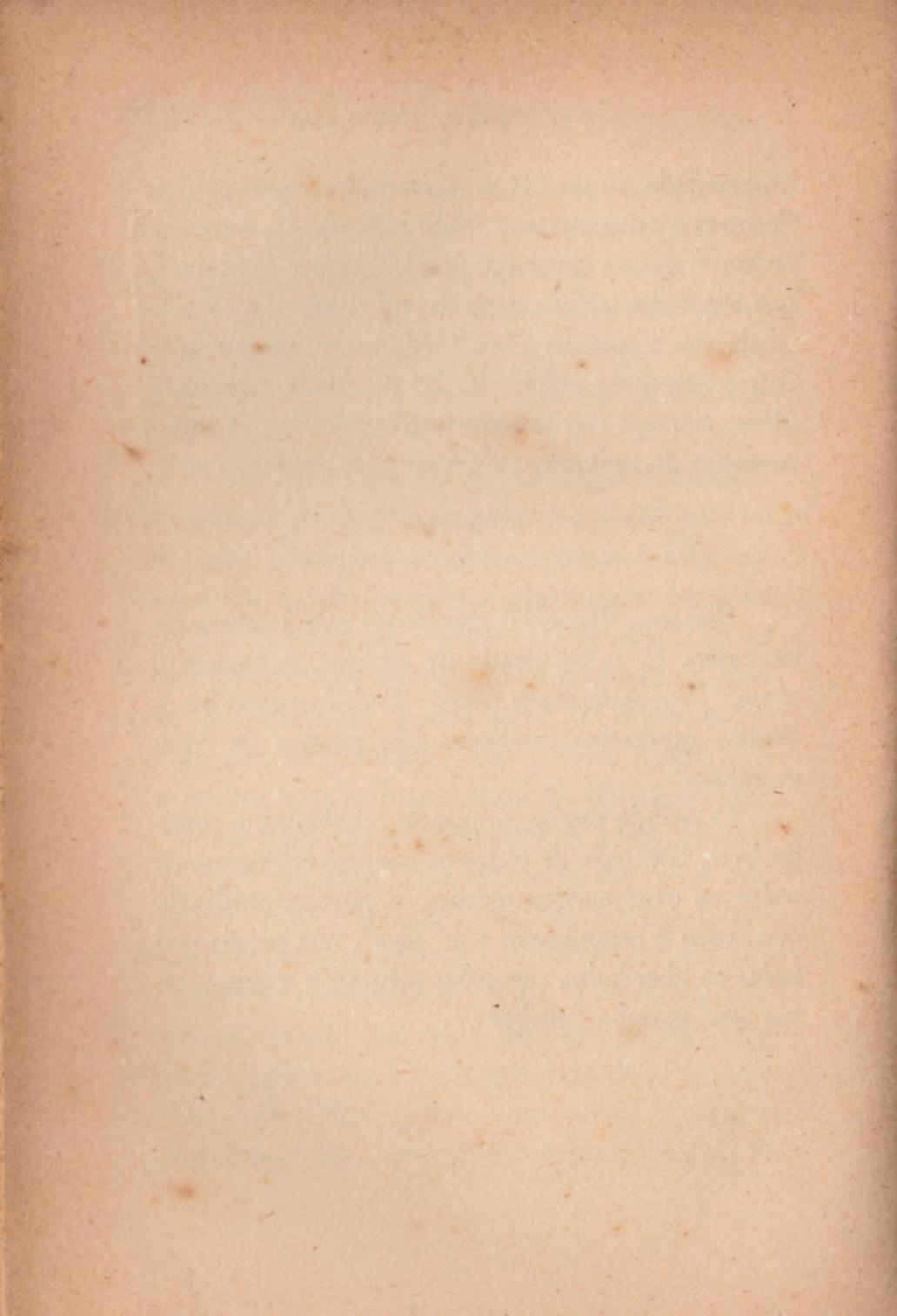
Não admira que se affirme que a moral é um ponto de vista. Não admira que se dê hoje ao amôr uma finalidade puramente egoista. Não admira que se queira annullar a personalidade em nome do individualismo. Nem que se queira fazer uma collectividade infeliz, em holocausto a uma pura idéa abstracta, a uma pura concepção metaphysica de collectividade feliz. Nem, ainda, que se persigam as religiões em nome da liberdade. Que se venham mais tarde a perseguir os proprios individuos que clamarem pela liberdade, em nome dessa propria liberdade. Que se attente contra a affirmação integral do amôr entre o homem e a mulher, em nome da liberdade do prazer. Que se negue o direito do auxilio mutuo, o direito dos paes, em nome da justiça social e dos interesses de uma ideal collectividade. Não admira ainda que se supprima a propriedade em nome dos proprios direitos da

propriedade, como faz o capitalismo, como pretende fazer o communismo. Nem espanta que desapareçam todas as garantias da lealdade e da honra, quando todos estão certos de que a moral não passa de um ponto de vista. E' que o homem perdeu o senso do equilibrio. E, perdendo esse equilibrio, torna-se um instrumento imperfeito de interpretação do universo e de seus phenomenos.

*
**

Estamos vivendo o grande periodo humano da confusão. E, nesse estado de espirito, o homem é triste. Profundamente triste. Todas as suas barulhentas expressões exteriores não passam de dissimulações.

O mundo pagão, o mundo occidental, o mundo livre, libertado de todos os terrores religiosos, de todos os preconceitos moraes, o mundo opulento, que creou o arranha-céo e o "jazz", que proclamou todas as liberdades, caminha, soturno e tragico, como uma marcha funebre . . .



Sentido da tristeza e da lagrima

Nós estamos vivendo no fim do seculo da civilização anti-christã. E essa civilização não trouxe, nem a felicidade, nem a alegria. Porque uma e outra têm fundamento na comprehensão perfeita do "real". E toda a philosophia, toda a politica, toda a economia, toda a sociologia modernas se fundam no "irreal".

Parece absurdo, mas, do materialismo e do experimentalismo gerou-se a "illusão", ao passo que do espiritualismo proveiu o senso do equilibrio, da verdade.

O mundo contemporaneo está soffrendo de uma extranha ataxia locomotriz, que é, por sua vez, a consequencia de uma visão adulterada dos factos, de uma interpretação deturpada das finalidades do Homem.

Ha um phenomeno inicial, que determina as directrizes do individuo e das nações: o *desejo* em transito para a *posse*; em ultima analyse, a procura da felicidade, que é a coincidencia do rythmo entre a *aspiração* e o seu *objecto*.

Essa procura desenvolve uma energia cega e tumultuosa.

E' o grande complexo, ansiando por uma forma de expressão.

E' a inquietude permanente, o rumor de procella. E' o sentimento confuso de todos os arbitrios instinctivos, que se chocam, que se conjugam, que se dissociam, que se realizam em minutos fulgurantes de prazer ou se esboroam, nos tedios profundos e deprimentes.

Essa energia, desde que passou a ser considerada em si mesma, como *causa e fim*, começou a perder o rythmo disciplinador. A sua orbita foi se alargando, até se imprecisar nos limites mais vagos.

E o Homem, como as Nações que elle constitue, perdeu o senso da felicidade, pois esta foi tomada num *sentido absoluto* e condicionada a uma *possibilidade relativa*, que é o prazer.

O prazer *finito* passou a ser objectivado por uma ansia de felicidade *infinita*.

*
**

E o mundo começou a apodrecer. Apodrecer tristemente, funebremente, no individualismo anarchico, na ansia pelas liberdades maiores.

O Homem é hoje o grande avarento, o grande medroso, o grande egoista, o grande covarde.

O capitalista, que accumula o seu dinheiro, guarda-o, ciosamente, como uma reserva de felicidade em potencial. Pois lhe falta mesmo tempo e capacidade physica para comprar prazeres e o dinheiro se transforma para elle, de méro instrumento, em finalidade. O seu detentor atravessa as mais das vezes a vida, como um escravo do trabalho. E, assim como a felicidade se transformou em prazer, tambem o prazer se transformou no seu proprio instrumento de aquisição, que é o dinheiro. Este, cedeu o seu logar ao trabalho. O trabalho, que era meio de perfeição, passou a ser sublimação da avareza. O trabalho deixou de ser um instrumento do Homem, passando o Homem a ser o seu instrumento. Dessa forma, si para o rico o trabalho é uma escravidão voluntaria do espirito á materia, para o pobre é o grande aparelho de formador da personalidade. Para aquelle, o trabalho tornou-se o prazer material sublimado, emquanto para este a forma de uma humilhação imperiosa. Dentro dessas finalidades relativas, desapareceu completamente a influencia da disciplina, que objectiva o absoluto. E todas essas situa-

ções são decorrentes do conceito, que o Homem se impoz, de uma finalidade em si proprio, e considerando-se um mero conjuncto de sentidos e de instinctos, que se coordenam formando a intelligencia.

Semelhante proposição do nosso problema fundamental apeia do seu throno a Intelligencia, submettendo-a a todas as precariedades.

*
**

E, entretanto, a felicidade é simples e a alegria o mais possivel de todos os dons.

Onde a Intelligencia, isenta do tumulto dos desejos desordenados, traçou limites á angustiosa inquietação, a felicidade começou a existir. E a alegria intima que ella encerra illumina a Vida com a unica luz de verdade que se projecta sobre a immensa confusão do mundo.

A felicidade não está no saber desejar e possuir, está antes no saber renunciar. As nações de hoje, como os cidadãos do nosso seculo democratico, só aprenderam a desejar, a desejar até ao infinito.

Os confortos da civilização acordam tropeis de ambições. A ambição dos potentados, que exploram os humildes e os pobres; a ambição dos

proletarios, que odeiam os ricos, exactamente porque estes lhes ensinaram, no delirio de suas ostentações, no exemplo que lhes offerecem todos os dias que o dinheiro tudo póde, que a ambição não tem limites.

E, como tudo está hoje deturpado, todas as visões obliteradas, todo o senso do "real" anuviado, já o operario se satisfaz em passar quaesquer privações, em supportar qualquer regimen escravizador, contanto que os que hoje o exploram tambem soffram as consequencias de uma concepção integral de economia capitalista. E, ao passo que a lucta se trava no interior dos paizes, entre o Capital e o Trabalho, tambem se fére a grande batalha economica no ambito mais largo das praças mundiaes, entre os poderosos que se enfrentam e os governos que se odeiam.

E o mundo moderno é tomado de um odio panico, de um terror e de uma tristeza acabrunhantes.

Chegámos ao auge da civilização anti-christã, dessa civilização que condemnou o christianismo como uma expressão de humildade aviltante, de indigencia e fraqueza. E, entretanto, nunca houve

uma civilização mais humilhada, mais pobre e mais debil.

Humilhada por uma situação que se torna um quebra-cabeças insolúvel; pauperrima, porque nunca os paizes euro-americanos tiveram tantos milhões de desoccupados e de famelicos; fragilissima, porque sente o seu occaso, róla para o abysmo inevitavel, e não encontra em si as forças que poderiam detê-la na marcha inexoravel.

E, enquanto se multiplicam os philosophos, enquanto os scientists exgottam a sua vida nos laboratorios, enquanto os financistas procuram afflictivamente as causas das repetidas crises que se reproduzem em todas as praças, enquanto o comunismo amplia os horizontes da finalidade economica, ensaiando um regimen que destróe a liberdade e a personalidade; enquanto os governos democraticos sentem as instituições vascillarem nos seus alicerces, e os povos appellam para as dictaduras, e as nações se entreolham apavoradas, armando-se até os dentes, e crescem sobre os olhos bestializados do capitalismo universal, as multidões proletarias plasmadas ao gosto materialista, e em-

quanto a tormenta social raiva furiosamente pelo mundo, — a felicidade ainda existe sobre a Terra!

Parece incrível, mas existe!

*
**

Ha, num lar humilde, um trabalhador que está contente com a sua pobreza, porque se sente cercado do amôr e do carinho de sua esposa e de seus filhos. O pouco que faz dá para as pequenas alegrias modestas do lar. Ao erguer-se do leito, tem nos labios a summula da sabedoria, que é uma pequena oração, em que pede o pão de cada dia, perdôa as offensas que soffreu na vespera, submete-se a uma Vontade Superior. A' noite, ao regressar do trabalho, não vae aos clubs. Nos theatros só algumas vezes apparece e, com isso tem mais prazer. Espera-o um ambiente modesto, onde existe uma ventura maior, que é a sinceridade do carinho, cousa tão simples e tão grande que os ricos nem sempre possuem. A communhão do sentimento, que provem da propria disciplina das aspirações, que se origina directamente da concepção da vida, da idéa de uma finalidade superior, crêa o ambiente amavel e espiritual. E a felicidade é apenas isso. Um senso de limites. De realidades.

E isso não é resignação humilhante, mas sabedoria suprema. Bem maior do que as conclusões sociaes que vieram dos laboratorios. E isso não é tambem fraqueza; é a mais inexpugnável das fortalezas, porque só a capacidade das renuncias inspira a verdadeira independencia. E' a força pura do character, impondo um condicionado ao complexo interior, tumultuoso, mordido de desejos tresloucados. A vontade desse homem não é um cata-vento como a dos super-homens desesperados da grande civilização. Esse é o verdadeiro Super-Homem, vencedor de todas as batalhas. Sua casa é a casa da bondade e da paz, da alegria pura e da felicidade perfeita . . .

○ filho de Lindbergh

No meio de tão duras lições dos dias contemporaneos, eis a grande lição, que faz vibrar a alma do povo norte-americano, que assombra o mundo, que faz meditar profundamente sobre os erros de uma civilização que ensinou ao homem a moral do exito e que rebaixou todos os valores espirituaes a uma plana inferior.

Eis o crime hediondo. Uma creança varada a estocadas, depois de espancada barbaramente. Quando os paes, na afflicção immensa, cuja intensidade só podem comprehender os que teem filhos, mas cuja significação qualquer coração humano avalia, vibram na angustia de uma esperança vaga, tão vaga como um pesadelo, eis que a realidade brutal os esmaga: — os bandidos vão depositar o pequeno cadaver, já descarnado, nas proximidades do lar que já não conhece paz ha varios mezes.

E' um requinte de perversidade. E' o supremo refinamento do espirito do mal.

O telegrapho transmite a noticia por todo o mundo. Abala-se a alma da humanidade inteira. As populações norte-americanas palpitam de odio, de terror, de sede de justiça. E o governo da poderosa Nação manda instaurar a mais impressionante investigação policial que a Historia registra, para a descoberta dos criminosos.

Quem são os criminosos? A quem cabe a responsabilidade por crime tão execrando?

**

Podemos responder, com segurança, com absoluta certeza: os responsaveis, os assassinos são todos aquelles que contribuíram para a vulgarização dessa nefanda philosophia que é legitimamente norte-americana: a *philosophia do exito*.

São responsaveis os politicos liberaes democraticos; são responsaveis os estadistas agnosticos; são responsaveis os technicos materialistas; são responsaveis os millionarios epicuristas; são responsaveis os jornaes sensacionalistas; são responsaveis as fabricas de films cinematographicos; são responsaveis os arautos do individualismo; são responsaveis os partidos politicos que crearam a mais desenfreada politicagem do planeta; são responsaveis os edu-

cadores; são responsaveis os paes, todos emfim, que, baseados nos preconceitos exaggerados da liberdade, e tendo creado a gloria do dinheiro, da força physica, do esplendor das grandes exhibições e prodigalidades, crearam tambem os bandidos, os "gangsters", a brutalidade, a estupidez, a consagração dos baixos instinctos do Homem.

O assassinio do pequeno Lindbergh representa a fallencia do Estado Liberal. Representa a derrocada de um typo de civilização feito de orgulhos grosseiros, de grandezas puramente materiaes, de mentiras democraticas e de hypocrisias puritanas.

*
**

O banditismo está organizado nos Estados Unidos com uma perfeição e uma efficiencia ja-mais conhecidas na historia da criminologia. E' um phenomeno social que exprime a revolta contra a oppressiva ostentação dos ricos e poderosos. Elle é a consequencia logica de uma concepção materialista da vida.

Quem tem valor nos Estados Unidos? O sabio? O homem de moral incorruptivel? O scientista? O escriptor? O poeta? O musico? O pintor? O philosopho? O idealista?

Não! Aboslutamente não!

Os que teem valor nos Estados Unidos são os millionarios; são os que possuem as mais bellas e mais caras marcas de automovel; são os que mais dollares podem dispende; são os que se distinguem pela brutalidade, pela ostentação; são os que triumpham nas negociatas das bolsas; são os que sobem pelos caminhos da politicagem mais desmoralizada do mundo e mais sem finalidade, pois os dois partidos em que se divide a Nação só apresentam programmas imediatistas, de nivel baixo, que apenas fallam directamente a interessados em negocios.

A grande Nação americana progrediu materialmente porque possuia muito carvão, na época em que o mundo foi accionado á hulha. O seu progresso é puramente technico, como é sempre o progresso das liberaes democracias.

*
**

Esse paiz foi o mais democratico do mundo e nós estamos vendo o resultado final da sua grande democracia: perto de 10 milhões de "sem trabalho"; fallencias escandalosas; o endeusamento de Al Capone; o imperio dos bandidos, organiza-

dos, crueis, invenciveis; o lynchamento de negros; a oppressão da America Central; o desfibramento da moral christã do mundo, pelo seu cinema; as sociedades secretas como a Klu-Klux-Klan, agindo nas barbas da policia; o sentimento da familia de-sapparecendo, dia a dia, os instinctos inferiores dominando tudo.

Ahi está o que é a liberal-democracia. Ahi estão os resultados de uma Patria que fundou no pragmatismo todo o edificio do seu progresso.

Lenine, antes de morrer, recommendou: "E' preciso americanizar a Russia".

Sim: porque a Russia nunca seria sufficientemente materialista, si não copiasse os Estados Unidos.

*
**

Nesta hora tragica para aquelles que, na America do Norte, soffrem a dôr de vêr a sua grande Patria corroida pelo cancro de uma concepção materialista e brutal da existencia, nós só indicamos um culpado, um criminoso, um assassino do filho de Lindbergh:

— Aquelle monumento que está no porto de Nova York: a estatua da Liberdade.

Si o que ha de bom e de puro na alma norteamericana se levanta hoje numa procella de colera sagrada, indicamos, aqui da America do Sul, a providencia unica para momento de tanta angustia: destruir a estatua da Liberdade que illumina a entrada dos navios nas aguas americanas.

Dymnamital-a.

E, depois, substituil-a por aquella que temos no alto do Corcovado: a de Christo.

Si alguma cousa ainda póde salvar a Humanidade neste instante, é o amôr, a bondade, a misericordia, a paz de espirito.

E essa só póde ter a Nação organizada sem partidos, com sentimento de autoridade, com respeito pelos valores intellectuaes e moraes, e não pelos valores dos Bancos e pelas exhibições de riquezas, de luxo e de brutalidade.

○ penultimo parceiro

O Departamento de Estatística do Thesouro norte-americano, informou á imprensa, em 1931, que o numero de millionarios nos Estados Unidos baixou de 643, em 1929, a 139 naquelle anno.

Na laconismo do communicado exprime-se todo o phenomeno economico-social do grande paiz yankee.

Evidentemente, numa época de retrahimento e desconfianças, em que os detentores do ouro procuram armazenal-o, escondel-o, retirando-o da circulação para os cofres dos Bancos, o phenomeno da diminuição do numero dos millionarios não obedece a um rythmo de distribuição determinado pelo movimento dos negocios.

Seria explicavel, até certo ponto, que as sommas amealhadas em alta escala e detidas por individuos isolados, se difundissem através da oscillação das transacções, dos fracassos de empresas, ou da propria prodigalidade dos ricos, indo fraccionar-

se em novas cellulas geradoras de novas accumulações.

Emfim, seria natural, intensificadas que fossem as operações commerciaes, que as fortunas se sub-dividissem, se espalhassem. E' esse um phenomeno de reacção natural, que proporciona o equilibrio das riquezas, sob o signo arbitrario da sorte dos negocios, nas épocas de relativa prosperidade.

*
**

Esse jogo do dinheiro, esse vae-vem dos capitaes effectiva-se de uma maneira tão suggestiva nas quadras normaes, que chega a illudir quantos queiram apprehender o sentido mais profundo da evolução capitalista, entregue ás leis naturaes e propiciada pelos amplos conceitos de liberdade que estruturam a base dos regimens democratico-burguezes.

Entretanto, a marcha inexoravel do Capital, que desconhece toda e qualquer autoridade e exerce o seu predominio e o seu fascinio arrebatador sobre o panorama da nossa civilização, é para o deslocamento das riquezas de pluri-proprietarios para o menor numero de detentores, como será um

dia, do menor numero de detentores para o detentor unico, isto é, o Estado-Capitalista.

A linha geral do desenvolvimento do Capital traçada por Karl Marx está hoje se tornando bem nitida. Os dados estatísticos fornecidos pelo The-souro dos Estados Unidos são bastante eloquentes para que nos convençamos de que o perigo comunista do mundo contemporâneo não se acha nas massas proletarias, mas na propria politica da bur-guezia capitalista.

Sabendo, como sabemos, da desconfiança que impera hoje sobre todos os espiritos na America do Norte, o que já occasionou, só de uma feita, a que-bra de 2.200 bancos, pela retirada de depositos que fogem de uns para outros, é facil imaginar-se que não póde, de maneira alguma, ter subido o indice das transacções commerciaes através das quaes se processa a distribuição e redistribuição normal das riquezas. O volume de negocios diminuiu em Nor-te America. Diminue, dia a dia, o numero de em-prezas que inspiram confiança ao grande e ao pe-queno capitalista.

A paralyzação dos capitaes é evidente.

Ora, nestas condicções, o natural seria tam-

bem que o numero de millionarios não diminuisse, que ficasse onde estava. E, ao contrario, a casta vae minguando . . .

**

Como explicar esse phenomeno?

Julgamos que elle se explica pela these opposita aos dias de prosperidade e de jogo de negocios.

A difusão do dinheiro e de todos os valores moveis e immoveis, através do movimento das transacções em épocas de excesso de negocios, é um phenomeno de saúde, de circulação e respiração do organismo social. E' um como que revesamento de detentores que, no seu aspecto dymnamico, illude ao observador do rythmo inexoravel do capitalismo.

Póde, nesse caso, diminuir o numero de millionarios, mas augmenta o numero dos que estão em caminho de se tornarem millionarios. E' como que uma época de sementeira. São os periodos das iniciativas de toda a sorte, padronizando um typo geral de prosperidade.

Ao contrario, o que se dá hoje nos Estados Unidos, é como que uma selecção natural pela capacidade de resistencia. E' um phenomeno de revisão de valores subordinado ao imperativo do ouro.

O que está em crise, verdadeiramente, não é o commercio nem a producção que a este alimenta. O que está em cheque é a capacidade elastica do ouro para acompanhar o desenvolvimento dymnamico da producção e do consumo. (1)

E' um cyclo de civilização que se fecha e em que a efficiencia da machina e a facilidade dos transportes e das communicações se adiantou demasiadamente, exgottando a capacidade de aquisição e de credito das massas que têm, entretanto, a capacidade de consumo centuplicada.

Incapaz de acompanhar a marcha do mundo moderno, o ouro retráe-se.

*
**

Como consequencia desse retrahimento, processa-se uma liquidação automatica em que succumbem os mais fracos. Todos os que não estabeleceram suas fortunas em ouro, ou valores occasionalmente solidos, e as puzeram no serviço das grandes aventuras, têm de fracassar.

E, assim, os meios de producção caem, fatal-

(1) Estas considerações foram publicadas na "A Razão", muito antes, portanto, da revolução economica de Roosevelt e da quebra do dollar.

mente, nas mãos dos que ainda puderam fazer o "jogo do ouro". Esse é o aspecto da grande batalha.

Não se trata mais de uma vasta e brilhante batalha no campo raso dos negocios; é uma estratégia de cerco.

As cidadelas do credito e das possibilidades de transacções estão sitiadas. Ou os seus recursos são sufficientes para sahir a campo e conquistar novas areas de credito, ou terão de se render como miseras bastilhas ante a pressão exterior.

*
**

Cáem, um a um, os millionarios.

Vae rareando a casta.

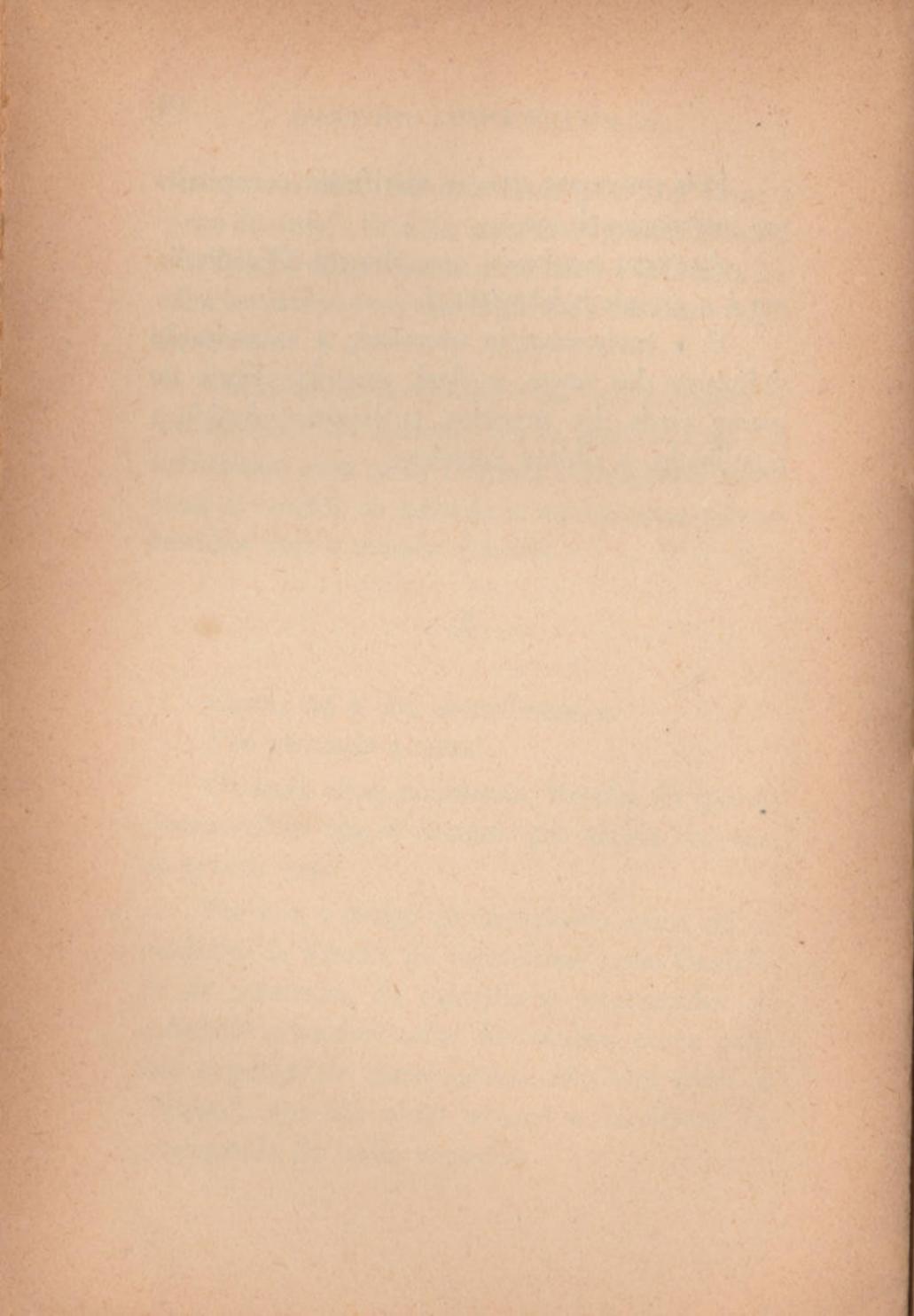
Os mais rijos, entretanto, ficarão. O mundo pertencerá ao que se levantar por ultimo da mesa do grande jogo.

Por isso, o perigo do capitalismo unico, do capitalismo de Estado, do capitalismo como finalidade da existencia, do capitalismo mecanizador da sociedade e bolchevizador das massas, numa palavra, o perigo do communismo, não está entre os "poetas", que são todos os que se sacrificam na propaganda do crêdo vermelho.

Pois enquanto estes se sacrificam, o capitalismo internacional age.

Age com segurança, com firmeza. O capitalismo é o grande bolchevista.

E a proletarização universal, a escravização definitiva dos povos se dará, quando, diante do panno verde dos negocios, se levantar, batido e humilhado, o ultimo parceiro.



O Dialogo dos Atlantes

Em fins de 1931, o sr. Laval, primeiro ministro francez, partiu para os Estados Unidos, afim de conferenciar com o sr. Hoover chefe do governo norte-americano. A humanidade assistiu ao dialogo entre a França e os Estados Unidos.

Esse encontro teve, sem exaggero, o sentido profundo de uma tragedia eschryliana.

A lucha do homem contra a conjuração das fatalidades constitue o espirito do velho theatro grego, que exprimiu, tão ao vivo, a vibração da consciencia dos povos da antiguidade, arrastados todos como titeres aos conflictos em que a imprescriptivel vontade dos deuses traduzia a inamovibilidade das forças naturaes no embate com as superiores directrizes do espirito humano.

A conversação entre a França e os Estados Unidos assume um character de intensa vibração dramatica, pela inutilidade de todas as tentativas, pelo gesto perdido de todos os esforços, no sentido de remover a tempestade que se está formando no horizonte das nações.



A tormenta vem se preparando desde o dia em que os governos começaram a perder gradativamente o "controle" das forças economicas.

Os governos, representando a soberania nacional, formavam-se pelo funcionamento da grande machina da vontade geral.

A vontade geral não exprimia uma realidade organica, mas uma realidade simplesmente theorica, baseada no conceito do individualismo.

A indole do suffragio universal vae buscar sua origem na reduçãõ de todos os interesses á expressãõ de um unico interesse: o da manutençãõ das mais amplas liberdades através das quaes o individuo possa largamente se expandir.

A soberania nacional, provindo desse principio, tem de representar um *lõgar commum*, que não venha collidir em nenhuma oportunidade e de nenhuma forma, com os interesses de expansãõ do individuo. De sorte que os governos emanados da vontade geral têm a sua acçãõ reduzida aos proprios limites, determinados pelo pensamento essencial que demarca a capacidade interpretativa dos phenomenos sociaes.

Essa capacidade interpretativa, si é ampla no sentido da generalidade do suffragio, é extremamente restricta, no sentido da intromissão nos negocios publicos, do *character humano* do eleitor.

O suffragio universal é *extensivo* no seu exercicio e na sua finalidade theorica; mas é *restricto* na sua significação, como é *vago* na sua *finalidade practica*.

O suffragio universal abrange os horizontes mais amplos, mas apenas tóca á superficie dos terrenos que abarca.

Pois sendo profundamente individualista, elle comprehende a *maior somma* de individuos e os projecta no unico plano em que se pôde homogeneizar a Opinião, que é o plano vago, indistincto, da liberdade do pensamento, da sua livre manifestação.

Ora, nesse plano, respeitados todos os pensamentos, como indices de liberdades individuaes, chegamos a uma conclusão curiosa: — taes pensamentos, ou co-existirão, anulados uns pelos outros, ou um delles se imporá, o que será a negação da liberdade e da individualidade dos vencidos.

O Estado Liberal, portanto, partindo da acceitação do principio da mais completa liberdade,

expressa pela vontade geral e traduzida na soberania nacional, chega ao seguinte dilemma:

— ou trahir a sua propria these, si deixar predominar uma determinada vontade sobre as demais vózes que o suffragio interpreta;

— ou manter-se sem finalidade pratica, inibido de offerecer soluções aos problemas em que entram em choque as differentes correntes da opinião.

*
**

Cumprе notar que o que nós chamamos as “correntes de opinião” se encontra hoje sob a influencia magnetica de dois pólos:

— os interesses dos detentores dos meios de circulação das riquezas (banqueirismo internacional);

— e os interesses artificialmente postos em choque pelos marxistas a serviço do capitalismo internacional, isto é: 1.º) os interesses das classes trabalhadoras; 2.º) dos dirigentes technicos.

Por mais que se subdividam os partidos da “direita” e da “esquerda”; por mais que se multipliquem as facções “centristas”, todos agem sob a influencia de um unico problema: o da chamada “lucta de classe”.

Ora, o Estado Liberal não quer conhecer a "lucta de classe".

Não quer, justamente porque os poderes que lhe outorga o mandato emanado do suffragio universal são vagos e indefinidos.

Esses poderes não provém do cidadão considerado como "homem integral", e sim do cidadão considerado como "individuo votante".

Pois a democracia toma o individuo, theoricamente, como instrumento de função politica, sem outra finalidade sinão a de constituir governos representativos da soberania nacional.

Não a interessa o individuo global, na sua triplíce affirmação, como personalidade moral, como fracção de classe, e como expressão civica.

Só esta ultima é apreciada pela democracia e é desta feição que decorre o character dos governos.

Nestas condições, os governos não têm poderes para se imiscuir sinão nos lineamentos geraes garantidores das mais amplas liberdades.

Consequentemente, as forças economicas se organizam á revelia do Estado. Agem livremente no mundo, sem disciplina em seus movimentos e nas suas directrizes.

Os governos perderam todo o "controle" des-

sas forças. Ellas suppriram a defficiencia dos governos, creando a sua propria autoridade, que é internacional e tem assento na City e na Wall Street, nas Bolsas e nos Bancos mundiaes, nos "bureaux" das grandes companhias.

O mundo não é governado pelos governos, e sim pelas "praças".

A grande crise do mundo é a crise da autoridade.

*
**

Na Europa, ainda fumegante sob as cinzas da Grande Guerra ateadada pelo super-banqueirismo e pelos fabricantes de armas, o mundo assistiu ao drama do fracasso de Wilson.

Era o fracasso da democracia, em face do instincto de conservação e o terror reciproco dos povos, manobrados pelos detentores do poder e da soberania financeira do mundo.

Muito mais tarde, no desequilibrio universal, assistimos á scena da conversação entre Laval e Hoover, dois fantoches da liberal democracia tentando reagir contra os elementos conjurados para a destruição do mundo.

Quando Laval partiu para os Estados Unidos, um jornal de Paris escrevia:

“Que poder tem, constitucionalmente, o sr. Laval, para comprometter as finanças da França? Nenhum poder.

Que poder tem constitucionalmente o sr. Hoover, para tomar compromissos sobre as finanças dos Estados Unidos?

Nenhum poder.

Que competencia particular tem o sr. Laval para ir falar da situação economico-financeira?

Nenhuma competencia.

E o sr. Hoover, cujas previsões têm sido invariavelmente desmentidas, pelos acontecimentos, que qualidades possui para propôr remedios?

Qualidade alguma”.

*
**

Essas perguntas exprimem admiravelmente a situação dos governos do mundo, em face dos grandes interesses em jogo. A difficuldade em que se encontram hoje todos os povos se origina, exclusivamente, da falta de disciplina internacional, do trabalho e da producção. Os stocks estagnados, sem possibilidade de financiamento, são ainda uma pequenina parcella do que os povos podem produzir, para se abastecerem largamente.

Entretanto, a produção, ameaçada, paralyza. Porque não ha portadores de dinheiro para consumir. Ha estomagos, mas não ha consumidores!

Ha necessidade de produzir mais, muito mais do que actualmente se produz: porem não ha possibilidade de intercambios intensos, não ha credito, não ha dinheiro.

Nunca foi tão grande a fartura e nunca foi tão grande a miseria!

Nunca foi tão necessario o trabalho e nunca foi mais inutil o trabalho!

Nunca os meios de communicação se tornaram tão faceis para o transporte de mercadorias; e nunca esses meios de communicação se tornaram tão superfluos, quando as nações fecham os portos, através das guerras aduaneiras!

Essa é a situação do mundo; e, sob os tragicos elementos desencadeiados das desconfianças e dos pavores reciprocos, a lucta dos homens que teem sobre seus hombros a responsabilidade dos destinos universaes, assume as proporções de um grande drama impressionante.

Os governos perderam a autoridade.

O mundo pésa, mais do que nunca, sobre os hombros dos novos Atlas.

Porque falta aos heróes de hoje a força que provem de uma concepção de finalidade do Estado.

Finalidade de aperfeiçoamento e de justiça humana, que deve sobrepairar ás contingencias dos interesses materiaes das classes em conflicto, que inspiram o roteiro das Nações.

E' preciso destruir a *direita reaccionaria*, como a *esquerda* que se diz revolucionaria.

Destruir todos os partidos intermediarios do *centro*, velhos opportunistas e charlatães.

E realizar, na finalidade superior do Estado, a verdadeira finalidade do homem integral, pequeno mundo em si mesmo e parte do mundo na Nação; sêr essencial, como personalidade, e sêr contingente, como factor de producção, de riqueza collectiva e de grandeza nacional.

Pois é dessa concepção do Homem e do Estado que virá a concepção do Governo capaz de disciplinar, de dirigir e de equilibrar o mundo.

Imperialismo e democrazia

Quando se fala em imperialismo economico não se deve conceber a idéa de uma determinada nação, organizada de modo a sugar de outras todos os elementos de vitalidade, através de transacções commerciaes, afim de converter aquelles elementos absorvidos em novas expressões de Força e Poder de character nacional.

O imperialismo, sendo uma organização que se estructura dentro de um paiz, nem por isso é uma expressão politica desse paiz. As condições favoraveis do meio, a questão das materias primas, dos combustiveis, o gráo de desenvolvimento tecnico do proletario, a maneira como estão dispostas as forças do Capital, tudo isso influe para que se arme num paiz, com maior ou menor potencia, o imperialismo absorvente. Elle representa o inicio da phase final da evolução capitalista.

Os grandes "trusts", monopolios, syndicatos, bancos e companhias constituem forças poderosas agindo dentro do Estado, com a plena liberdade

que lhes outorgam os principios fundamentaes da economia classica, oriunda dos physiocratas e da Revolução Franceza.

Essas expressões do imperialismo economico servem-se do Estado para os seus fins, influem na estruturação das leis de um paiz, nas directrizes de sua politica exterior, na consagração de certas theses de direito que consultam as conveniencias dos grupos financeiros.

Mas, na realidade, o imperialismo economico não tem Patria, ao contrario do que erradamente se pensa, quando se fala em imperialismo inglez, imperialismo norte-americano, etc.

As forças economico financeiras, que se desenvolvem livremente no seio das democracias, os agentes da expansão industrial e commercial usam apenas das Nações em que se acham installados, como de instrumentos politicos necessarios aos seus fins, pois é através de certas formulas inherentes ao conceito da soberania nacional que essas forças e agentes encontram maior facilidade de agir, desde o tratado commercial e as convenções aduaneiras, á obtenção de favores alfandegarios, de privilegios e concessões e, finalmente, desde os pactos e allian-

ças internacionaes até ás operações militares e á guerra.

O imperialismo economico, portanto, não deve ser considerado como expressão de uma nacionalidade, mas como uma força internacional occasionalmente installada num paiz, explorando até os sentimentos mais nobres de um povo e suas proprias aspirações idealistas e espirituaes.

*
**

No fim do Feudalismo, as Monarchias serviram-se das forças do capitalismo para armar exercitos e impôr á tendencia desaggregante dos feudos o imperativo da centralização.

Ficou assim lançada a semente da crise do Estado, que viria resurgir mais aguda depois da Revolução Franceza, para fundamentar os principios mediante os quaes, durante todo o seculo XIX, o poder economico se desenvolveria formidavelmente á revelia do poder nacional, subjugando os governos aos banqueiros, os destinos da economia publica aos caprichos da economia particular, para entrar, finalmente, em pleno seculo XX, na marcha franca para o unitarismo da concepção marxista.

O imperialismo economico, portanto, que não tem Patria nem Deus, que subordina o personalismo ao individualismo e este ao collectivismo, é hoje o grande impulsionador das forças economicas universaes no sentido materialista do seu absoluto predominio em face do Estado, que elle pretende aniquilar.

A curva que descreve o capitalismo conduz ao mesmo ponto visado pela marcha rectilinea através da qual o communismo pretende operar a precipitação do processo historico.

Dessa identidade de idéas, de sentimentos e de fins desnacionalizantes, origina-se a mesma aspiração politica das duas correntes (capitalismo e communismo). Essa aspiração é a liberal democracia.

*
**

Só esse regimen convem aos representantes dos "trusts", monopolios, syndicatos, bancos e companhias; aos interesses internacionaes do capitalismo; aos interesses pessoases da avareza e da ambição sordida. Porque esse é o regimen das maximas liberdades, para todas as negociatas, para todas as oppressões contra o proletariado, para o predominio dos plutocratas, dos potentados, dos que influem

nas leis e decidem das guerras e usufruem o proveito material do sangue derramado nas fronteiras, como aconteceu na Conflagração Européa.

E, tambem, só esse regimen convem aos adeptos do marxismo porque esse regimen, abandonando as forças da producção ao seu proprio destino; não permittindo praticamente ao operario que elle se represente nas assembléas, pois pelo suffragio universal só se elegend os ricos, os medalhões ou os demagogos anarchistas; conservando-se alheios á exploração do Trabalho, transformado em mercadoria sujeita á lei da offerta e da procura — assiste, impassivel e impotente, ao desespero das massas soffredoras.

O liberalismo entra, por conseguinte, no plano darwinista de Sorel, quando preconiza no seu livro "Reflexões sobre a violencia", a franca expansão da burguezia.

O Estado liberal-democratico é o que convem ao imperialismo internacional, seja o norte-americano, seja o inglez, pois elle terá mais facilidade de agir por intermedio das forças desnacionalizantes do commercio quando este desintegrado das finalidades nacionaes.

Esse imperialismo que já nos escravizou depois

de um seculo de exploração miseravel, estende, cada vez mais, as suas garras sobre nós. A sua influencia é subtil e profunda. A sua finalidade é materialista e desnacionalizadora. E estamos hoje entre dois fogos: Londres-Nova York e Moscow.

*
**

A campanha communista, fingindo-se anti-capitalista, tem por fim desorganizar as forças de produção nacional, de modo a nos submettermos, cada vez mais, ao imperialismo financeiro dos magnatas do ouro. Estamos ameaçados pelas duas bestas apocalypticas: Rothchild e Trotzky. Ambas trabalhando surdamente pela nossa desaggregação, pela nossa maior confusão, espectáculo doloroso de povos decadentes.

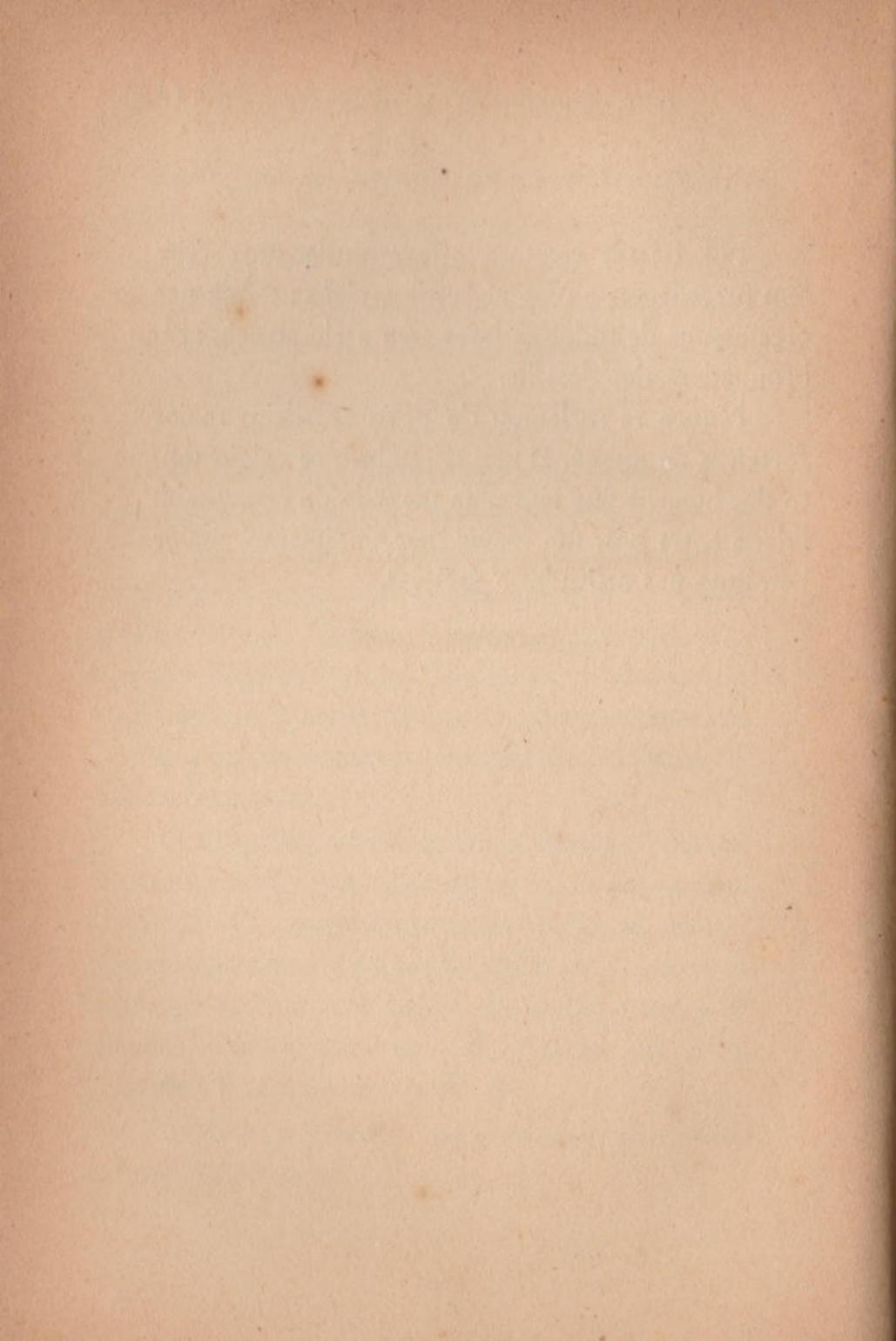
O capitalismo internacional fomenta secretamente as tendencias separatistas, para enfraquecer a Nação. O communismo russo incute no espirito das massas que a Patria não passa de um convencionalismo. Perdemos, assim, dia a dia, a nossa resistencia nacional. Avança, desse modo, dia a dia, a influencia do super-capitalismo.

Todas as Patrias soffrem hoje a pressão dessas duas forças.

*
**

No Brasil, estamos atravessando uma crise sem precedentes e uma angustia social que fala nos orçamentos de todos os lares com a eloquencia acabrunhadora dos deficits.

Nunca se reclamou do povo brasileiro maior fortaleza de animo. E nunca tambem se exigiu tanto dos homens que têm uma parcella de responsabilidade entre nós, um maior desprendimento, maior heroismo nas attitudes e decisões.



**Nacionalismo e colaboração
internacional**

I

INDOLE DO ESTADO FASCISTA

Como expressão de superamento de todas as doutrinas, de todas as directrizes e de todas as energias, o Estado Fascista procura realizar a synthese de todas as phisionomias nacionaes e de todas as aspirações humanas, no conjuncto harmonico de sua estructura.

O fascismo se apresentou após a Grande Guerra, como um vertice de correntes de pensamentos. Desse apice, que é a concepção theorica do Estado, partem as grandes linhas da politica decorrentes de um modo novo de encarar os phenomenos sociaes e a significação da nacionalidade.

O Estado Fascista deixa claramente entrever as linhas de sua filiação historica. Elle transporta o Passado para o primeiro plano, para o Presente, fundindo duas épocas historicas e actualizando-as:

o espirito do Estado Romano e o mecanismo do Estado Medieval. Mas essas duas phisionomias não se affirmam isoladamente, nem propriamente se cruzam, porem se realizam numa forma nova, que consulta, a um tempo, o sentido democratico originado da Revolução Franceza e a evolução da tendencia syndicalista dos tempos modernos.

O fascismo é romano, porque conserva o Senado, porque restaura tradições da expansão latina, porque cultiva o espirito militar e de hierarchia, porque submette a formação da Italia Nova a um senso historico que vae buscar as remotas raizes no Imperio.

O fascismo é medievalista porque funda a organização do Trabalho na estructura das corporações, considera a religião como uma força inherente ao conjuncto social e restaura o senso dos deveres, que constituia o fundamento da sociedade anterior á Revolução Franceza, demarcando os limites do Estado, os limites das corporações e dos individuos.

O fascismo é democratico porque estabelece no terreno politico, a representação, e mantém o suffragio, ao mesmo tempo que sustenta, no terreno economico, o principio garantidor da iniciativa par-

ticular, que é o cerne mesmo das democracias liberais, apenas limitando essas iniciativas segundo as impositivas necessidades do Estado Nacional e da Collectividade.

O fascismo é revolucionario, porque a sua tendencia, cada vez mais, é para attingir o Estado Integral, chegar até ao integralismo, cuja base politica é o funcionamento dos syndicatos como vehiculadores da opinião e dos interesses profissionaes, que circulam no organismo vivo e dymnamico das corporações.

*
**

Mas, si o fascismo, como doutrina e realização politica, operou a fusão de duas épocas historicas, tambem como cultura traça um caminho, que decorre daquelle vertice, onde vêm ter as diferentes projecções intellectuaes do seculo passado, que, podemos dizer, terminou em 1918.

Assim, o fascismo tem qualquer cousa de Nietzsche, na sua concepção de vida, de energia e de força. O espirito romano tinha-se transladado da peninsula para a Allemanha, inspirando toda a

obra anti-christã da Kultur, traduzida, já agora no conceito da superioridade racial do typo dolico-louro. Esse movimento tem sua origem no sonho de restauração pagã de Juliano, o apostata, e torna-se culminante em Nietzsche, transbordando, depois, por toda a Europa.

Reflecte-se na poesia de Carducci e inflamma o verbo de Gabriel d'Annunzio. Este poeta sem discipulos, mas de fascinante prestigio na Italia, é o divulgador de uma concepção de vida que produz o rifão do fascio: "meglio vivere un giorno da leone que cento anni da pecora".

E isto é todo o sentimento animador da marcha dos "camisas-pretas", como já tinha sido na epopéa de Fiume, que o proprio Mussolini exaltou num artigo vibrante.

*
**

O fascismo é tambem profundamente nacionalista, não apenas no senso romano e na exaltação nietzscheana, mas no senso politico-geographico da comprehensão da Italia-Unida, actualizando, cada vez mais, o sonho de Cavour, de Garibaldi, de Victor Emmanuele e principalmente de Mazzini, mestre supremo da Italia Nova.

Esse nacionalismo não quer, porem, o paiz reduzido ao museu universal, cheio de estatuas e de télas, onde o mundo vem admirar as gerações mortas. Não mais a Italia das "luas de mel internacionaes", como diz D'Annunzio, porem uma Italia viva e presente, em movimentos energicos e originaes.

Dahi a ligação do fascismo com o futurismo de Marinetti.

O futurismo é, ao mesmo tempo, reacção e revolução. O que o cubismo faz para condensar os elementos artisticos diluidos no estado de espirito dadaista, em formas geometricas crystalizadas, o futurismo faz para aproveitar as forças esparsas do fim do seculo, numa expressão de movimento.

Marinetti é todo o dymnamismo do paiz renascente. Os seus processos artisticos, desde o manifesto de 1909, baseiam-se nas forças novas da civilização. Sua esculptura, sua pintura, seus poemas, são syntheticos e ageis. Esse espirito de renovação se funde ás novas tendencias politicas do fascismo.

O futurismo appareceu com caracter quasi universal, porem transformou-se em expressão na-

cional e chegou aos extremos exaggeros. Marinetti lançou uma proclamação violenta de nacionalismo.

Um nacionalismo que vae ás raias do jacobinismo e que se apresenta como um symptoma da terrivel crise mundial em que parece não haver remedios possiveis para se alcançar uma perfeita colaboração entre os povos.

Essa attitude é um grito de angustia da nacionalidade. Exprime o desejo de salvar a Italia do snobismo, da desnacionalização completa, da absorpção da península pelo cosmopolitismo avassalador.

E' um manifesto que contem onze proposições fortes e incisivas e que ganham uma oportunidade extraordinaria nos dias de hoje.

*
**

Apreciemos esse manifesto, collocando-o em face da situação actual do mundo, estudando-o em face das difficuldades que atravessam hoje todos os povos. Apreciemol-o, principalmente, como exemplo de um velho povo a um povo jovem como o nosso e que, cada vez mais, se deixa submeter á dominação estrangeira.

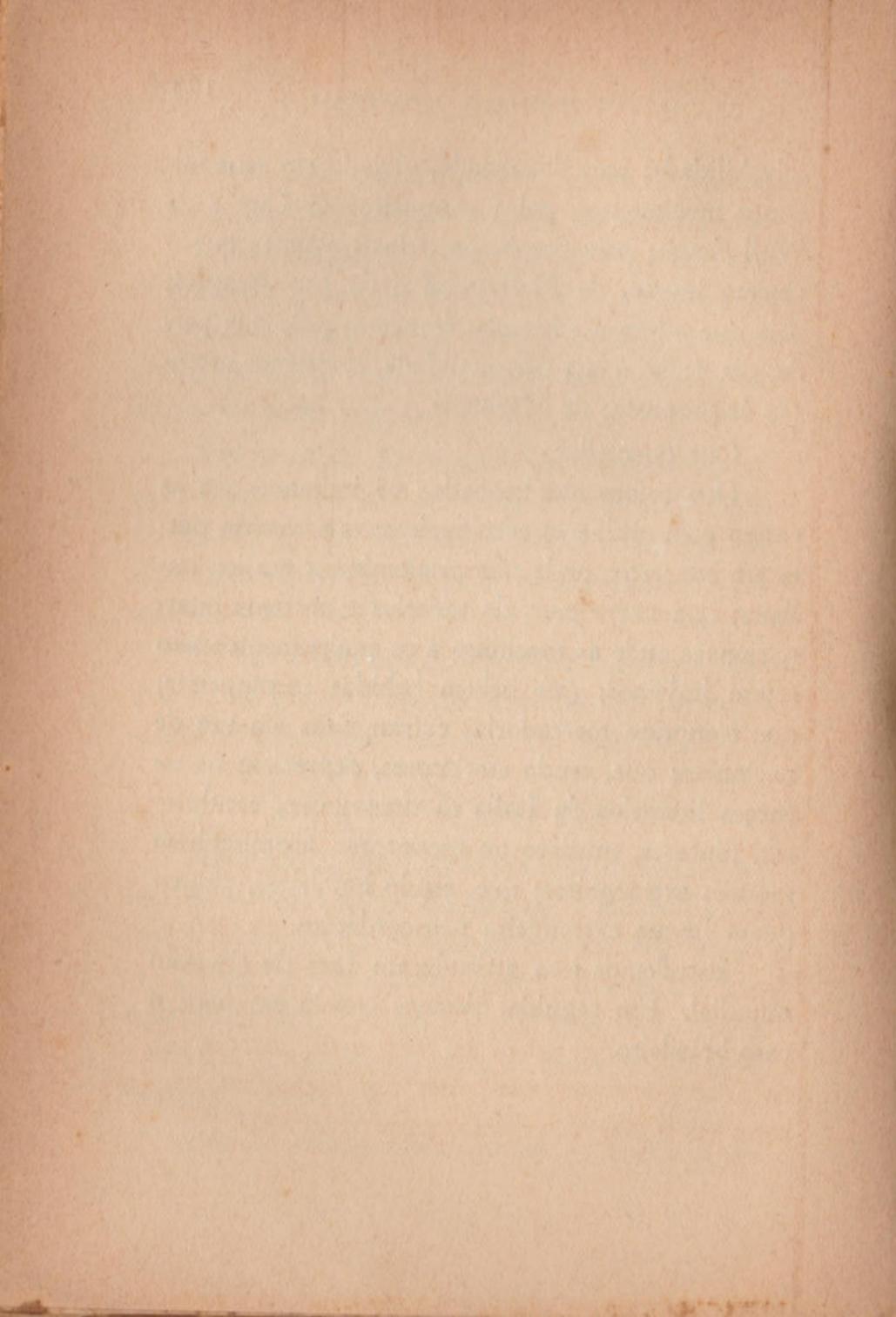
Paiz de immigração, paiz em situação de in-

solvabilidade; paiz fiscalizado, vigiado em seus minimos movimentos, pelos banqueiros da City e de Wall Street; paiz dominado pelos costumes que o cinema impõe, de Hollywood e de Los Angeles; paiz que adora a educação franceza; paiz que perde, dia a dia, a sua personalidade, prestemos attenção ás propostas de Marinetti.

Que quer elle?

Que sejam condemnados os italianos que se casam com mulheres estrangeiras; que tomam parte em concertos onde não predomina a musica italiana; que participam de torneios esportivos internacionaes onde as machinas e os equipamentos não sejam italianos; que bebem bebidas estrangeiras; que comprem mercadorias estrangeiras em vez de nacionaes; que, sendo escriptores, depreciam os esforços literarios da Italia moderna; que, esculptores, pintores, musicos ou escriptores, acompanham mestres estrangeiros; que, sendo hoteleiros, empreguem lingua estrangeira nos cardapios.

Estudemos essa attitude em face da situação mundial. Em seguida, tiremos conclusões para o caso brasileiro.



II

SENTIDO DA POLITICA DO MUNDO

Já não constitue nenhuma originalidade o pensamento segundo o qual os problemas nacionaes desapareceram depois da Grande Guerra para só existir um unico problema, de character internacional.

As crises internas de todos os paizes não se subordinam mais ao processo gerador das correntes de opinião que parecia explicar todo o mecanismo politico dos systemas democraticos; ellas soffrem a inevitavel pressão da atmospheria exterior, onde todas as questões dos povos, os mais differentes, vão se encontrar e se relacionar.

O aspecto geral da politica de um paiz achase, portanto, ligado a dois mundos distinctos, a dois planos de acção: o plano que poderemos denominar geographico, com raizes na terra e na historia social, e o plano universal, com elos fataes nas praças e nas bolsas do capitalismo internacional.

A ultima etapa da evolução dos partidos da Inglaterra foi operada sob a pressão de factores internacionaes. A concentração nacional de 1931 obedeceu a impositivos da politica exterior.

A proposito desse facto, Mussolini fez notar que a crise governamental que precedeu as mais recentes eleições britannicas, não obedeceu ao rythmo commum do systema parlamentar. Essa observação feita por um homem da "direita" vem repetida por um homem da "esquerda", pelo menos pelo seu jornal, algo dilettante, mas sempre curioso nas suas observações: Henri Barbusse.

Observa Barbusse que o governo de concentração nacional da Gran-Bretanha se formou "em violação de todas as regras parlamentares, no paiz que se jactava, não sómente de as haver inventado, mas ainda de as observar com um respeito minucioso".

E' que, acima dos interesses e dos programas mais ou menos theoreticos dos partidos, ou de seus movimentos opportunistas, existe o peso de uma pressão atmospherica mundial, avolumando-se de uma maneira assustadora.

Os problemas das nações não poderão ser resolvidos isoladamente. A trama das relações com-

merciaes é tão complicada e, sobre a tendencia de affirmação nacional dos politicos avulta, de maneira tão dominadora a tendencia individualista do capitalismo internacional, que os governos perdem, dia a dia, a sua autoridade, assim como o mundo economico-financeiro perde, hora a hora, todo o senso da disciplina.

No caso da Inglaterra, encontramos o primeiro passo que será dado fatalmente por todas as nações, como preliminar de futuros entendimentos entre si: o fechamento em si proprias. E' uma attitude á primeira vista paradoxal. O caminho para o internacionalismo é o proprio nacionalismo. Pois elle é uma recomposição da autoridade do Estado. E sómente quando o Estado tiver autoridade, será possivel um internacionalismo, não no sentido marxista, porém num sentido ethico e moral, que não excluirá as unidades espirituaes das nações.

O livre-cambismo inglez foi profundamente nacionalista, mas no velho sentido nacionalista da liberal democracia, que collocava as nações nas mãos dos grupos financeiros nellas installados. Da mesma maneira, o liberalismo e o parlamentarismo britannicos.

Hoje, a concentração nacional, tendo um as-

pecto de exclusivismo, representa, na realidade, a primeira jornada no rumo de um futuro internacionalismo de Patrias, no sentido de se rythmarem os movimentos universaes da producção, da circulação e do consumo segundo uma lei moral.

*
**

Como resolver a crise mundial, si a superprodução, a falta de trabalho têm por origem immediata a crise de autoridade?

As velhas concepções do livre commercio e das organizações economico-financeiras, tornadas classicas no periodo da crystalização dos systemas politicos liberaes-democraticos, tendo determinado a quêbra do que nós poderemos chamar, com propriedade, o padrão dos governos nacionaes, produziram tremendos desequilibrios, por se collocarem á revelia de uma força coordenadora extranha aos interesses capitalistas.

A antiga economia politica não conseguiu constituir o moto-contínuo das rotações automaticas e perfeitas. E os povos se encontram hoje numa situação curiosa: 1.º) de necessidade de collaboração internacional para sanar os males oriundos da incapacidade mecanica do apparelho commer-

cial do mundo; 2.º) de pavor mutuo, que determina attitudes absolutamente anti-collaboracionistas.

*
**

Essa situação é das mais curiosas, si observarmos que, ha cento e poucos annos, as nações todas tratavam de abrir seus portos ao commercio internacional; e, agora, temos como que um gradual fechamento de portos, que a outra cousa não corresponde o exclusivismo das politicas aduaneiras, as verdadeiras guerras das alfandegas.

Volta á baila a discussão do proteccionismo e do livre-cambismo. A liberal Inglaterra suspende todas as cogitações de outra ordem, para se fixar no terreno dessa discussão. Todos os seus partidos se approximam nesse sentido e é fóra de duvidas que predominará o criterio proteccionista, que é a bandeira da concentração nacional.

O exemplo já tinha vindo de outras nações, entre as quaes os Estados Unidos. Era o movimento nacionalista que se alastrava no afan de evitar as evasões do ouro. E esse movimento era uma consequencia da incapacidade dos governos de se entenderem num largo sentido de solução dos pro-

blemas internos numa base estatística de produção e de consumo universaes.

Incapacidade e falta de autoridade, açulando as desconfianças e o instinto egoistico dos povos.

*
**

Por outro lado, originando-se da mesma causa da crise de autoridade, a questão do desarmamento em que se occupam os grandes paredros das nacionalidades, cingem-se ao que o nosso caipira brasileiro denomina pitorescamente: "carregar agua em jacás". Pois esse problema, como o das relações economicas, não poderá ser resolvido com atitudes romanticas, quando elle está visceralmente ligado ao pavor que inspira desconfianças entre os povos.

*
**

Apreciámos, no capitulo anterior, a indole do Estado Fascista, a doutrina em que elle se funda, de cooperação das classes, de superamento de todas as tendencias e theorias sociaes, de todos os processos politicos, e de realização, na expressão total da Nação, de todas as energias do paiz, quer sejam materiaes, intellectuaes ou moraes.

O Fascismo, como doutrina de Estado, encerra uma synthese cultural e traz consigo a possibilidade da restauração da autoridade governamental, sem a qual nada será possível fazer, nem no interior dos paizes, nem no panorama da vida internacional.

Entretanto, o novo regimen italiano, em face das realidades pragmaticas da vida commercial e social do paiz, encontra-se no mesmo bêco sem sahida em que se debatem as nações democratico-liberaes.

Tambem a Italia não resolverá o seu problema, si não o submetter ao grande problema universal. E dahi a necessidade de sua projecção, não como politica nacional, mas como doutrina de Estado.

Si o Fascismo é apenas nacional, si lhe falta caracter de universalidade, não poderá subsistir. A pressão do mundo se exercerá sobre elle.

O liberalismo não poudé viver apenas em França, como politica, nem apenas na Inglaterra, como economia. Si elle dominou o mundo durante cem annos, foi porque tinha caracter de universalidade. Elle foi a arma com que o individualismo economico solapou todos os governos da terra. Hoje,

uma nova concepção de Estado que se opponha aos designios da liberal-democracia, deverá tambem encerrar em si propria uma essencia universal.

A proclamação de Marinetti e até mesmo certas attitudes do governo italiano, revelam a face nacionalista do fascismo com laivos de jacobinismo bem accentuados e alarmantes. (1)

E' um symptoma dos dias que estamos vivendo. E desse estado de espirito poderemos ir tirando algumas conclusões curiosas, que ganham toda oportunidade neste instante em que as nações se encontram tão intimamente ligadas umas ás outras.

(1) E' commum encontrarmos italianos que são fascistas quanto á Italia e liberaes quanto ao Brail. E' o caso dos grandes industriaes de S. Paulo e alguns intellectuaes. Para a Italia, um governo forte, para o Brasil, uma zurrapa liberalesca! Muitos, chegam a estipendiar revoluções liberaes-democraticas em nosso paiz...

III

DIFFICULDADES DA HORA PRESENTE

Prefaciando o livro de Georges Lefèvre, "Homme Travail", André Tardieu refere-se á insufficiencia da politica democratica do "laissez faire", dizendo:

"Nós temos permanecido nesta materia, como em tantas outras, sob o regimen das emendas, timidias addições rectificativas a indiscutíveis rotinas. E' preciso nisto, como em outras cousas, passar da emenda, que mascára, á reforma, que constróe".

Podemos commentar com essas mesmas palavras a situação do mundo contemporaneo em referencia á crise economica, que assoberba todos os povos.

A democracia falliu em face das realidades economico-sociaes. O seu crepusculo rapido começa com a Grande Guerra, em que explode o capi-

talismo na sua ultima etapa; cerra-se ainda mais quando o lyrismo de Wilson volve batido com seus principios, para os Estados Unidos, onde vae encontrar o espirito nacional tambem voltado contra elle; liquida-se com a quéda de Kerenscki na Russia; morre em todos os paizes da Europa, onde se implantam dictaduras; encerra o seu cyclo com a ultima crise da politica ingleza, pois a Gran-Bretanha era o ultimo reducto da perfeição do systema, que falha fragorosamente no instante mesmo em que a libra oscilla no seu pedestal sagrado.

*
**

As difficuldades que se apresentam ás Nações na hora presente são verdadeiramente paradoxaes, si considerarmos, que a civilização jamais attingiu tão completas possibilidades materiaes e technicas para facultar o conforto a toda a humanidade, sem excepção de um unico homem.

Tudo dependeria de um corajoso entendimento em que fossem fixadas bases estatisticas de producção, reducção de horas de trabalho, unidade da moeda, tarefas para cada paiz no movimento das trócas, que passariam a reger-se, não mais pelo criterio dos interesses egoisticos de intermediarios e

exploradores, mas pelo criterio de uma superior finalidade da producção.

Só assim seria possível o estabelecimento de lucros razoaveis, que garantissem as justas aspirações das iniciativas particulares, respeitando o individuo dentro do Estado, sem jamais permittir que o Estado se reduza a um joguete de forças economicas organizadas á sua revelia, transformando o mundo num scenario de batalhas cruéis.

Sob o rythmo dos movimentos democraticos não foi possível ao mundo impor uma disciplina á producção, á circulação e ao consumo, de conformidade com as necessidades humanas. Não foi possível ás nações solucionar nem as suas crises sociais internas, decorrentes da propria situação de concorrência nos mercados internacionaes, cujos reflexos vão incidir em cada povo, como imperativos das condições de trabalho e dos preços da mão de

*
**

A Democracia assiste á marcha inexoravel dos acontecimentos, debalde se agitando a clamar pela collaboração de todos os povos; debalde desejando, sinceramente, o desarmamento; debalde propondo

formulas conciliatorias á solução das dividas de guerra, que vieram, por sua vez, desequilibrar o aparelho economico do mundo.

A Democracia assiste ás revoluções sem objectivo, reveladoras de situações de mal-estar. Vê os povos sahirem desses movimentos desordenados, com anseios de reconstrucção, sem que saibam, ao menos, exprimir claramente o que desejam. (1)

E, quando nada mais se pôde esperar da Democracia, os espiritos se dividem, visionando uns o socialismo, como unico remedio ás angustias contemporaneas, sentindo outros no nacionalismo a fatalidade da direcção dos povos.

Não admira, pois, que, na Italia, onde appareceu a mais seductora doutrina de Estado; na Italia, onde o fascismo quer garantir ao homem a sua dignidade, ás classes o seu perfeito equilibrio, ao governo a sua autoridade, á Nação a sua integridade e soberania, tenha sahido um grito de agudo nacionalismo.

A importancia que damos ao facto não é propriamente pelo gesto de jacobinismo como expressão sentimental, mas pela realidade diante da qual hoje a Italia se debate, como todos os paizes numa

(1) E' o caso da revolução brasileira de 1930.

época que poderá ser assignalada na historia economica do mundo como o periodo da guerra aduaneira.

*
**

Na impossibilidade de concertarem um accordo universal, os paizes se retrahiram e se retrahem cada vez mais. Tenebrosas forças secretas, que agem nas praças do mundo, estabelecem confusão e desorientam todos os convenios. Os governos não encontram terreno firme no scenario universal, e a voz da sua autoridade é muito fraca para se fazer ouvir no concerto das nações, porque na retaguarda da autoridade nacional agem, desmoralizando-a, os grupos financeiros, os grupos partidarios e a imprensa desenfreiada, quasi sempre vendida.

Não tendo podido salvar-se pela Democracia, as Nações tentam salvar-se pelo Nacionalismo.

A guerra contra o cosmopolitismo, a lucta contra a influencia estrangeira, o anseio dos povos para se bastarem a si mesmos, é o aspecto novo da crise mundial. Aspecto que se revela tão eloquentemente na orientação até hontem tão liberal da velha Inglaterra, onde os partidos se fundem, com

caracter de concentração nacional e pugnando pela politica proteccionista.

Na Italia, é natural que se manifeste o mais vivo nacionalismo.

Essa attitude exprime, principalmente, a impossibilidade de um accordo internacional de collaboração de todo o genero humano na obra de prosperidade e de felicidade communs. Revela que a Italia comprehende o egoismo dos outros povos e o sentido imperialista do capitalismo.

*
**

Não é possivel qualquer entendimento com governos que não estão armados de poderes para esmagar as organizações internacionaes do capital e do proprio trabalho, que róem as nacionalidades como cancros.

A primeira etapa para um internacionalismo de patrias, para uma sincera e leal collaboração entre os povos, tem de ser, forçosamente, o nacionalismo.

Trancar-se cada nação em si mesma, afim de restaurar a autoridade de seus governos, pela independencia economica e affirmação do espirito na-

cional. O mundo terá de atravessar essa phase. Só depois, será possível cogitar-se de um internacionalismo que não é o de Marx (porque este é uma doutrina do seculo XIX), mas um novo internacionalismo de valores ethicos e globaes de Patrias organizadas. Pois esse será o internacionalismo fatal dos fins do seculo XX.

Por agora, povo jovem, prestemos nós, brasileiros, muita attenção ao exemplo que nos offerecem os povos antigos. Temos de crear o nosso nacionalismo.

Paul José de Campos.

IV

RESTAURAÇÃO DA AUTORIDADE

Os males do mundo contemporaneo não poderão ser resolvidos de um só golpe. Nem mesmo no sentido acelerado de marcha para a esquerda. As nações chegaram áquella situação curiosa dos personagens do escriptor inglez, que temiam a acção de uma terrivel sociedade secreta, e entravam para ella, afim de descobrirem seus planos tenebrosos. E, ao fim de certo tempo, verificavam que os associados eram unicamente os taes detectives, pois a sociedade sinistra jamais existira.

Tambem todos os governos anceiam por uma perfeita collaboração. Todos sentem os mesmos males, todos desejariam, de bom grado, entender-se para solver essa crise paradoxal, que se manifesta justamente no periodo de maiores possibili-

dades da technica, das industrias, da lavoura e do commercio.

Entretanto, uns temem os outros e não encontram uma formula salvadora. E esse aspecto é o mais caracteristico do cyclo final de uma civilização, que perdeu o senso das liberdades e não soube fixar os limites ás responsabilidades, aos deveres e direitos, dos governos entre si, e entre cada um delles e as forças de producção interna, assim como entre os elementos representativos dessas forças, que são o Capital e o Trabalho.

O panorama universal se torna, desse modo, de uma complexidade assoberbante. Cada problema tem intima consonancia com outras tantas questões.

Em consciencia, não existe um paiz que não aspire a produzir para os outros, recebendo, tambem, do resto da humanidade, os beneficios reciprocos da producção, constituindo, assim, a importação uma tendencia tão natural como a exportação. No emtanto, o equilibrio das balanças economicas está sujeito á mais indisciplinada concorrencia, que crêa factores artificiaes na vida dos povos.

E como nós estamos ainda vivendo sob o signo dos "direitos do homem" e da "soberania das

nações”, são esses mesmos direitos expressos por intermedio dessa mesma soberania, que redundam na negação dos direitos mais sagrados da humanidade que é o direito á vida e á tranquillidade na paz e no trabalho, com uma finalidade superior de affirmação intellectual e espirital.

*
**

Póde-se affirmar, com toda a convicção, que a crise fundamental dos dias actuaes tem sua origem immediata no factor moral do desfallecimento da autoridade e da perda de todo o senso dos deveres que trouxeram o desequilibrio das forças sociaes e economicas no panorama internacional e na paizagem nacional.

A restauração da autoridade é o passo preliminar no rumo de um possivel entendimento entre os povos. A objectivação de um ideal democratico tem de renunciar ao immediatismo democratico. A disciplina das forças economicas universaes terá de partir da disciplina dessas forças nos ambitos das nacionalidades. Dahi o instincto politico de todos os paizes, de retorno a si mesmos, de attenuação dos movimentos intercambiarios, de defesa

contra a absorção pelos mais fortes, que o sentido imperialista das democracias faculta e facilita.

Percebe-se, na attitude dos governos e nas direcções politicas dos partidos, que a palavra de ordem é a vóz de "ultima forma", em que as nações precipitadamente querem retornar ás bases de onde partiram, antes de se embrenharem no desenvolvimento da expansão economica do seculo passado, inspirada no conceito do "laissez faire", de indole fundamentalmente liberal.



A senha moderna é o nacionalismo.

Pois dentro do nacionalismo é que os povos pretendem recompôr-se, como si tivesse soado no grande "ring", para exhaustos athletas, o "gong" providencial que marca o termino de um "round" violento e convida ao repouso no angulo do tablado.

As nações querem tornar-se a si mesmas. Querem balancear as suas possibilidades, querem reconstituir as suas energias perdidas, querem, antes de mais nada, verificar com que podem contar. E esse é o caracteristico mais expressivo deste curioso instante que vivemos.



E o exemplo — nesta época dos mais surpre-
hendentes acontecimentos — vem do proprio paiz
onde se ensaia o regimen internacionalista do socia-
lismo integral.

E' da Russia que parte o gesto de supremo na-
cionalismo.

O pensamento essencial de Carl Marx soffre
ali a pressão das realidades exteriores e interiores e
se submete ao senso pragmatista dos processos po-
liticos de uma dictadura cheia do espirito naciona-
lista .

O plano de reconstrucção da Republica Sovie-
tica realiza inicialmente a captação do grande mys-
ticismo slavo-semitico, realizando o Estado Russo
dentro das contingencias russas. No fundo, é o na-
cionalismo elaborando a grande expressão imperia-
lista, e nem póde o determinismo marxista negar
essa força latente, que lançou em outras epocas as
massãs dos grandes exercitos nas guerras do sul e do
oriente e que fizeram do russo um typo absoluta-
mente vincado de aguda personalidade, apesar de
todas as tentativas de occidentalização do Imperio,
desde os tempos de Catharina. E o plano quinque-

nal representa uma sublimação de instinctos nacionaes incontestaveis assim como o mysticismo, com que as massas a elle se submetteram exprime uma transgressão eloquente da these materialista de concepção do desenvolvimento normal das forças economicas.

*

**

Essa affirmação nacionalista está hoje tão viva nos Estados Unidos, como na França, na Inglaterra ou no Japão, na Allemanha ou na Italia, na Europa Central ou na America do Sul, e irrompe nas proprias colonias, ameaçando a integridade do Imperio Britanico. Explóde na China, que se levanta como um leão sacudindo a juba, e vibra na attitudes dos partidos inglezes como nas marchas hile-ristas que empolgam os Estados Germanicos.

O mundo, descrente da democracia, volve ao nacionalismo. E o nacionalismo tem agóra um sentido de disciplina, de restauração da autoridade.

A Hespanha é, possivelmente, o unico paiz onde persiste a illusão liberal. E' semelhante ao amôr de um velho estreante, requestando uma rapariga ardilosa que o negaceia e o leva para onde quer. E esse velho romantico só agora inicia as suas aventuras, sem perceber que a seu lado, emquanto elle se em-

bevece no lyrismo syndicalista e democratico, uma nova força vae-se formando para deixal-o á margem, como o Pierrot da lenda.

Entretanto, ali mesmo na peninsula iberica, Portugal assume uma attitude nacionalista, que objectiva principalmente a restauração do prestigio do governo.

*
**

E nós, diante desses quadros do mundo, como nos deveremos conduzir? Eis uma pergunta a que deveremos responder, não sómente em face das doutrinas e das theorias, mas em face das realidades presentes e dos supremos interesses do Brasil.

V

A SOBERANIA FINANCEIRA

Verificamos que a tendencia das nações é hoje para o retorno a si mesmas, para o minimo de cooperação economica internacional. Muitos observadores superficiaes citam o caso da Russia, como o de uma renuncia ao nacionalismo a que foi condicionado, a principio, o Estado Marxista, pelo facto de, nestes ultimos tempos, terem andado os soviets a bater ás portas das nações, solicitando aberturas de creditos e entendimentos commerciaes. A conclusão de que a Russia, por esse motivo, retoma o rythmo das relações internacionaes não exprime, com exactidão, o sentido verdadeiro desse phenomeno politico. Pelo contrario: reforça o nosso argumento.

E' preciso irmos á indole mais profunda do regimen communista para comprehendermos que

essa attitude, longe de exprimir um desejo de colaboração, apenas reflecte uma contingencia da ditadura de Moscov e marca mais definitivamente o character nacionalista que vem assumindo o Estado Russo no panorama do mundo contemporaneo.

Antes de mais nada, é preciso termos em vista que a Nep, (Nova Politica Economica), com o seu character pratico, constitue uma tactica, não só de ordem interna, para a reconstrucção do paiz, como tambem de ordem externa, para obtenção de recursos para essa reconstrucção. O plano quinquenal, que adveiu como uma consequencia da propria Nep, visou, ao mesmo tempo, conduzir o paiz, pela industrialização progressiva, ao plano onde se possibilize a adaptação da theoria marxista do governo, como tambem a offensiva internacional dos mercados, provocando a aggravação do desequilibrio em que já se encontra o mundo capitalista do occidente.

*
**

Apreciado, na sua essencia, o Estado Sovietico, elle não fôge á proposição fundamental, que encerra o conceito do socialismo integral. Esse so-

cialismo não póde circumscrever-se ás fronteiras de um só paiz.

Essa é a unica forma de cooperação que objectiva a Russia, a qual, *em principio*, condemna a panacéa democratica, a liberdade de commercio exercida por individuos ou grupos de individuos, independentes da interferencia do Estado, mas, *na practica*, serve-se das armas do liberalismo, para tomar dinheiro emprestado, para conseguir creditos, para crear "dumpings" nos mercados.

A doutrina marxista não é que transige. Tudo quanto for feito, visando obter entendimentos com paizes capitalistas, não passará de medidas provisórias, attitudes meramente occasionaes com que se pretende fortalecer a Nação, afim de que ella possa, mais firmemente, fixar-se nos seus propositos da revolução mundial.

O Estado Sovietico, nesta phase tactica, está se servindo de sua força nacionalista latente, captando-a e dirigindo-a no sentido da reconstrucção do paiz. E essa mesma attitude, registada pelos optimistas da burguezia inconsciente, da tentativa de collaboração, si parece justificar a renuncia ao exclusivismo e ao isolamento, a capitulação diante da liberal-democracia, essa attitude não passa en-

tretanto de uma manobra protelatoria habilmente executada.

O que é fóra de duvida é que a presente phase da civilização, seja por instincto, seja por simples tactica, caracteriza-se por agudos nacionalismos. O exemplo da Russia é semelhante ao da Italia. Ambos têm a mesma significação.



Os povos verificaram, depois de longa experiencia, que a democracia aproveitava unicamente aos mais fortes, mesmo nas relações internacionaes do commercio.

A uniformização dos padrões da civilização occidental creou habitos e systemas de vida subordinados a determinadas formas de progresso technico.

Essas expressões de progresso constituem o privilegio dos detentores da maior somma de capitães e da maior copia de requisitos materiaes.

A liberdade do commercio, circumscrevendo a acção dos Estados, não poudé evitar que os povos sem recursos para adoptarem determinados "standards" de civilização, os adoptassem.

Creadas as *necessidades* com character universal, ellas não corresponderam a *possibilidades* nacionaes de acquisição.

O prestigio das mercadorias variou segundo o sentido dos habitos, dos costumes, da moda, dos processos de civilização.

Uma só mercadoria não perdeu o prestigio: o ouro.

Ora, o ouro estava nas mãos de grupos financeiros, fóra do Estado, installados eventualmente nos melhores pontos estrategicos do mundo.

Como consequencia, tivemos a escravidão financeira de muitos paizes.

*
**

Desde o começo do seculo XIX, a hulha, o ferro e o petroleo tornaram-se mais importantes do que o ouro. Esses elementos encerravam toda a potencia economica. Mas o ouro exprimiu sempre toda a potencia financeira.

Veiu depois a electricidade. A machina imprimiu um dymnamismo imprevisto á producção. O ouro era estatico, a producção era dymnamica. O agente intermediario tornou-se um entrave á circulação das riquezas.

Si as nações tivessem soberania financeira, poderiam supprir as defficiencias do meio circulante. Mas as nações tinham apenas soberania politica.

Todo o mecanismo da circulação está controlado pelos particulares. O credito é monopolio de individuos.

Officialmente, impera a Economia Classica, anti-intervencionista. Segundo as regras liberaes, o Estado não póde de nenhuma forma intervir na producção, na circulação e no consumo; não póde determinar preços; não póde influir nos phenomenos commerciaes.

Praticamente, porém, não domina a decantada Economia Liberal. Porque, na realidade, todo o mecanismo da producção das riquezas, da sua circulação e do seu consumo, é dirigido, modificado por uma autoridade immoral: a Bolsa.

A alta e a baixa dos preços é imposta pelos gaviões das grandes praças. O mundo é governado pelos ladrões. Os povos estão sendo asphixiados pelos reis do ouro.

Tangidos pelas maiores difficuldades, os productores subordinam-se ás leis da concorrencia desenfreada. Os povos se empobrecem no trabalho.

A superprodução mata a humanidade de fome e de frio.

E' a falta de disciplina.

As nações precisam realizar entendimentos e não têm forças para isso. O liberalismo enfraqueceu, castrou os seus governos.

E' então que, como preliminar de um futuro internacionalismo ethico, de superior finalidade moral e espiritual, as nações se recolhem em si mesmas. Fecham gradualmente os portos. Impõem ordem interna, cream governos fortes, affirmam-se em violentos nacionalismos.

Temos chegado ao instante de iniciar uma nova etapa. A etapa do nacionalismo. Ella não poderá ser muito longa, mas é inevitavel e necessaria. E' nas tarifas aduaneiras que se erguem as fortificações contra o inimigo externo.

Antigamente, para defender-se, as nações construíam fortalezas ao longo da costa; agora, erigem alfandegas.

VI

QUE ATTITUDE ASSUMIREMOS?

Diante do mappa-mundi, passámos em revista os rumos dos povos por entre as difficuldades desta hora afflictiva para a humanidade. Vimos como todos os paizes se erguem assumindo attitudes nacionalistas; observámos as difficuldades para a solução do problema do desarmamento; notámos os impecilhos que impedem a solução da crise economica; percebemos o mal-estar dos capitães de industria e dos commerciantes honestos; sentimos as angustias da classe proletaria. A questão dos "sem-trabalho" está de pé; os orçamentos nacionaes desequilibrados; as balanças commerciaes exprimindo o drama dos povos; tudo isso exercendo uma pressão fortissima sobre as nações, inspiram-lhes como que uma ancia de fuga a males irremediaveis, e essa fuga se effectúa num sentido de regresso a si mesmas, de affirmação nacionalista.

Verificámos como o conceito de soberania na-

cional se annullou sob a acção da propria vontade geral de que ella provem, e como a autoridade se diluiu na agua regia da liberdade. Contemplámos o fracasso das democracias, que deixaram de exprimir o sentido da marcha do mundo, a qual, effectivando-se sob o imperativo do desenvolvimento economico, deslocou a autoridade do Estado para os individuos e grupos de individuos, que agem á revelia dos governos. Apreciámos as desconfianças mutuas entre as nações e considerámos as desconfianças ainda maiores entre as forças representativas da producção. Concluimos, finalmente, que a situação de angustia e inquietação universaes tem levado a humanidade a vislumbrar na autoridade do Estado a possibilidade de cerceamento de indebitas autoridades no campo economico. E, como um complemento dessa esperança, registámos a tendencia dos povos para adoptar uma politica de fortissimo nacionalismo.

Todo esse panorama nos demonstra que o mundo de hoje está volvendo os passos. Cada Nação está operando um reção, á maneira dos tigres, para dar no futuro um bóte definitivo contra a potencia Super-nacional, sem Patria, sem Deus, sem piedade dos homens. O certo é que estão re-

quando. As nações querem bastar-se a si mesmas. Querem cooperar menos. A atmosphera de desconfiança tolda os horizontes. O movimento de defesa se aguça.

*
**

Qual deve ser a nossa attitude de povo jovem, de paiz que se apresenta ao capitalismo internacional como uma presa a ser disputada?

E' fóra de duvida que o Brasil deve assumir uma attitude de franco nacionalismo. Temos chegado a um instante de profunda revisão de todos os valores, abandonando nossa longa posição passiva. Tratar de sermos o que somos. Com as nossas possibilidades, nosso character, com a consciencia de nossas necessidades.

A questão é complexa, mas deve ser encarada firmemente. Temos de determinar, com absoluta precisão, até que ponto deve ir a nossa cooperação com os outros povos, e até que ponto devemos nos fechar, tirando de nós mesmos o de que carecemos para a nossa vida e a nossa prosperidade.

Ha no terreno das idéas pontos de contacto entre todos os povos, como ha, no terreno dos interesses materiaes os impositivos de reciprocidade de tratamento que consultam a interesses mutuos.

Mas, tanto na esphera das idéas, como na dos negocios, cumpre examinarmos com muito cuidado a orientação que nos convem, como garantia de defesa e de independencia nacionaes.

O caso do Brasil é muito delicado e a nossa situação muito especial em face das difficuldades que o mundo atravessa.

Uma attitude de jacobinismo não nos fica bem, pois somos um povo que importa o braço e o capital e que ainda está importando os subsidios culturaes indispensaveis ao trabalho de construcção da nossa cultura propria.

Isso não quer dizer, porém, que devemos ir accetando tudo como nos mandam.

A importação de idéas, de gente e de dinheiro deve submeter-se aos imperativos da nossa independencia e dignidade nacional.

No tocante ás idéas, devemos tomar as que tiverem character de universalidade, as que encerrarem verdades essenciaes e normas de acções inherentes a todo o genero humano. O liberalismo foi uma idéa universal no seculo passado; as formas do liberalismo é que variaram. Assim, hoje, podemos adoptar uma idéa de Estado, desde que ella tenha character de universalidade, mas a forma, a

estructura institucional devem ser profundamente brasileiras. Os principios da sciencia não têm Patria. Um theorema de geometria ou uma lei chimica pertencem a todos os paizes. Os dogmas religiosos pertencem á humanidade. Assim, em politica, estamos presos ao que temos de essencial, de humano, porém estamos presos, por outro lado, ao que temos de contingente, de nacional.

No referente á importação de massas humanas, devemos subordinar-a ao criterio das conveniencias nacionaes. Si pudermos prescindir dellas será muito melhor.

No relativo aos capitaes, todo cuidado é pouco. As grandes empresas estrangeiras estão habituadas a entrar no Brasil como em uma colonia. Seus capitaes estão cercados de garantias excessivas. As facilidades que lhes outorgamos são exageradas. Não temos tido a preocupação de nacionalizar os capitaes. A reforma das leis nesse tocante é indispensavel. E, quanto ao banqueirismo internacional que explora o trabalho do caboclo brasileiro, nossa attitude deve ser heroica, afim de por-mos termo a longas humilhações e soffrimentos.

Relativamente á importação de productos ma-

nufacturados e de consumo, precisamos operar uma verdadeira revolução nacional.

O incremento do nosso commercio interno é o alicerce da nossa independencia. Nossa extensão territorial nos colloca em circumstancias privilegiadas. Si soubermos tirar partido disso, a nossa soberania estará salva.

Principalmente si tivermos em vista que, não sómente temos capacidade de nos bastarmos a nós mesmos, como temos possibilidades — dada a extensão do nosso littoral e as difficuldades estrategicas que se offerecem a qualquer tropa que tenha a ousadia de nos incomodar — de assumirmos novamente, em face de nossos exploradores, a attitude de Tamandaré contra os navios inglezes no Prata, ou de Floriano, contra as ameaças estrangeiras.

*
**

O criterio estatistico é indispensavel entre nós. E' a base do conhecimento das realidades da Nação. Nunca atravessámos um periodo historico em que tivéssemos tanta necessidade de nos conhecermos, como agora.

A questão tarifaria, por exemplo, em que se

enfrentam hostilmente nossa industria e nossa lavoura, deve ser estudada sob um criterio de perfeito conhecimento das realidades nacionaes. Uma nação não é livre-cambista, ou protecionista, de uma maneira systematica. Uma nação, que possui uma doutrina politica superior, resolve cada questão pelo criterio dos supremos interesses nacionaes.

*
**

Urge, no Brasil, a affirmação da nossa personalidade de povo. Defesa contra quaesquer gestos de absorpção dos grandes paizes que mantêm conosco relações commerciaes ou culturaes. Defesa contra o cosmopolitismo, o snobismo, o internacionalismo communista e o internacionalismo capitalista. Esse deve ser o nosso nacionalismo.

Um nacionalismo sadio, que não rejeite sem exame, nem accete sem perfeita comprehensão das consequencias que pôde redundar uma attitude de passividade.

Eleições Inglezas de 1931

I

LIBERALISMO E TRABALHISMO

A imprensa conservadora do mundo, tecendo commentarios em torno dos resultados das eleições effectuadas na Inglaterra e das quaes sahio batido, em toda linha, o Partido Trabalhista, exaggera a significação da victoria dos Conservadores e Liberaes (colligados com uma ala do partido derrotado) querendo vêr nese factio a solução do grande problema da Gran-Bretanha e, consequentemente, da magna questão politica do mundo.

“Para os conservadores do mundo inteiro” (diz um desses Pangloss) “a derrota dos extremistas britannicos é uma occasião de jubilo”.

Entretanto, o resultado das eleições inglezas, muito ao contrario, pela maneira como foram estas effectivadas, representa um acontecimento digno de toda a attenção, justamente pelo sentido

novo, nada conservador, que imprime á politica britannica.

O panorama geral das correntes politicas do mundo nos demonstra que o governo dos povos tem de ser decidido entre as duas extremas, a da direita e a da esquerda, vocabulos esses que ganharam hoje imprevista significação, por exprimirem ambos soluções que os conservadores repellem.

E' entre as duas extremas concepções da vida e da sociedade humanas e das suas finalidades politicas, que vibra hoje toda a inquietude dos povos. E entre as duas expressões de governo e de organização nacional dellas decorrentes é que se têm de decidir as massas.

A chave dos destinos economicos dos paizes, a reintegração das industrias e do commercio num rythmo normal, os limites das liberdades do individuo, da classe, do Estado, tudo dependerá das decisivas e corajosas affirmações dos principios integraes, que já não se coadunam com os methodos e processos da liberal-democracia.

O que vimos nas eleições da Inglaterra foi exactamente a insubsistencia do liberalismo como formula solucionadora dos graves conflictos contemporaneos, seja entre o proletariado e os patrões,

seja entre os cidadãos e o Estado, seja entre os individuos, as classes e o Estado, seja entre as nações, no mecanismo, tornado tão complexo, do intercambio commercial.

*
**

O Partido Trabalhista da Inglaterra falhou á sua finalidade, como já havia falhado, noutro plano, o Partido Liberal.

De 1830 a 1900, póde dizer-se que as organizações obreiras britannicas agiram como um elemento subsidiario na retaguarda dos liberaes. Essa attitude dos trabalhadores vinha, aliás, desde a lucta velha entre *whigs* e *tories*, influenciando poderosamente nas conquistas de character liberal, e prolongando-se, nas ultimas decadas do seculo passado, como um factor preponderante no jogo das forças partidarias.

Foi no inicio deste seculo que o Partido Liberal começou a perder a sua significação historica.

Elle tinha de decidir-se, na evolução do proprio pensamento reivindicador, não mais numa esphera meramente politica, mas no terreno concreto dos problemas fundamentaes da economia e da sociedade.

As organizações proletárias que, sob as denominações variadas de *Union of the Working Classes*, de *Trade Union*, de *Anti Corn Law League*, *Socialist League*, e outras, vieram se accommodando nas correntes que marcavam o grande rythmo da politica britannica post-victoriana, e que se tornaram um forte esteio da demagogia liberal, comprehendiam que já o velho partido, remanescente do seculo do livre-cambismo e do suffragio universal, não poderia mais ser um intermediario das aspirações obreiras, uma força manobrada por ellas, mas, ao contrario, a sua situação era a de um provavel affluente do laborismo.

E' de 1900 para cá que surgem as classes proletárias britannicas com feição francamente partidaria, baseada na confederação dos syndicatos.

Já em 1906, com 29 deputados, apenas, o Partido Trabalhista alcança o grande triumpho parlamentar do *Trade Union Act*.

E' o periodo em que o Partido Liberal está, dia a dia, comprimido sob a marcha dos acontecimentos, que o obrigam a tomar posição, ou entre os conservadores, ou entre os trabalhistas.

Assim, vae-se deslocando o eixo da politica britannica, que passa, da concepção meramente

theorica da liberdade, ás consequencias praticas desse conceito. E' o começo do crepusculo para o liberalismo universal. Crepusculo que a Grande Guerra precipita.

**

O Partido Trabalhista, tomando effectivamente o logar do Partido Liberal da Inglaterra, assimilou, como todo vencedor os vicios do vencido.

Desde a acceitação de pessoas não filiadas a sindicatos, o laborismo perdeu muito o seu character de extrema esquerda, tornando-se, nos planos politicos do paiz, menos uma força nova do que um succedaneo do liberalismo derrocado.

Essa concessão, em these, seria seguida pelas muitas concessões no terreno pratico. O Partido Trabalhista passou a fazer as mesmas gymnasticas das tergiversações que marcaram, tão vivamente, o declinio do liberalismo. Não faltaram accordos e accomodações, collaborações em gabinetes de concentração, scisões momentaneas e recomposições de suas fileiras, ao sabor dos acontecimentos.

Si a posição dos liberaes era precaria, por terem de se decidir entre os dois extremos, dos conservadores e dos trabalhistas, a posição destes não

era menos difficil, tendo de optar, muitas vezes entre a marcha do socialismo e os entraves dos grandes interesses nacionaes, que estiveram sempre presentes na massa do sangue britannico.

O Partido Liberal, já agora morto e sem oportunidade, fôra o animal totemico cujo sangue entrára na composição das fileiras trabalhistas, inutilizando-as para as attitudes decisivas.

O recentissimo accordo entre o sr. Ramsay Mac Donald, e a "alliança liberal-conservadora", deixando na cidadela fortificada das intransigencias o sr. Henderson, já não é o primeiro conchavo, que define o character do Partido Trabalhista.

Em plena guerra européa, ao regressar o sr. Henderson da Russia, dava-se um facto em tudo semelhante ao de 1931: o sr. Mac Donald deixava de ser o chefe dos trabalhistas.

*
**

Quando o sr. Mac Donald deixa temporariamente as fileiras do seu partido, é que alguma cousa está para acontecer. Em 1908, aconteceu: foi a transformação radical do partido, que extendeu seu ambito de acção a todos os cidadãos inglezes,

sem a exigencia preliminar da inscripção nos syndi-
catos. E, quando se sentiu immensamente fortale-
cido, o trabalhismo lançou o seu manifesto á Na-
ção, o famoso "*Labour and New Social Order*".
Com elle, reconquistou as sympathias perdidas an-
tes da guerra.

Que pretenderá, agora, fazer o trabalhismo?

Existe ainda algum futuro para os partidos de
indole social-democratica?

II

O LIBERALISMO MORREU; A SOCIAL-DEMOCRACIA ESTA' MORRENDO

Quem soffreu a grande derrota nas eleições inglezas de 1931 não foi propriamente o trabalhismo, *como organização*, mas o trabalhismo, *como politica*.

O que determinou o seu eclipse não foi o extremismo de idéas avançadas de que o julgar portador os conservadores burguezes, porém o processo liberal a que submetteu todos os seus movimentos partidarios e directrizes governamentaes.

O Partido Trabalhista, ao occupar o lugar que sempre competiu ao Partido Liberal, no jogo do systema parlamentar, passou a ser o grande receptor das massas eleitoraes que se desaggregavam do flanco já combalido da corrente politica de Lloyd George.

A politica britannica, desde os primordios da guerra européa, e, principalmente, depois da paz e da Revolução Russa, ficou nuançada de uma gradação de tintas, que vinha nesta ordem:

- 1) — conservadores, ainda presos ao élo atavico dos *tories*;
- 2) — conservadores mais modernizados;
- 3) — liberaes-democraticos;
- 4) -- liberaes-trabalhistas;
- 5) -- trabalhistas opportunistas;
- 6) -- trabalhistas sociaes-democraticos;
- 7) — socialistas da III Internacional.

Esse o espectro solar da opinião ingleza.

Abstrahida a acção dos "independentes", muito reduzida depois da transformação porque passou o laborismo em 1918, esse era o panorama geral em que deveria agir o partido de Mac-Donald e Henderson. E as suas actividades foram, desde o inicio, marcadas profundamente pelo character liberalista, que condicionou os postulados do socialismo ás exigencias da indole ingleza, ao ponto de ser observado ironicamente pelo sr. Herriot, que a Gran-Bretanha pretendia chegar ao communismo, conservando o rei Jorge.

Essa era, realmente, a pitoresca posição do Partido Trabalhista, que, pretendendo attingir o Poder depressa e pelos methodos pacificos do proprio systema parlamentar, teve de se valer do processo pratico das transacções. Esse instincto do trabalhismo vinha do proprio espirito do Partido Liberal que, uma vez aniquillado, foi se transportando, gradualmente, para as fileiras laboristas levando armas e bagagens, isto é, todos os seus velhos vicios e defeitos, toda a sua tendencia eccletica de que é indice supremo a figura de prestidigitador de Lloyd George.

*
**

Cumpre, aqui, pôr em relevo a influencia que no Partido Trabalhista exerceu uma organização restricta, mas de grande pressão intellectual: a "Sociedade Fabiana", que data de 1880, mas cuja doutrinação teve inicio mais tarde. O pensamento de Sidney e Beatriz Webb, divulgado pela prestigiosa figura de Bernard Shaw, inoculou fortemente o organismo laborista com as idéas de uma politica habil e matreira, tendendo objectivar um socialismo evolucionista.

Nada mais inglez do que essa doutrina de

evolução e de adaptação; mas os dias que vivemos, de desenvolvimento dos phenomenos sociaes e economicos numa progressão geometrica, parece não darem muito tempo para uma gradual e fleugmatica metamorfose da sociedade e dos governos. E foi, possivelmente, sob a influencia desse pensamento doutrinario que o Partido Trabalhista perdeu a cadencia do seculo. Passou a constituir um plantador mediocre de couves ephemerass, nas continuas tergiversações, em que cada escalada ao Poder custava uma série de transigencias.

Era o virus do Partido Liberal, aperfeiçoado pela influencia da doutrina fabiana.

E' durante esse periodo que o Partido Liberal perde completamente a sua função historica.

Delle se affirma que não passa hoje da sombra do que foi, constituindo um simples grupo medio, sem raizes profundas na vida nacional. Sendo, entretanto, verdadeira, essa observação, não é completa, pois o liberalismo democratico, si já não tinha nenhuma significação historica na vida da Inglaterra, por não ter mais o que conquistar no campo das proprias competições laboristas e conservadoras, passou a desempenhar o papel de grande op-

portunista, o fiel da balança, que aguentava no Poder um dos adversarios em conflicto.

Em 1924, o Partido Trabalhista se mantem no governo com o apoio dos liberaes: essa situação obriga o gabinete a renunciar qualquer inovação propria, que pudesse sahir das cogitações do partido. E' um governo apagado, que se transforma numa verdadeira instituição de beneficencia, entregando-se a pequenas medidas como aquella das casas baratas para operarios.

*
**

Esse caracter burguez de sociedade beneficente vae, cada vez mais, empolgando as directrizes do Partido Trabalhista.

A sua politica, tendo soffrido um forte abalo, quando a Concentração Nacional lhe inflingiu fragorosa derrota, após a famosa carta de Zinovief, a qual demonstrou as relações da III Internacional com assumptos da vida interna britannica, a sua politica tornou-se mais timida, mais incerta.

A opinião ingleza tinha pegado o Trabalho, que se mostrára tão comportadozinho, em flagrante adulterio com a Russia vermelha. O Tra-

balhismo tonteou e resolveu não sahir mais de casa nem andar em más companhias.

Não lhe faltaram, então, para o exito pratico no scenario inglez, os methodos opportunistas preconizados pelos seus doutrinadores e tão ao gosto do fakirismo e da magia do Partido Liberal indefinivel e do seu coripheu maximo, o macumbeiro Lloyd George.

*
**

Assim, em 1929, opera-se a magica. Os trabalhistas estão, novamente, no Poder. E' o instante em que o mundo vae entrar num periodo critico.

As consequencias inevitaveis dos tratados assignados ao terminar a Conflagração Universal; o phenomeno da superproducção; a concorrência da machina aperfeiçoada, mais moderna, mais efficiente dos Estados Unidos, pondo em cheque o velho aparelhamento industrial da Inglaterra; o estado de espirito das colonias (na India, a figura fascinadora de Ghandi, levantando as multidões; no Egypto, o protectorado periclitante ao influxo nacionalista que se renova em Nahas-Pachá, como o fizera em Zaghul-Pachá; em Chypre, as conspirações dos gregos e na Palestina os drusos irri-

quietos; sobretudo, o desequilíbrio mundial, consequencia da propria evolução do capitalismo, que a politica aduaneira dos movimentos nacionalistas generalizados vem aggravar e o plano quinquenal dos soviets vem perturbar mais fortemente; e as consequencias internas desse desequilíbrio, creando o phenomeno social mais expressivo do seculo da machina: o "chaumeur".

E' com essas responsabilidades que o Partido Trabalhista galga o Poder.

A velha tradição do livre-cambismo está periclitante na Inglaterra. O senso nacional pede a revisão em todo o aparelho economico da Gran-Bretanha. Surgem os proteccionistas. Nem falta ao panorama politico do Reino um novo comparsa: o fascismo, que começa organizar-se com a figura de Oswald Mosley á frente.

E o partido Trabalhista sóbe, promettendo tudo, promettendo a salvação nacional. Os seus methodos são os methodos eccléticos do liberalismo, accendendo uma vela a Deus e outra ao Diabo.

Ora, o "laissez faire" do liberalismo, a sua tendencia conciliatoria, a sua falta de programma nitido e firme, podem constituir cousas muito boas

em épocas normaes; mas isso tudo nunca conseguiu salvar nações em crise. Para os grandes males, grandes remedios, diz a sabedoria popular.

Realmente, ha um instante na vida dos povos em que os methodos classicos perdem toda a oportunidade. São momentos que não comportam indecisões. E os trabalhistas britannicos eram os homens do socialismo evolucionista, do opportunismo fabiano, que consultava as correntes, umas a puxal-os para a direita, outras a arrastal-os para a esquerda.

O numero dos "sem trabalho" cresce.

O Partido Trabalhista estimula esse crescimento com as medidas beneficentes do seu governo.

As industrias inglêsas, em crise, appellam para o proteccionismo, e os mais renitentes começam a vêr nessa doutrina, sinão uma verdade recommendavel a todos os povos, pelo menos uma verdade de imperioso pragmatismo para a situação nacional.

*
**

E' nesse ambiente que o commercio do mundo assiste ao grande desastre: a quéda da libra. E' o

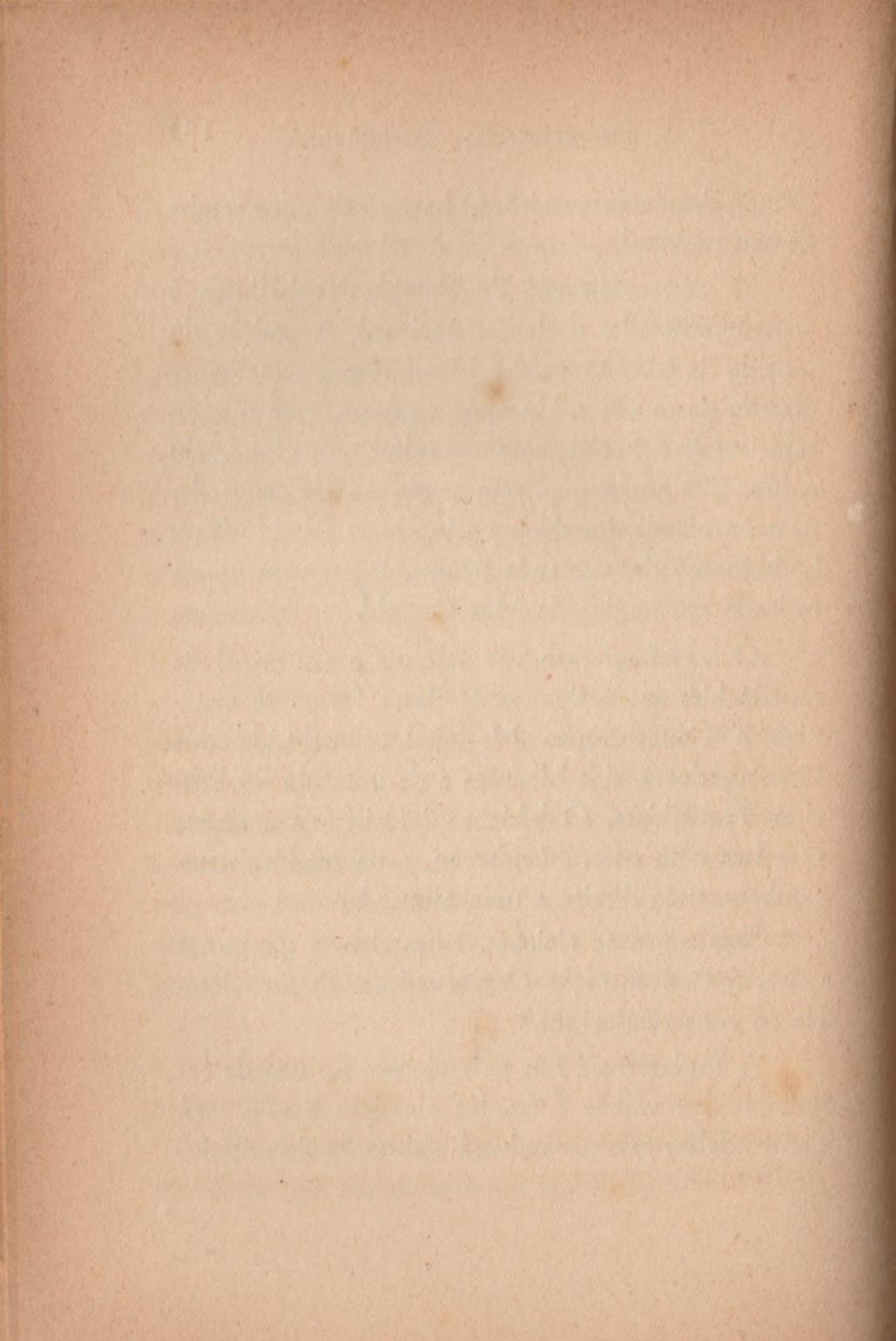
grande drama financeiro. O bezerro de ouro tomba de seu pedestal.

A desmoralização do Partido Trabalhista é completa. Avulta o clamor nacional. A posição do partido de Mac Donald e Henderson é semelhante áquella de que se sahiu após a guerra, com o afastamento do primeiro, com o manifesto que logo veiu á luz. E é então que, sem apoio na ala esquerda, nem na ala direita do povo inglês, o Partido Trabalhista estuda o grande truque. E', novamente, a retirada estrategica de Mac Donald.

O sr. Henderson vae assumir o seu papel de espadachim intransigente. E dessa forma se organiza a Concentração Nacional, constituída dos Conservadores, dos Liberaes e de uma ala do Partido Trabalhista. O bóde expiatorio é a corrente que fica com o sr. Henderson, e na qual existem, tambem, uma direita e uma esquerda.

Seguem-se as eleições. Ellas deram ganho de causa á Concentração Conservadora. Darão victoria ao conservadorismo?

A Inglaterra é um paiz viciado no uso de cachimbo das velhas formulas classicas e não será dentro dellas que se resolverá a situação do mundo.



III

NA VESPERA DA DISSOLUÇÃO DOS PARTIDOS

Nada melhor define a politica ingleza do que esta observação curiosa do jornalista allemão Egon Wertheimer:

“Por um extranho jogo de forças historicas, verifica-se o facto singular de que o respectivo temperamento dos tres chefes (Ramsay Mac Donald, Stanley Baldwin e David Lloyd George) appareça em opposição com a sua ideologia politica: o lider socialista é essencialmente um conservador; o chefe conservador é realmente um liberal; o chefe liberal é um socialista typico”.

Essa apreciação torna bem comprehensivel a possibilidade dos frequentes accordos e composições, da collaboração dos partidos no governo e das allianças transitorias ou mais ou menos longas no

Parlamento. Torna bem clara a situação creada pela Concentração Nacional, cuja victoria nas urnas é um phenomeno expressivo das preoccupações geraes de salvação publica, que hoje absorvem a Gran Bretanha. Mas evidencia, tambem, a persistencia dos lideres dos partidos de se manterem em attitudes precavidas, sem grandes rasgos e profundas decisões.

Já Disraeli dizia, no fim de sua vida, que na Inglaterra, quando se acredita ter caminhado um kilometro, não se caminhou mais do que um centimetro.

A Concentração Nacional consagra, de uma maneira definitiva, o espirito de transacção dos partidos inglezes, as suas tendencias eccléticas e consiliatorias, em ultima definição, o que nós chamamos, vulgarmente, a politica dos "trapos quentes".

*
**

E' da indole do Partido Conservador manter as instituições já existentes e realizar reformas muito moderadas.

O Partido Trabalhista, quando no governo, teve de adoptar um identico processo, afim de

obter o apoio dos outros partidos. Em se tratando, porém, de reformas, esse apoio nem sempre pôde vir ao trabalhismo, pela desconfiança que desperta o seu rotulo de socialismo, ainda que evolucionista, conforme a doutrina fabiana e os methodos precognizados pelos seus chefes.

De sorte que os laboristas, uma vez installados no governo, tinham menos probabilidades de reformas do que o Partido Conservador. Já não falamos nos liberaes, porque perderam a sua significação historica, uma vez que a discussão dos problemas nacionaes se fére hoje em dia no terreno dos assumptos economicos e sociaes concretos e não mais na esphera das puras abstrações, como nos tempos de Gladstone.

Os democraticos-liberaes, de ha muito, passaram a constituir, na Inglaterra, uma massa disponível ao sabor das duas correntes em lucta.

Com esse estado de espirito, era natural e possível a Concentração Nacional que, constituindo o governo britannico, foi consagrada nas urnas, inspirando-se na segurança de que pôde proseguir na sua politica para a qual se volveram todas as atenções do mundo.

E' preciso, entretanto, não nos illudirmos ao

ponto de acreditar que a simples victoria nas urnas do governo de Concentração Nacional por si só basta para que o espirito conservador do mundo vá sentar-se tranquillamente nas poltronas dos seus clubs, continuando a partida interrompida de "cunca" . . .

Esse "cock-tail" de conservadores, liberaes e uma ala de trabalhistas, tão ao sabor do temperamento fleugmatico da velha Albion, traz consigo a mistura de todas as tergiversações e de todas as incoherencias que marcam o character fundamental das tradicionaes correntes da opinião britannica.

Esse Partido Conservador, que traz debaixo do arminho dos Lords, uma massa que já não é a dos pares heraldicos, porém a amalgama do carancisco *torie* e do reformismo *whig*, animada pelo senso dos opportunismos; esse Partido Liberal, que é o grande charlatão e aventureiro no jogo das forças partidarias; e esse Partido Trabalhista, que se afina ao tom do socialismo democratico, cheio das boas intenções do collaboracionismo, — parece que já não exprimem a verdade profunda que está no bojo dos problemas difficeis que se apresentam ao Imperio Britannico e, especialmente, á Inglaterra propriamente dita.

**

A crise politica mais recente poz em evidencia, como observou o sr. Mussolini, que “a velha gangorra dos partidos inglezes deixou de funcionar neste momento, pela primeira vez na historia da Inglaterra”, pois que a crise se processou fóra e acima dos partidos.

Só esse facto é o bastante para demonstrar ao mundo que o eixo da politica universal foi deslocado. Que já dentro das velhas formulas democraticas não ha solução para as grandes questões propostas aos povos. Que as attitudes dubias não garantem possibilidade alguma de exito, seja para conservadores-reformistas, seja para trabalhistas moderados.

“A politica do “laissez faire” primeiro expandida por Adam Smith” — diz o primeiro ministro italiano em interessante artigo, — “preconizava a liberdade de acção para o commercio, numa base de interferencia do governo, apenas limitada ao desenvolvimento das correntes commerciaes. Mais ainda. Pretendia que sufficientes restricções fossem impostas ao commercio pela lei de offerta e da procura, que automaticamente controlava os preços

nos mercados. Os homens da nossa geração ainda ouviram, muitas vezes, estas velhas advertencias. Mas estamos hoje muito longe dos dias de Adam Smith, e, presentemente, face a face com organizações commerciaes que são mais fortes do que os governos e pretendem abolir a competição por um systema de fusões e de trusts.”

Essas considerações de Mussolini vêm em abono de uma verdade, hoje comezinha para os que se interessam pela solução das crises contemporaneas, isto é, que já não existem problemas nacionaes, uma vez que se estão levantando dominadoramente sobre os governos as forças economico-financeiras de caracter internacional.

Tendo o Capital um caracter internacional, elle escapa á acção das politicas nacionaes. Eis porque hoje as nações estão ligadas umas ás outras, de tal forma, que não será possivel a nenhum governo, resolver os problemas do seu paiz sem uma acção conjuncta de cooperação internacional. Essa acção porém, não será jamais possivel, pela falta de autoridade dos governos, que se esteiam, elles proprios, nos mithos democraticos, hoje insufficientes em face das tremendas realidades do mundo. Sem Governo Forte, não ha solução para nenhuma crise.

*
**

O problema da Inglaterra está visceralmente ligado ao problema das outras nações. E com a actual concepção de Estado, não será possível á Gran-Bretanha fazer qualquer cousa.

O vicio liberal, si inutilizou o Partido Trabalhista, dando-lhe uma expressão amphibia de um socialismo evolucionista rythmado pelo liberalismo e inspirado pelo conservadorismo, tambem por outro lado solapa as energias do Partido Conservador, que se manifesta, como vimos no advento do laborismo em 1929, com a phisionomia typica da insuficiencia politica.

A expressão formal da politica britannica, reflectida no Governo de Concentração, não altera a essencia dos phenomenos que se processam no seio da sociedade ingleza. Por maior que seja o optimismo dos conservadores, do espirito nacional, é preciso pesarmos um pouco as palavras de Henderson, que os telegrammas nos transmittiram. Elle affirma que dentro em breve, o trabalhismo surgirá de uma forma nova, mais forte do que nunca.

Que quer elle dizer com isso? Não devemos acreditar muito nas possibilidades do trabalhismo,

já posto á prova e levado ao fracasso. Mas as previsões de Henderson talvez se refiram á impossibilidade de um exito completo da Concentração. Seja lá como fôr, por maiores que sejam os felizes successos desta, não se deve acreditar nem nella, nem no trabalhismo, como possiveis chaves da salvação do mundo. E não será da Inglaterra — afeita á cadencia tradicional do seu parlamentarismo — que sahirá o grande remedio universal.

Dêmo-nos por muito felizes si de lá não sahir o grande desastre.

As nações têm, hoje em dia, de tomar attitudes decisivas. Não que nos ameace o perigo immediato do regimen communista, que está fracassando na propria Russia, com os passos á retaguarda de Stalin, mas pela anarchia e confusão a que os povos poderão chegar em consequencia da falta de governos disciplinadores.

A offensiva deve ser mais contra o Capitalismo Internacional do que contra o proprio communismo russo.

Este é muito menos bolchevizante do que aquelle. Si ambos são cruéis, o Capitalismo é muito mais cruel por ser hypocrita e nem ao menos

offerecer uma illusão aos que soffrem os horrores da fome da penuria por elle mesmo creados.

Deixar que o mundo continue sem governo, nas mãos desses materialistas e deshumanos que são os reis da finança, é deixar ameaçados todos os valores aproveitaveis da Civilização.

A Inglaterra, como todos os paizes, só encontrará uma solução para seus males: um governo intervencionista, corajoso e forte.

Na hora da crise

THE LIFE OF

Si, nos dias actuaes, podemos affirmar sem receio de engano, que a solução dos problemas de cada nação depende directamente da solução do problema unico de todas as nações em conjuncto, essa verdade torna-se muito mais evidente, quando encaramos a situação dos povos sul-americanos.

Quem observa o panorama das difficuldades mundiaes, o espectaculo angustioso que se desdobra nos planos dolorosos da superprodução de mercadorias; da falta de trabalho; da desconfiança dos possuidores do ouro alarmando as praças e quebrando os bancos; da insufficiencia do ouro para acompanhar o rythmo da civilização; dos orçamentos deficitarios dos paizes governados até hoje com a maior prudencia; da incapacidade dos paizes devedores para solver seus compromissos; da incompreensão entre os povos na questão do desarmamento; dos "dumpings", das offensivas economicas, das reacções proteccionistas, dos movimentos nacionalistas e dos movimentos interna-

cionalistas; e, sobre tudo isso, sobre todo esse espectáculo assombroso de loucura, de egoismo, de terror, a confusão das idéas multiplicando os partidos politicos, e estes germinando as agitações mais extremas; quem contempla todo esse immenso panorama, tem de chegar á conclusão de que não ha hoje em dia problemas nacionaes que se sobreponham ás grandes questões de carcter universal.

Como estabelecer o equilibrio economico entre os povos? Como soltar os diques da superprodução, afim de que ella possa regar o immenso deserto da fome que avassala as multidões sem trabalho? Como impôr um rythmo de relações entre os paizes, de sorte que possam todos prosperar, trocando o excesso de suas producções pelo excesso de producções de mercadorias provenientes de outros climas?

*
**

Tudo isso depende de um criterio geral, universal, que não se alicerce nos mesquinhos interesses oriundos de uma concepção excessiva de liberdade e de individualismo.

Temos de combater essa crise de autoridade dos governos, que já hoje nada representam em

face das tremendas injunções do mundo dos negocios e estão cada vez mais solapados pelas idéas dissolventes que elles proprios sustentaram através de cem annos de democracia liberal.

Mas, combatendo essa doença que rõe as entranhas da autoridade nos dominios nacionaes e internacionaes, precisamos livrar o enfermo de um suicidio, que seria a adopção de uma doutrina de autoridade absoluta, que redundaria no estatismo absorvente, consequentemente no desaparecimento do proprio Estado, que passaria a ser mero indice de fatalidades economicas, sem finalidades superiores ás materiaes.

A autoridade do Estado, levada á sua extrema consequencia, redunda no aniquilamento do individuo e no predomínio exclusivo de alguns individuos pretensos representantes da massa.

Abandonada, porém, essa autoridade ao arbitrio dos preceitos liberaes democraticos, ella tende naturalmente a desaparecer, porque a sua interferencia não terá mais cabimento nas actividades da vida economica.

Hoje em dia vemos o mundo desequilibrar-se por falta de autoridade do Estado, de iniciativa dos governos. Eis porque diziamos no começo destas

linhas que a solução das questões num paiz qualquer depende, em grande parte, da situação geral do mundo.

Ora, si assim é, si de um ponto de vista mais amplo, a harmonização dos pontos de vista dos governos constitue a base de todas as soluções que hoje atormentam a humanidade, com motivos mais immediatos devemos considerar o caso das nações sul-americanas.

Temos de entrar em composição, em entendimento. A crise universal obriga-nos a sermos amigos. Não podemos adoptar uma politica de caprichos, de offensivas, de represalias e de má vontade.

Nos grandes degelos, que fazem rolar das regiões articas as immensas ilhas de neve, á proporção que o blóco diminue de volume, rodando para as zonas calidas dos tropicos, até as feras se aconchegam; o urso polar, a raposa, a rhena e a phoca se irmanam, e si ha esquimãos perdidos na catastrophe, esse sêr humano confraterniza com as fêras.

Neste instante de cataclisma economico universal, as Nações sul-americanas precisam unir-se.

Ellas se encontram na mesma situação. Seus problemas apresentam características identicas.

Suas necessidades são as mesmas. Seus interesses são reciprocos.

Lembre-mo-no de que somos uma vastissima região e um importantissimo mercado.

Si estamos escravizados ao capitalismo internacional, podemos ainda assumir uma attitude em conjuncto.

O trabalho preliminar é constituirmos governos fortes. Em seguida, entendermo-nos. Logo depois, agirmos violentamente.

Porque é preferivel que desapareçam com honra todas as nações sul-americanas, do que continuarmos a viver classificados como "paizes semi-coloniaes".

Revolução Argentina

Handwritten text, possibly a signature or name, centered on the page.

Quando os nossos vizinhos do Prata celebraram o primeiro anniversario da revolução Uriburú, os jornaes buenaienses registraram a circumstancia de constituir o golpe desse tempo um facto sem precedentes na historia da Republica.

De facto, desde 1862, a Argentina entrou no regimen normal das presidencias successivas constituidas pela machina do suffragio e funcionando o poder do Estado dentro da Constituição e da ordem legal.

Nossos vizinhos processaram o seu progresso, durante estes 68 annos, sem um unico movimento de character revolucionario nacional, o que parecia attestar a indole democratica e conservadora do povo.

Entretanto, desde 1916, tendo a democracia constituido toda a fachada da Nação, baseada exclusivamente nos interesses de ordem material (como tem acontecido em todas as democracias da Eu-

ropa e da America) o seu governo começou a assumir um aspecto novo e surpreendente para a índole das instituições liberaes.

Era a forte direcção que o radicalismo tomava no sentido de um personalismo agudo. A autoridade suprema do presidente da Republica começou a se exprimir de uma maneira absorvente, guardando apenas os aspectos formaes da republica democratica e trazendo no intimo a propria essencia de uma dictadura que a carta constitucional e as leis vigentes não conseguiam disfarçar.

Sem animo para romper com os preconceitos democraticos, o partido de Irigoyen até mesmo se fazia o porta-vóz das aspirações do voto secreto, tizana com que esse partido pretendia combater as nefastas consequencias das olygarchias e do nepotismo.

O povo argentino via em Irigoyen o "braço forte", o estadista caprichoso e personalista como certos presidentes que, não tendo coragem de romper com os principios liberaes, pretenderam supprir a insufficiencia destes com arbitrios e attitudes intempestivas.

Havia um mal-estar no povo argentino, mas

esse mal-estar traduzia-se erradamente, na esperança de que o voto secreto solucionasse os males do paiz.

Sob a forte pressão das massas que acompanhavam Irigoyen, o presidente Saenz Pena deu ao povo argentino o voto secreto. Esse voto derrotou Saenz Pena e elevou Irigoyen.

Mas Irigoyen era personalista, caprichoso, e revelou-se quasi um dictador. Esse aspecto de sua politica não podia satisfazer aos interesses secretos do capitalismo internacional nem ao espirito demagogico das esquerdas socialistas e das proprias alas liberaes que pleitearam o voto secreto desejando um perfeito governo *do povo*. Veiu, em seguida, o governo Alvear, elegante e incolor, um governo requintadamente diplomatico, de cerimoniaes sociaes e sem nenhum aspecto de partidarismo extremado. Esse governo "agua-morna" amainou um pouco as surdas tempestades que se formavam no seio da opinião.

Mas, voltou, de novo, o perigo para o liberalismo tão necessario ás manobras internacionaes, quer dos banqueiros, quer do socialismo extremista. Urgia fomentar uma revolução.

*
**

A situação economico-financeira da Argentina sempre foi (como acontece aos demais paizes sul-americanos) de dependencia de Londres e Nova York. As grandes companhias, os grandes syndicatos, os grupos financeiros, os bancos, esses é que, na realidade, punham e dispunham da vida do paiz. Elles influíam na politica, na vida dos partidos e na propria constituição de governos. Numerosos homens politicos argentinos figuravam como directores de companhias que ostentavam nomes nacionaes, porém representavam capital estrangeiro. Esses directores recebiam ordenados fabulosos, sómente para desempenhar o papel de "testas de ferro". Muitos delles iam occupar cargos elevadissimos na administração do Estado, onde serviam a interesses anti-nacionaes. Aliás, esses factos não se verificavam apenas na Argentina, mas em todos os paizes liberaes-democraticos e, sobretudo, na America do Sul.

A educação materialista no seio das familias, o agnosticismo do Estado Democratico, o predomínio de certas idéas pragmatistas, que degeneraram em franco aventureirismo, tanto na vida parti-

cular como na vida politica, prepararam todo o Continente para uma situação de captiveiro. Os povos sul-americanos perderam o senso da honra nacional porque se enfraqueceu a idéa basilar da Patria, minada a um tempo, pelo internacionalismo das transacções commerciaes e pelo socialismo da demagogia trabalhista. Sendo a finalidade da existencia apenas o progresso material, era logico que se objectivasse: na vida nacional, governos meramente administrativos, sem character ethico; na vida particular de cada cidadão, um opportunismo que baniu todas as idéas de escrupulos.

Quando os povos chegam a essa triste situação, nada mais facil do que conduzir a massa para onde se quer, explorando-a, servindo-se della para rebelliões. A unica cousa necessaria é o dinheiro, para comprar a imprensa, auxiliar os politicos que desempenham o papel de agitadores e distillar nas forças armadas o veneno da indisciplina e da politicagem.

*
**

Na Argentina, em 1930, dava-se o mesmo que se notava no Brasil. Havia um descontentamento popular, sem que o povo soubesse exprimir-

se com precisão, dizendo onde era o lugar exacto da sua dôr.

Os povos são sempre como as creanças. As creanças choram sem saber contar onde é que está doendo. Também os povos se rebelam, vociferam, agitam-se, e nunca sabem dizer exactamente o motivo porque o estão fazendo.

Quando uma creança tropeça e bate numa porta, ella cessa instantaneamente de chorar, logo que o adulto proximo castigue a porta com alguns soccos.

No caso do Brasil e da Argentina, em 1930, os srs. Washington Luis e Irigoyen foram as portas . . . Mas a realidade é que os exploradores demagogicos se serviram habilmente de um descontentamento cuja causa verdadeira não eram os dois presidentes derrubados. O povo nunca sabe dizer o que deseja, porque tróca lamentavelmente as palavras, na hora de falar. Assim, o de que tanto o povo brasileiro como o povo argentino estavam fartos era da liberal-democracia. Isso, sub-conscientemente. Porque objectivamente, o que se apresentava como a unica esperança do povo, era paradoxalmente essa mesma liberal-democracia. O que estava fazendo soffrer o povo argentino, como o povo

brasileiro era o remedio que lhes deram ha muito tempo. Sentindo-se cada vez peor, esses povos quizeram augmentar a dóse do medicamento . . .

*
**

Agora que, depois de um lapso de dictadura inexpressiva, que não trouxe nada de novo para a Argentina, installou-se um governo imposto á vontade da Nação, volvendo tudo aos eixos da liberal-democracia, é curioso observar o phenomeno argentino.

Póde-se, até certo ponto, guardadas as distancias e abstrahidos os attributos culturaes dos presidentes argentinos, affirmar que estavam em choque (e continúam a estar) no governo e na actividade dos partidos, as duas grandes feições do paiz: Sarmiento e Facundo.

De um lado, a cultura liberal-democratica, o espirito classico do direito e da economia, a flôr da civilização occidental; do outro lado, as secretas physionomias de um povo cheio dos impetos barbaros e nobres das raças fortes da America.

Esses 68 annos de democracia em que viveu a Argentina, esses 68 annos de rethorica dos parti-

dos, de convencionalismos legais, de ethica liberal triumphante, de codigo-de-bom-tom na vida brilhante do regimen, de erudição, de rastacoeirismo mental, nunca puderam exprimir a intima realidade de uma terra e de um temperamento de raça, em cujo sangue palpita a propria alma cosmica.

O largo periodo de 12 lustros de existencia politica normalizada ao modelo das democracias perfeitas não foi mais do que o milagre de um esforço supremo de cultura, que conseguiu, através da metade do seculo passado, e durante as tres décadas deste, apresentar a Argentina com uma "toilette" standardizada ao gosto europeu e yanke.

*
**

Quem folheia a collecção dos jornaes de Buenos Aires, desde o golpe de Uriburú, até á eleição do general Justo, observa como a imprensa platina encara a grande phenomeno nacional de 1930 de uma maneira empirica e superficial. Os commentarios de "La Nacion", de "La Prensa", que são os dois maiores orgams buenairenses, apresentam-se como um symptoma da mediocridade dos partidos argentinos e da sua imprensa.

Nenhuma observação original. Nada de profundo. Coisa alguma de valor como subsidio ao estudo do quadro sociologico, economico e politico da Nação.

Todos enumeram os males do personalismo, traçam o quadro da situação do paiz sob o governo Irigoyen (quatro provincias governadas por interventores, o Congresso transformado numa inutilidade, os ministros relegados ás attribuições de méros funcionarios, a administração publica transformada em agencia de collocação dos apaniguados do presidente, a carta constitucional violada, a cada passo), e attribuem o movimento revolucionario ao anseio da Nação por voltar á pratica do regimen, tal como o idealizavam os republicanos mais puros.

O phenomeno argentino, entretanto, deve ser estudado mais profundamente. Deve ser apreciado, como estamos fazendo no Brasil, em face dos proprios problemas que se apresentaram á solução da Dictadura.

• Esses problemas têm suas raizes em causas de ordem moral e de ordem economica. As Republicas da America do Sul, fundadas sobre extensões de paizes pobres, sem recursos geologicos sufficientes,

e sobre nações que iniciaram a sua vida independente sem dispôr de capitaes para a sua organização economica, esqueceram-se de crear a politica adequada a essas circumstancias. Trataram de realizar republicas mais perfeitas ainda do que a daquelles paizes, onde uma base economica solida facilitava a expansão das idéas democraticas. Jamais consultaram as realidades mais profundas da economia nacional, como tambem se olvidaram de attender, na fixação de seus institutos juridicos aos imperativos do meio e á força da historia. Governadas pela moral capitalista, nunca pensaram, por outro lado, em crear normas expressivas de nacionalidades pobres de ouro e que, por isso mesmo, têm problemas de ordem interna e de ordem externa que exigem um criterio differente do adoptado pelas grandes democracias da Europa e da America do Norte.

*
**

Os governos são tambem indices de phenomenos nacionaes. E si existem governos máos, é preciso preoccupar-se menos delles do que das causas que os originaram.

Foi contra essas causas que o povo argentino,

como o brasileiro, como o de outras nações do continente se rebelaram. E' ridiculo que uma nacionalidade se levante contra um homem ou um grupo de homens; uma nacionalidade se ergue contra instituições. O simples facto de uma carta constitucional permittir que haja governos capazes de as violar é a prova de que essa carta não se adapta ás realidades da Nação. Os governos são máos quando encontram meios de o ser. E desde que ha esses meios, é porque o paiz está vivendo condições já tão differentes que urge collocar os seus problemas em outra base.

As nações sul-americanas estão atravessando actualmente um instante de suprema ansiedade. E devem preoccupar-se menos com os governos que derrubaram do que com os elementos desencadeados, pelas circumstancias do mundo e pelos seus imperativos internos, sobre a sua estabilidade e o seu destino.

Parece que só ha um problema para a America Latina. Todos nos parecemos. Temos os mesmos defeitos e as mesmas qualidades. Estamos á mercê do jogo das mesmas forças.

Liberdade, caminho da escravidão

Libreria, camino de extracción

Todos os soffrimentos do mundo moderno se originam de um só defeito da grande machina: a falta de disciplina.

O conceito da liberdade excessiva, o predomínio do individualismo mais desenfreado determinou o desequilibrio social que perturba o rythmo da vida do nosso seculo.

Desde a Revolução Franceza, outro não tem sido o grito da humanidade, sinão aquelle que atroou todos os recantos do mundo e do seculo:

— Liberdade! Liberdade!

E foi a liberdade que espalhou pelas nações as doutrinas mais contradictorias, as affirmativas mais absurdas, os brados mais lancinantes de angustia do pensamento e do coração.

*
**

Liberdade! clamava o homem e, clamando, tratava de conquistar os meios com que pudesse

exercer, com forte base economica, a sua faculdade de ser livre.

Foi assim que se formaram os primeiros capitães da avareza.

Liberdade! clamavam os banqueiros, e foi assim clamando que dominaram as Nações, escravizaram as industrias e o commercio, humilharam os productores.

Liberdade! clamavam os industriaes e commerciantes, e, entregues ás leis da concorrência, livraram-se da disciplina do Estado mas cahiram no captivoiro dos agiotas.

Liberdade! clamavam os patrões, e, em nome da liberdade de contracto, passaram a explorar os pobres, e o trabalho humano transformou-se em mercadoria sujeita ás leis da offerta e da procura.

Liberdade! clamavam, por sua vez os proletarios, os quaes assistindo ao espectáculo de luxo e paganismo de seus chefes, endureceram o coração e lançaram-se nas tremendas luctas de classe, feitas de odio e de revolta.

Liberdade! clamavam os paes, os esposos, os filhos, e ruiu a estrutura dos velhos lares felizes e tranquillos.

Liberdade! clamava a imprensa, e na livre

concorrência, commercializou-se ao gosto depravado das turbas, que precisou agradar, e dos argentários aos quaes precisou vender-se.

E, em nome da liberdade, o genero humano caminha para a ruina total, destruindo o rythmo de sua existencia com a morte da disciplina.

*
**

A indisciplina desthrona a modestia e erige em idolo a vaidade e o orgulho; transforma o amôr em puro instincto sexual; reduz a amizade a uma questão de opportunidade; considera a honra como um ponto de vista; examina os costumes como relatividade de conveniencias; semeia o odio sobre a terra; crêa uma civilização de rebelados.

Já o homem não sabe defender-se dos vicios. Libertando-se da disciplina do espirito, cæe na escravidão dos instinctos.

O homem, agora, é livre. Livre de todos os preconceitos. Não tem sentimento nem religioso, nem civico. A Patria, que é a Patria, depois que lhe deram a significação meramente politica de "vontade geral"? A Patria é uma convenção.

Assim a julga a mentalidade capitalista. Assim também a imagina a classe operaria.

E' que Patria, ella mesma, é uma expressão de disciplina. E, tendo desaparecido a disciplina, desaparece a Patria.

*
**

Dessa forma a humanidade marcha até á Grande Guerra. Culmina no seu grande delirio e desce, agora, a encosta dolorosa da desillusão, da tristeza surda, da insatisfação.

Essa insatisfação não se aplacará em qualquer regimen, seja elle qual fôr.

O proprio communismo é uma illusão. Pois devendo impôr uma atroz disciplina, virá contrariar o individualismo, que actualmente busca nelle o derivativo maximo.

Liberdade! Liberdade! Nunca o genero humano foi mais infeliz! Nunca foi tão prisioneiro. . .

Nem mais escravo.

*
**

E a Liberdade é o supremo dom do homem. E' a dignidade da nossa Especie. E' a alegria dos

nossos movimentos. E' nossa honra e nossa gloria,
nossa aspiração superior.

Quem a degradou assim? Quem a tornou uma
enfermidade e um opprobio?

O Liberalismo.

Como salvaremos a Liberdade?

Pela disciplina.

LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF TORONTO
100 St. George Street
Toronto, Ontario M5S 1A5
Canada

Cortemos as amarras!

1875

A finalidade dos povos será produzir e accumular? Si esta é a finalidade dos povos, então o problema economico é o que estabelece a grande preliminar da qual devem forçosamente decorrer toda a estrutura das instituições e todo o sentido da sua politica.

Si esse é o unico fim do homem sobre a terra, nesse caso a preocupação unica dos governos deve ser a de transformar a administração publica numa grande casa commercial; e substituido que foi o throno dos reis pela cadeira dos presidentes de Republica, cumpre agora accrescentar ao mobiliario democratico um movel indispensavel: o balcão.

Governar será realizar grandes negocios. E nada mais. E quando esses negocios são realizados, cono no caso da Russia, directamente pelo Poder Publico, visionando embasar uma determinada forma social, que se funda ella propria, na finalidade

economica, a funcção commercial do governo será uma consequencia logica da concepção materialista da existencia, e terá assim origem num conceito politico.

Nos demais casos, os governos não passarão de agentes de negocios, de intermediarios de interesses alheios á finalidade do Estado. Serão, em ultima analyse, expressões de Estado sem finalidade, subordinando-se, na sua trajectoria incerta, as directrizes impositivas das forças economicas.

E estas forças economicas, impondo uma direcção ao Estado, aborvem-lhe a autoridade, destróem-lhe toda a capacidade volitiva. O Governo deixa de ser o commerciante que pretendia ser, para se tornar um preposto de commerciantes. E financistas, mais do que os agentes da producção, assumem o absoluto predominio, não sendo mais possivel detêl-os na sua marcha irrefreivel e desnor-teada.

*
**

Essa é a posição dos governos e das forças productoras do mundo contemporaneo. Sobrepondo ao conceito da autoridade do Estado o conceito da prioridade economica, e dando aos factores

da producção e do commercio uma amplitude de acção tão grande como a propria idéa da liberdade consagrada pelos "principios immortaes" de 89, o Estado moderno tornou-se um méro caixeiro do capitalismo e a sua funcção em face do povo, cuja vontade geral elle exprime, é a de um feitor de fazenda, zelando pela ordem e disciplina internas, ao passo que a sua tarefa, em face dos centros financeiros do mundo é a de um corrector de negocios e cobrador de juros.

Resolvendo os nossos Estados liberaes-democraticos alheiar-se completamente das "outras finalidades do homem e da sociedade", e acceitando, como unico objectivo das collectividades nationaes o exercicio das funcções de "produzir", "exportar" e "importar", esses Estados, — uma vez que não assumem a attitude franca de patrões e de donos do grande armazem, como no caso da Russia — collocam-se numa situação de inferioridade moral em face das nacionalidades que representam. Pois consagrando nas expressões do direito e na conformidade de habitos e praxes, as mais completas liberdades, o circulo de acção que se traçam é o de méros instrumentos de objectivos alheios á sua essencia.

A crise porque está passando o Estado Liberal se origina da fragilidade de suas idéas formadoras, dos attributos decorrentes da propria concepção de sua causa. O mundo está agonizando por falta de autoridade do Estado. Nunca as forças economicas estiveram melhor aparelhadas. Jamais os meios de producção se tornaram tão faceis. Em tempo algum, os meios de transporte rapido crearam tantos mercados consumidores. As nações poderiam produzir muito mais. E, entretanto, ha crise de superproducção e ha multidões de sêres sem trabalho que morrem de fome e de frio.

*
**

Temos chegado ao absurdo de aceitar (e os Estados modernos aceitam), a these monstruosa do capitalismo internacional, que affirma se acharem em crise as industrias, o commercio e a lavoura, por se encontrar exgotada a capacidade de consumo. Pois a capacidade de consumo é confundida com a possibilidade de acquisição . . . Deixamos de produzir mais porque não ha quem compre; e, entretanto, todos comprariam, si tivessem dinheiro para comprar . . .

Essa situação delirante a que chegou o mundo moderno provem unicamente da deturpação, cada vez maior, do conceito do Estado e dos Governos. O mundo soffre os males da indisciplina. A crise que assoberba as nações se origina da desorganização completa da producção e do commercio, entregues ás leis liberaes que corroeram a autoridade do Estado e atrophiam os órgãos fundamentaes da economia humana.

O Estado posterior á Revolução Franceza é o Estado que se desinteressa *pela finalidade* do homem e da sociedade. Que marchem estes para onde queiram ou para onde possam, pois ao Estado cumpre unicamente facilitar a expansão do commercio nacional; empreitar as obras publicas; receber os impostos e com elles pagar os juros ao credor do povo, que os espera em Londres. A manutenção das escolas publicas primarias, secundarias e superiores, objectiva, por outro lado, a formação de funcionarios, de administradores, de technicos, para constituirem a engrenagem social baseada na prosperidade material. Nestas condições, o Estado é a concretização legal do funcionario. O *Estado Democratico* é o *Estado-Funcionario*, o *Estado-Caixaieiro*, o *Estado-Corretor*.

E' o Estado de libré, recebendo ordens da City e de Wall Street.



Falta-lhe, portanto, a força moral para impôr, em conjuncto com os outros Estados, uma disciplina ás forças de producção e da circulação das riquezas. E essa é a grande enfermidade da economia do nosso século; a falta de rythmo, pois o rythmo presume uma finalidade, como a finalidade presuppõe uma autoridade.

As nações da America Latina, mais do que quaesquer outras do planeta, estão soffrendo as consequencias do descalabro universal das forças economicas. Soffremos a crise commum a todos os povos, aggravada pelo nosso depauperamento em cem annos de liberal-democracia no mundo, e de successivos emprestimos onerosos. Fomos sugados pelo capital estrangeiro, antes de entrarmos no regime de privações imposto hoje a todos os povos igualmente. Fomos amesquinhadados por essa civilização monstruosa, que chegou ao ponto de desnacionalizar os habitos e as tradições da nossa Patria.

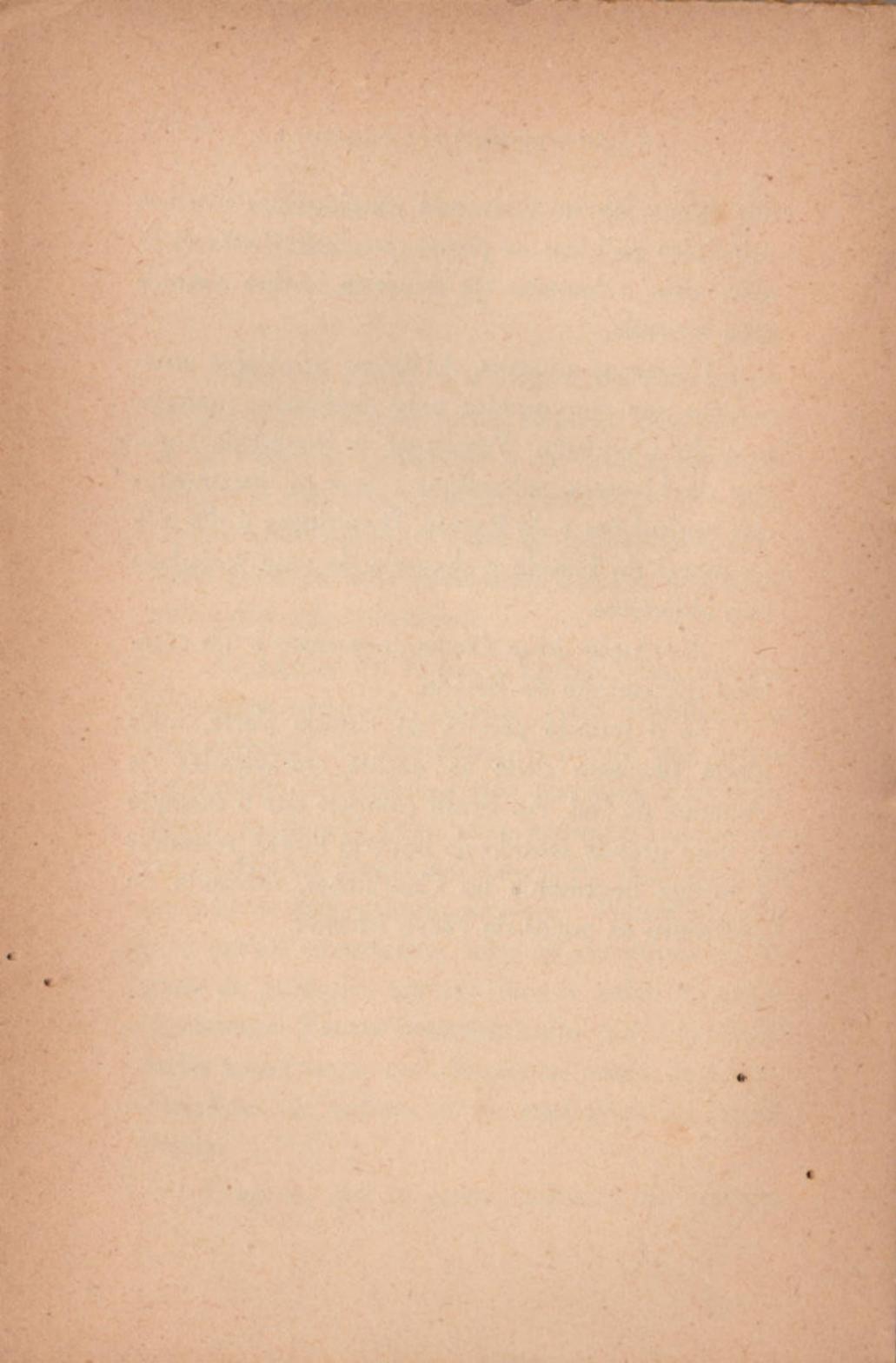
E agora, que os povos culpados são arrasta-

dos para o abysmo, levando jungidos aos mesmos principios politicos os povos que foram suas victimas, seria o instante da America Latina assumir uma attitude.

Cortar as amarras. Affirmar principios antagonicos aos consagrados pela civilização materialista do Occidente. Proclamar a finalidade superior do Homem, subordinar a essa os lineamentos das instituições e do Estado. E subjugar á disciplina moral do Estado o desvario de uma sociedade sem objectivos.

A solução do problema economico é um corollario do conceito do Estado.

Si o mundo precisa do Estado Forte, mais ainda precisam delle as nações escravizadas da America do Sul. Ao Brasil compete dar o exemplo e, num grande sentido de imperio moral, restaurar a antiga hegemonia no Continente, salvando do captivo os povos do Novo Mundo.



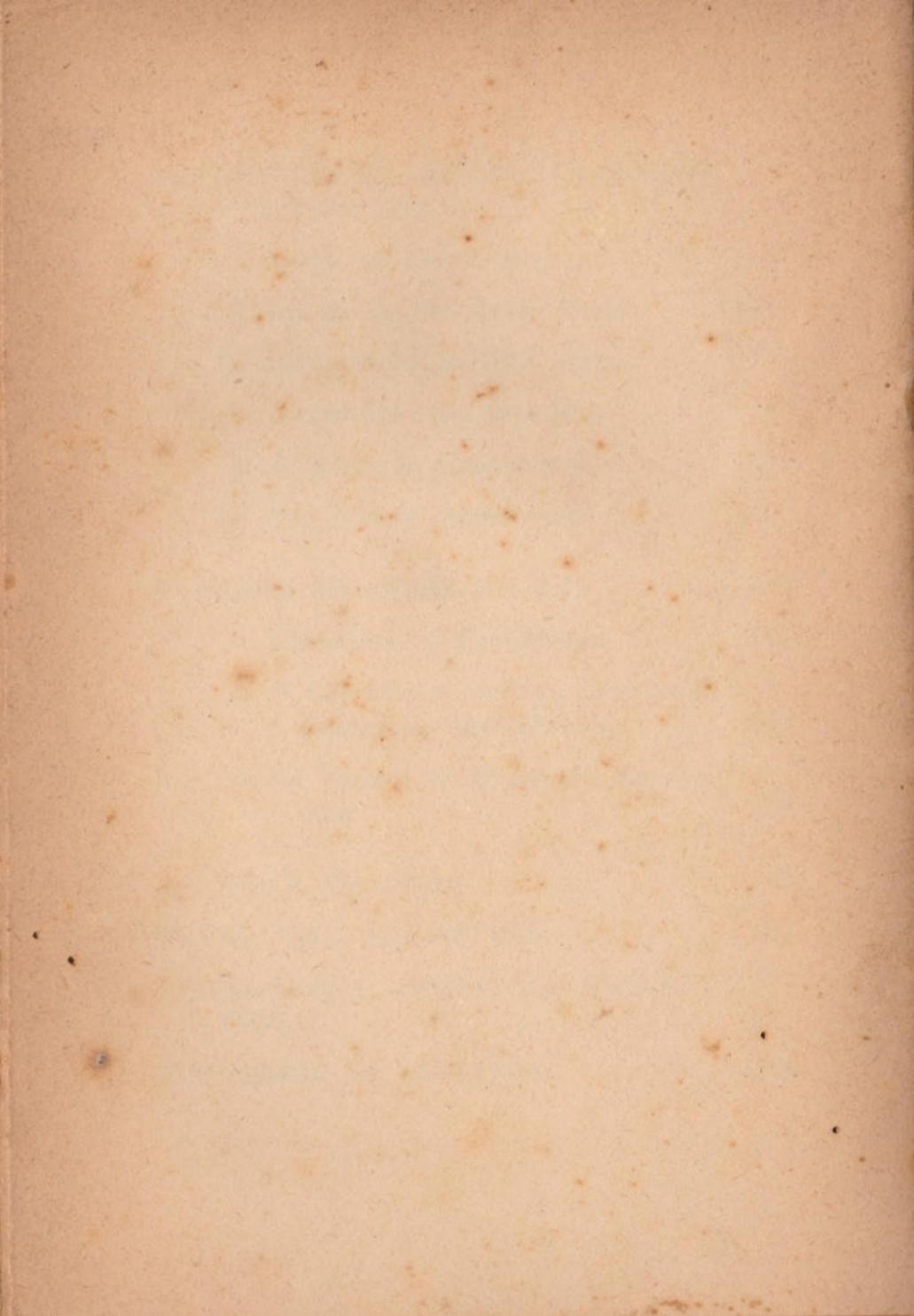
INDICE

INDEX

VOZES NA TEMPESTADE	9
O OUTRO LADO DE DEUS	23
MAPPA-MUNDI	33
O SECULO DO "JAZZ-BAND"	43
MARCHA FUNEBRE	55
SENTIDO DA TRISTEZA E DA ALE- GRIA	65
O FILHO DE LINDBERGH	75
O PENULTIMO PARCEIRO	83
O DIAGOLO DOS ATLANTES	93
IMPERIALISMO E DEMOCRACIA	105

NACIONALISMO E COLLABORAÇÃO INTERNACIONAL	115
I <i>Indole do Estado Fascista</i>	117
II <i>Sentido da Politica do Mundo</i>	125
III <i>Difficuldades da hora presente</i>	133
IV <i>Restauração da Autoridade</i>	141
V <i>A Soberania Financeira</i>	149
IV <i>Que attitude assumiremos?</i>	157
ELEIÇÕES INGLEZAS DE 1931	165
I <i>Liberalismo e Trabalhismo</i>	167
II <i>O Liberalismo morreu; a Social- Democracia está morrendo.</i>	167
III <i>Na Vespera da Dissolução dos Par- tidos</i>	185
NA HORA DA CRISE	195
REVOLUÇÃO ARGENTINA	203
LIBERDADE, CAMINHO DA ESCRAVI- DÃO	217
CORTEMOS AS AMARRAS!	225





Obras de Humberto de Campos

Memorias, 1. ^a parte, 5. ^a edição. . .	10\$000
Sombras que sofrem, 2. ^a edição. . .	6\$000
Os Párias, 4. ^a ed. . .	6\$000
A' Sombra das Tamareiras	6\$000
Carvalhos e Roseiras, 3. ^a edição . . .	6\$000
O Monstro e outros contos, 3. ^a edição . . .	6\$000
Poesias completas, 2. ^a edição	8\$000
Lagartas e Libelulas, 2. ^a edição	6\$000
Destinos.	6\$000

PUBLICAREMOS BREVEMENTE:

Memorias, 2. ^a parte.
Crítica, 1. ^a e 2. ^a série — novas edições.
Crítica, 3. ^a série.

Edições da
**Livraria
José Olympio
Editora**

Rua do Ouvidor n. 110
Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA CUPOLO
Rua do Seminario, 187
S. PAULO

1191079334-0
BANGUÊ

DE **JOSE' LINS DO REGO**

OPINIÕES DA CRITICA BRASILEIRA

BANGUÊ é indubitavelmente o apice dos tres livros e creio que de toda a obra.
JOSE' GERALDO VIEIRA

Ahi o que se pode chamar a vida da narração vae aos limites da obra-prima.
AGRIPPINO GRIECCO

Eu quero crer que poucos romancistas brasileiros tenham o poder de se encarnar nos seus personagens como o autor de **BANGUÊ**, levando para elles toda a agonia e a vibração dos seus nervos.

OLIVIO MONTENEGRO

BANGUÊ é o melhor livro de José Lins do Rego e um dos melhores do Brasil.
JORGE AMADO

A vida do engenho e as vidas de gente que o romancista expõe no seu fresco, teem um meridiano sexual, essa cousa humana demais feito eixo. O corpo de seu cyclo de romances tem isso de grande, de universal: a sua zona erógena.

VALDEMAR CAVALCANTI

Tudo isso é de uma belleza simples e grande. E' como a vida mesma para quem sabe captal-a na sua realidade.

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA

Gilberto Freire é o grande sociologo das Casas Grandes e Senzalas e José Lins do Rego o seu romancista.

ANNIBAL FERNANDES

BANGUÊ é um livro que deixa á mostra "as raizes das coisas".

EUGENIO GOMES

Eu considero o **BANGUÊ** a epopéa da aristocracia rural do nordeste.

PEREGRINO JUNIOR

Com **BANGUÊ** attinge o sr. José do Rego a fileira dos mestres.

LIVIO XAVIER

BANGUÊ é um grande livro, é um livro macho.

RUBEM BRAGA

Parece-me que neste ultimo livro José Lins do Rego conseguiu attingir o maximo em romance.

TELMO VERGADA

Eu não hesito em dizer que este romance, regional pelo motivo, nem por isso deixa de ter um sentido mais largo, um sentido universal, profundamente humano, cousa desconhecida mesmo incluindo a literatura interessada, de classe, no Brasil.

EDISON CARNEIRO

José Lins do Rego pode ficar convencido de que, com **BANGUÊ**, nos deu o maior romance do norte apparecido até hoje.

ROCHA FILHO

Livro profundamente triste, porque é profundamente real.

ODORICO TAVARES

José Lins do Rego nos deu um grande livro.

CARLOS DE LACERDA

Em **BANGUÊ**, muito mais seriamente doloroso do que os livros anteriores, respira-se, vive-se com mais realidade.

ANDRADE MURIOY

BANGUÊ pode ser considerado um livro notavel.

MARIO POPPE